

REVISTA DA SEMANA

N.º 15

CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

10-4-48





MIL ASSUNTOS



Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, para 1948, que está à venda em todo o Brasil.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL
SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**
Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro



ALMANAQUE EU SEI TUDO

CONVERSANDO DEBAIXO DA LUA

EU me sentei sobre a grama, mas ele achou que não ficava direito e providenciou uma cadeira. Depois comparamos as marcas de cigarros e vimos que fumávamos uma igual. Deu uma solidariedade muito grande. "Não tem cigarro por aí igual a esse", me disse. Mas, eu queria saber o que é que ele fazia com cacos de vidro e papéis velhos. Então me explicou: "Caco de vidro tem muita utilidade. A gente vende nas fábricas de vidro. E papel velho também. Ferrinhos, parafusos, metais, tudo isso presta". E com os olhos cheios de sabedoria me informou: "Essas madamas botam tudo fora. A gente cata." Pensei que tinha uns dez anos de idade. Estava de posse de quatorze. Os ombros eram resguardados por uma camisa fina, os braços magros se agitavam com movimentos muito decisivos. Minha ignorância a respeito dos cacos de vidro o divertia. Tinha seis anos, quando começara a sair por aí, muito cedo, de madrugada, por causa dos vidros e daquelas outras coisas. Pagavam-lhe a duzentos réis o quilo. Naquele tempo com duzentos réis podia-se comprar alguma coisa. Ele conseguia sempre uns dez quilos de papel, vidro e ferrinhos. Dava para a comida. Olhou-me com os olhos transbordantes de experiência. "Mas, hoje, hein, madama?" Comecei a rir com ele. "Mas, hoje, hein?" — repeti.

Deu uma saudade nele daquele tempo. Ficou olhando o amigo que estava junto. "Esse que está aí é engraxate". Então o amigo dele estendeu a mão e eu perguntei se queria um cigarro. Não queria. "A mãe largou ele quando ele ainda era muito pequeno", me disse. O engraxate sorriu e me contou que depois ela havia voltado. "Passou dez anos longe da gente. Voltou e deu uma moeda de um cruzeiro para cada um. Que adiantou?" — perguntou com zombaria. Realmente, era inexplicável. O outro se torceu de rir. Dali a pouco nós três estávamos atacados da mais sincera hilaridade. "Esse sujeito sempre foi azarento". O outro tomou um ar resignado. "Se não fosse eu, ele amanhã nem ia trabalhar. Está sem graxa". Olhou o amigo com um ar protetor. "Mas, deixa que eu compro".

Puxou-me para um lado e disse que o engraxate perdia tudo no jogo. Eu quis saber que jogo era. "Qualquer um", respondeu, "o que ele quer é jogar". Já tinha tirado o amigo de cada apêlto! Mas estava acostumado. Toda vida fora chefe de família. No tempo dos cacos de vidro, o pai estava tuberculoso. Tinha oito irmãos. Cada um trabalhava de um modo. O mais novo, de quatro anos, ficava em casa com a mãe, mas também ajudava. Ajudava como? perguntei, ainda que com certa vergonha. "Carregando água, ué!"

Tinha muito medo de algum dia ser empregado dos Correios. O pai tinha sido e ficara tuberculoso. Tuberculoso precisa comer maçã, pera, uva, carne, galinha, ovos, beber leite, tomar remédio e não fazer nada. Um perigo de doença. O pai tinha aquilo tudo e não ficava bom. Deu uma certa melancolia nele. Os braços arriaram. O cigarro ficou pendurado entre os dedos magros.

Todo o dinheiro apurado pelos filhos era consumido naquela luta contra a tuberculose do pai. Ninguém tocava numa pera, num pouco de leite, num pinga de manteiga. Era tudo do pai. Nem o mais novo. Ninguém. "Que é que vocês comem?" Ele olhou com benevolência. "A gente chegava da rua, tomava café, comia um pedaço de pão e, — pronto! — já estava alimentado". Declarou-me com orgulho: "Meu pai durou um ano e seis meses. Se não fosse a gente, não durava nem dois". Fiz que sim com a cabeça e procurei outro cigarro. "Puxa, que a gente passou cada apêlto! Mas já faz tempo. Isso foi quando eu era criança!" E então me disse que agora as coisas estavam diferentes. Ganhava bastante. Gastava muito, porque ia sempre a cinema, comprava coisas, emprestava dinheiro. Olhou o amigo de vez. O engraxate fez um ar de quem deve, mas vai pagar. Queria ser jóquei. Estava treinando. O medo era que começasse a crescer e não pudesse parar mais. "Jóquei tem que ser pequeno", me disse, acostumado já com a minha ignorância. "E magro". Magro já era, mas dava umas corridas diárias para evitar que as banhas aparecessem. O dinheiro dele vinha das "barbadas". Dessa vez me absteve de perguntar. Mas era tão importante, tão importante! Vivia daquilo. Afinal, perguntei. Ele cotucou o amigo, começaram a rir. Não sabe o que é uma "barbada"? Não sabia. Se vocês que estão me lendo não souberem, convém que procurem explicações alhures. Eu me ri como ele, porque foi assim que ele fez e acho que é assim que se deve fazer, quando alguém não sabe o que é uma "barbada". Fiquei sabendo e é uma coisa bem interessante. Ele me garantiu que, no dia que eu quisesse, me daria "barbadas" para qualquer páreo. Não saía do Jóquei Clube. Quase vivia lá. O engraxate às vezes se desapertava com as "barbadas" dele. Nesse momento da conversa, olhei para cima e vi que estávamos bem debaixo da lua. Ele ficou alarmado. "Vamos mudar de lugar, vamos, que isso dá azar!" E com um puxão advertiu o amigo. "Você saia já daí!" O engraxate deu um salto, eu apanhei a cadeira, fomos para outro lado. Depois ele ficou liberal e me ofereceu um guaraná. Aceitei com a condição de pagar os sanduíches.

LUCIA BENEDETTI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

LEIAM

COLABORAÇÃO:

Conversando debaixo da lua (Lucia Benedetti)	3
A questão Lobo Leite (Viriato Corrêa)	21

BIOGRAFIA:

A vida de Renoir (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	22/23
---	-------

REPORTAGENS:

70% das alunas de Belas-Artes são mulheres! (Ney Machado)	6/10
Será aqui o campo de batalha da nova guerra? (Aldo Morelli-Keystone)	26/29
A volta de Vivien Leigh	18/19

CONTOS:

As pantufas e as galinhas bovinas (Paulo Pinho)	14/15
Três chelins e meio (Winifred Holtby)	16
A cocada branca (C. Bousfield Vieira)	20
Um pobre homem rico (Miguel de Unamuno)	24/25

CARICATURA:

Bom humor	12/13
---------------------	-------

SEÇÕES PERMANENTES:

A semana em revista	4
O mundo marcha	5
Música	11
Gente de rádio	17
Cancioneiro internacional	42
Pelas estradas do céu	50
Caixa de ressonância (Demóstenes Varella)	39

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos	31
A personalidade da semana	32
Intimidade	32/33
"Slacks"	34/35
Do guarda-roupa de Merle Oberon	36/37
Sugestões de Laraine Day	38/39
O espírito feminino através dos tempos	34
Mães e filhos	35
Muro das Lamentações	38
Week-End na Cozinha	41

ILUSTRAÇÕES:

De Orlando Mattos, Armando Pacheco, Anna Zagorska e Abelardo Zaluar.

NOSSA CAPA

Figura hoje em nossa capa uma sugestiva .pôse da encantadora artista da RKO Rádio, Barbara Bates, que, nos últimos meses, tem logrado ascender, no mundo cinematográfico graças ao seu talento e à sua beleza. Os fãs têm razão de sobra para admirar Barbara Bates e nossa capa de hoje é um expressivo documento de sua beleza.



a Semana em Revista

A ALARMANTE DECADÊNCIA DO ENSINO SECUNDÁRIO...



Quando se verifica que é permitido, é aceito, é "legal", em suma, afixar num prédio um cartaz com os dizeres: "Artigo 91 — Todos os preparatórios em um ano", não se pode deixar de reconhecer nisso um índice alarmante da decadência do nosso ensino secundário. O que acontece é que muitas pessoas fazem esses preparatórios de modo "facilitado", sem saber bem as matérias, e que nos exames vestibulares acabam levando bombas espetaculares... No estabelecimento de ensino, em geral, são tantas as reformas, as trocas de livros, as complicações dos programas, que os estudantes acabam fingindo saber tudo, sem na verdade saber nada... Manuel Bandeira, o grande poeta brasileiro, que é também professor da Faculdade Nacional de Filosofia, já escreveu nas "Crônicas da Província do Brasil" páginas escandalizadas, em que narra seus depoimentos pessoais, como examinador de futuras professoras, na antiga Escola Normal. As confusões eram enormes... em certos casos. Ainda agora houve casos curiosos, em tudo quanto foi exame vestibular. Diz-se que na Faculdade de Medicina houve quem dissesse que "o esqueleto é uma das sete partes do corpo humano". Na Escola de Engenharia, foi uma vergonha. De 630 candidatos, foram aprovados apenas 14! E isso com o máximo de boa vontade, — pois as notas já haviam sido reduzidas de 5 para 4... Na Escola de Engenharia, um desses estudantes ignorantes, não sabendo dar a resposta certa às perguntas da

prova escrita, fez-se poeta galato e escreveu esta versalhada ruim, mas com alguma auto-crítica:

"Quanta "burrice" reunida!
Quanta "besteira" a escrever!
Nesta prova tão renhida,
Quanta questão sem fazer!"

A primeira já não sai;
A segunda é mui banal;
Quanto as outras, confessais!
Só resolve quem é o "tal".

A escola se esvai ao longe,
Pois que o tempo vai se escoando,
Estudando como um monge...
Passarei... mas não sei quando!

Viva o vigia feroz!
Viva a escola e sua grei!
Viva a agonia atroz!
Viva o "pau" que levarei."

Tudo isso poderia ser até mesmo engraçado, se não fosse triste, muito triste mesmo...

A CONFERÊNCIA DE BOGOTÁ E O DISCURSO DO CHANCELER DO MÉXICO



Importantes discursos estão sendo proferidos na Conferência Inter-Americana que ora se realiza em Bogotá, na Colômbia. Falou em nome do Brasil o chefe da nossa delegação, sr. João Neves da Fontoura. Falou em nome dos Estados Unidos o general George Marshall, responsável pela orientação do Departamento de Estado. Falou também o chanceler do México, sr. Jayme Torres Bodet, que já conquistara renome internacional na Conferência do ano passado, em Petrópolis. Foi um grande discurso, um discurso marcante, uma série de palavras inspiradas e destinadas a alcançar grande repercussão em toda a América Latina. Dêse discurso, magnífico e oportuno, achamos interessante destacar nestas colunas este trecho, — e este simples fato fica valendo pelos nossos aplausos ao chanceler mexicano: "Quanto ao sistema americano, o que digo é que a América está nascendo. Não limitemos com reticências mesquinhas a prodigiosa vitalidade do nosso Hemisfério. Há necessidade urgente do estabelecimento da cooperação econômica. Não esperamos que coisa nenhuma nem ninguém possa substituir-se ao esforço que cada um de nossos povos tem, por si

mesmo, o dever de desenvolver. Seria imperdoável deixar cada nação ao capricho do infortúnio e do isolamento, quando os esforços individuais não alcançam êxito. O México não participa dessa tendência, porque sob o solio da Boa Vizinhaça não poderíamos imaginar interdependência econômica que significasse perda de interdependência. O princípio do livre acesso às matérias primas, com a mesma igualdade do acesso dos bens da produção industrial conveniente e justa. O ajuste dos mercados permitindo colocar os produtos das nações débeis em condições equitativas. Assim meu governo preconizou que se reconheça como dever de todas as nossas repúblicas o prestar assistência econômica às que dela necessitam. Essa colaboração deve determinar-se mediante um conselho econômico e social vigorosamente renovado, com os seguintes propósitos: outorgar ajuda técnica imprescindível para uma política econômica bem planejada; combater a instabilidade monetária e contribuir para o financiamento, por créditos amplos, dos projetos nacionais que demandem inversões a longo prazo. A união americana é urgente, para a nossa libertação econômica, pois uma estrutura inter-americana sólida não poderá erguer-se sobre economias raquíticas. Tenho fé na universalidade da Civilização e na Civilização pela liberdade. Essa fé constitui o escudo inviolável da nossa América. Mantenhamo-la sem desfalecimento."

O PREFEITO E OS VETOS



No ano passado foi discutido, combatido e apolado, de acôrdo com as tendências políticas de cada um, a questão da apreciação dos vetos do prefeito às resoluções da Câmara Municipal. Vetado um projeto de lei da Câmara dos Vereadores, cabe ao Senado apreciá-lo, forma consentânea com o que preceitua a Lei Orgânica. Vários edis protestaram contra a intromissão do Senado em coisas municipais, achando alguns que isso tirava a autonomia da Câmara do Distrito, já que esta não poderia discutir em última instância a aprovação ou não aprovação das leis que propusesse. O vereador Carlos Lacerda foi ao limite de pedir a sua demissão do cargo que obtivera como representante do povo carioca, demissão que foi homologada agora, com a reabertura da Câmara Municipal. Outras vozes se levantaram contra essa medida e afirmavam que sem a volta do veto aos edis, o prefeito ficaria onipotente, imperando, quase, acima do legislativo carioca. Entretanto, o que acabamos de ver desmente aquelas afirmações avançadas. O prefeito não ficou de modo nenhum com a soberania onipotente que lhe quiseram emprestar. Isto porque o Senado Federal, que ficou encarregado de apreciar os seus vetos, mostrou-se de uma independência louvável ao discutir na semana passada vinte e sete vetos do senhor Angelo Mendes de Moraes. Quatro vetos foram rejeitados totalmente, depois de longamente discutidos

e muitos outros tiveram vários dispositivos rejeitados. Os quatro rejeitados foram os seguintes: 1) o veto do prefeito à resolução que suspende, por dois anos, a obrigatoriedade da construção de muros e passeios na testada de prédios e terrenos, na zona suburbana e rural (arts. 477 e 490 do dec. 6.000); 2) o veto do prefeito ao projeto que estende à Cooperativa dos Servidores Públicos os favores concedidos pela legislação vigente sobre cooperativas; 3) o veto do prefeito à resolução que autorizava a abertura do crédito suplementar de Cr\$ 40.363,80 para pagamento de gratificações a servidores das repartições subordinadas à Secretaria da Agricultura; 4) o veto do prefeito à resolução que autorizava a obter o financiamento do Banco da Prefeitura para aquisição ou construção de imóveis destinados à residência de ex-combatentes ainda não proprietários e pertencentes aos quadros dos servidores públicos locais. Esses foram os quatro vetos rejeitados totalmente. Como se observa, o Senado mostrou que pode estar vigilante no auxílio dos interesses da população. Argumentarão alguns que vetos de maior gravidade não foram rejeitados, como o que regulariza o uso de automóveis oficiais pela Prefeitura, o que disporia sobre a produção, beneficiamento, industrialização e comércio do leite no Distrito Federal e muitos outros. É possível que tal tenha acontecido, mas o que é importante, é que o Senado provou que poderá ajudar em muito as pretensões da Câmara Municipal. A Prefeitura não ficará autônoma, com atribuições simultâneas de órgão legislativo e executivo. Caberá à Câmara Alta fiscalizá-la com prudência e honestidade. Se não o fizer, a culpa não será da Lei Orgânica...

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 15 — 10-4-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A décima das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telex. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap.

Salomão, 87 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro

Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 32 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



A senhora Roosevelt pediu demissão da O.N.U., por não estar de acôrdo com a partilha da Palestina. Enquanto os membros da O.N.U. opinam pró ou contra a divisão, centenas de árabes e judeus morrem todos os dias na Terra Santa. Que Solução!... Em New Haven, Estados Unidos, uma águia chocou-se com um avião, derrubando-o e provocando a morte de seus cinco passageiros... Pittigrilli, o famoso romancista fescenino italiano, foi um dos poucos intelectuais a abraçar ardorosamente o fascismo. Com a queda deste, viu-se no ostracismo e no repúdio universal. Agora, notícias de Buenos Aires informam que Dino Segre (Pittigrilli) renegou suas cinco primeiras obras por serem céticas e materialistas. O autor de «Uma loura dolicocefala» declarou ter encontrado Deus e espera que seja perdoado tal qual o foi a pecadora Madalena... Os Estados Unidos estão estudando a convocação de duzentos mil homens até o fim de 1948. Os veteranos ainda não foram totalmente desmobilizados e os governos já se apressam para a nova hecatombe... Transita pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara um projeto de lei do deputado Café Filho, segundo o qual os jornalistas só poderão ser presos em sala especial do Estado Maior do Exército, até que o processo criminal passe em julgado. Antes lá que na Polícia Especial... Em Buenos Aires, num jogo de futebol da Liga Independente, o juiz Salvador Naredo marcou uma infração que não agradou a um dos «teams». Torcedores e jogadores aliaram-se contra o pobre juiz e o espancaram até matá-lo. E ainda se queixam dos torcedores cariocas, que só têm coragem de atirar uns tijolinhos na cabeça dos árbitros... Informa a Secretaria de Agricultura do Distrito Federal que estão sobrando quinhentos mil quilos de carne nos frigoríficos da cidade, e que a produção já supera o consumo. Conversa de Armour, Swift e companhia! O que está faltando é dinheiro para comprar carne de primeira no câmbio negro... Durante a travessia do bondinho entre os morros da Babilônia e Pão de Açúcar, o empregado Cândido Madureira perdeu o equilíbrio quando esticava um fio de luz, por cima do funicular, despencando-se lá do alto e caindo junto ao mar. Veio a falecer depois de internado no Hospital Miguel Couto. Há pouco tempo fizemos uma reportagem sobre as precárias condições de vida que levam os empregados da empresa exploradora, na qual recebem salários baixíssimos. Qual o montante do seguro que receberá a viúva do operário morto?... No Pará quinhentos índios invadiram uma aldeia de garimpeiros próxima à Cachoeira de Itaboca. Não houve massacre nem escarpelamentos. Os selvícolas, que ainda não importam conservas americanas, tinham apenas fome e, como presa de guerra, carregaram os mantimentos dos garimpeiros. Como se vê, não é só o carloca que luta para obter o seu feijão! A crise dos estômagos é geral... Segundo notícias de um vespertino, o pároco de Grajaú resolveu modernizar a sua igreja. Abandonou o arcaico badalar dos sinos e chama o pessoal para a missa das almas com o estouro de grandes foguetões. Os fiéis não concordaram com a inovação e vão se queixar ao bispo... O negociante Antônio de Souza Dias entrou num bar da rua Clapp e pediu uma cerveja. Tomou o primeiro gole, achou um gosto esquisito na boca, olhou o fundo da garrafa e viu um... camondongo! O freguês sentiu tanta náusea que foi parar na Assistência. A imprensa não revelou a marca da cerveja. Teria sido marca «Rato»?... O presidente da República proibiu até segunda ordem as exportações dos gêneros alimentícios. Muito bem, senhor general; a fome é grande na Europa, mas já provou o ministro do Exterior da Colômbia, em discurso proferido na Conferência de Bogotá, que vários países sul-americanos estão em regime de sub-nutrição mais precário que os europeus... Mais um «tamborete» abriu falência. Desta vez foi a Casa Bancária Lage & Cia., que não conseguiu descontar um cheque de cem mil cruzeiros. Os banqueiros (?) Renaud Lage e Rubens Rodrigues de Carvalho desapareceram... Um fato extra-programa e surpreendente aconteceu a semana passada no Teatro Serrador. Um indivíduo, vítima de perturbação mental, ao que se presume, durante a representação da peça «A pequena Catarina», que via pela quarta vez, na interpretação de Bibi Ferreira, subiu ao palco e, sem mais aquela, avançou contra a jovem artista, tentando estrangulá-la. Prêso pelos atores e empregados, com auxílio da Rádio-Patrolha, foi conduzido ao 5º Distrito Policial. Foi a segunda vez que o lunático interrompeu a representação da peça, tentando investir contra a «estrêla»... Dois valiosos quadros, «Paisagem», de Corot, e «Cabeça de menina», de Renoir, avaliados em 800 e 1.000 libras respectivamente, foram roubados de uma galeria em Londres. Não se preocupem os adquirentes. Brevemente centenas de «legítimos» «Paisagem» e «Cabeça de menina» estarão à venda... O mecânico Pedro Martingelo, de 67 anos, vive maritalmente com Marilza de Souza, de 17 primaveras. Marilza clismou, certa noite, de entrar em casa com dois homens (na certa, para não se repetir a história do célebre «triângulo»). Pedro, cheio de ciúmes, abriu o gás e saiu de casa. Resultado: toda a vizinhança foi socorrida, vítima de intoxicação... Falou-se muito em intervenção federal em São Paulo, para coibir as chamadas «loucuras do Ademar». Mas o ministro da Guerra, general Canrobert da Costa, que lá esteve como «colheiro» presidencial, garantiu que o governo paulista está integrado na mesma linha de ação do Catete e que o sr. Ademar de Barros está identificado com o governo federal. E agora?... Num acesso de paixão, Valter Ribeiro de Souza Aguiar assassinou a esposa, com punhaladas, uma das quais no coração. Prêso, declarou que a principal responsável pela tragédia conjugal seria sua sogra, d. Lúcia Barata do Nascimento. Esta, contestando o genro, afirmou que o uxoricida abandonara a esposa seis vezes durante sua vida de casado... O sr. Guilherme Romano, a quem o povo deve tanta gratidão pela sua ação enérgica e honesta à frente dos «comandos sanitários», foi removido para o Distrito Sanitário da Penha. E está respondendo a um processo movido pela Prefeitura, relacionado com a sua demissão... Estreou «Anjo Negro» no Fênix, com o sucesso resultante da propaganda gratuita que lhe fez a Censura no Teatro... Continua o êxito de «A pequena Catarina», no Serrador, caminhando para o terceiro mês de representações... Esta semana, a 9, estreará Dulcina e Odilon, no Regina, com a peça de Jean Cocteau «A águia de duas cabeças»... Jaime Costa prepara uma sensacional «reprise» de «Carlota Joaquina» no Teatro Glória... A praça Tiradentes vai estar movimentada, com as funções simultâneas de Chianca de Garcia, Percy Gonçalves e do mágico Fu-Manchú... Por hoje é só... até sábado...

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

AOS NOSSOS LEITORES

Terminada a segunda grande guerra, todos esperavam, para logo, um período de desafogo e facilidades, o que, infelizmente, não aconteceu: continuaram subindo os preços dos materiais e da mão de obra. E não se restabeleceram as facilidades de outrora, no tocante à obtenção das utilidades.

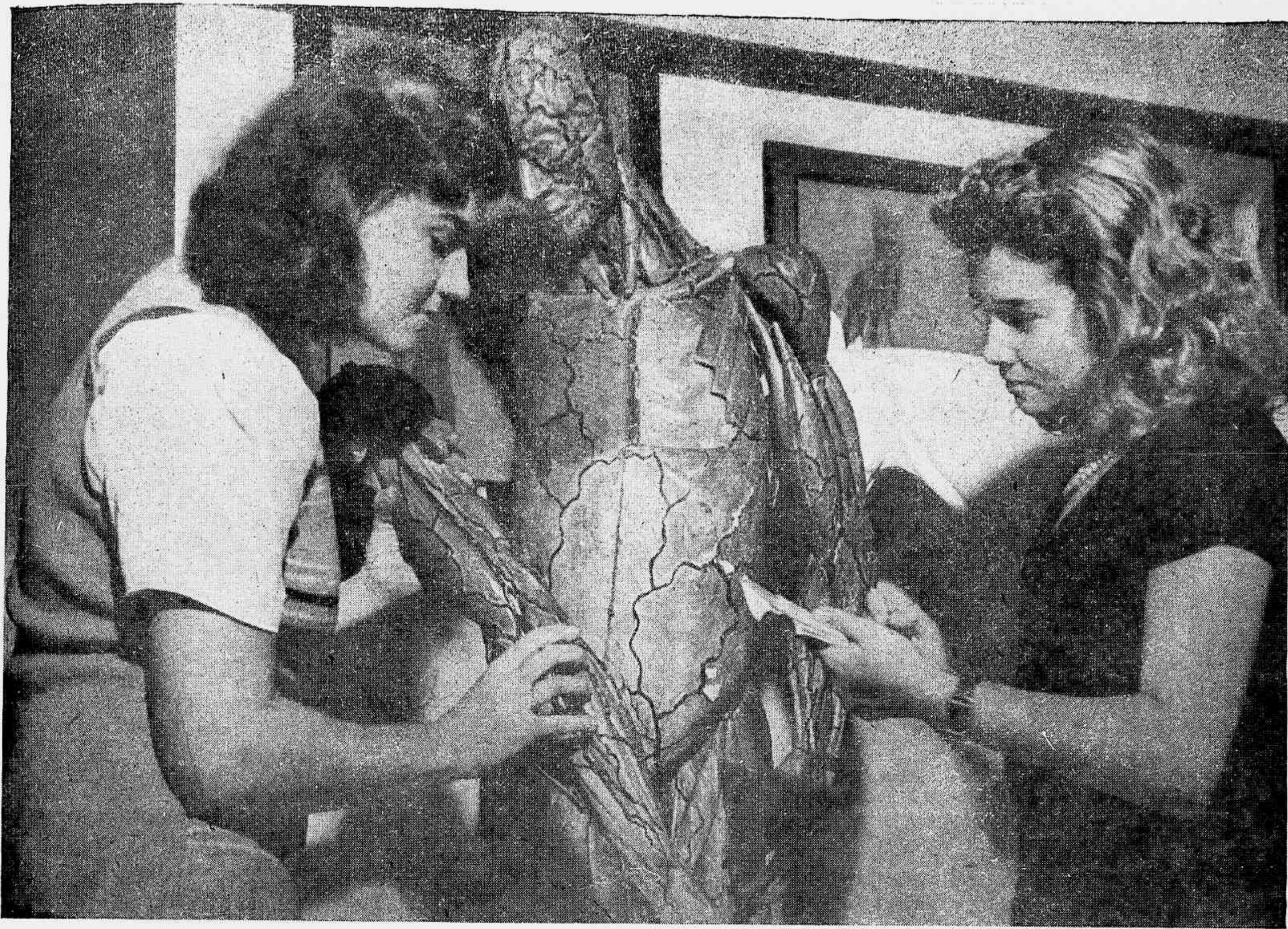
Vamos, porém, oferecer ao nosso público uma **"REVISTA"** com maior número de páginas e confeccionada com melhor material, embora ainda não seja o que desejamos fazer. Mas isso não seria possível ao preço de Cr\$ 2,00, motivo por que, a contar do próximo número, — 17 do corrente, — este semanário custará Cr\$ 3,00, em todo o território nacional.

Não é lícita a venda por preço superior ao que consta na capa, de vez que aos agentes a **"REVISTA"** é fornecida com o necessário desconto.

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS "REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

- 1 — DO PRÊMIO: O vencedor do concurso receberá um prêmio em dinheiro de Cr\$ 10,00, além de uma cópia do livro "O Concurso de Contos de 1947", publicado pela "Revista da Semana".
- 2 — O vencedor do concurso será escolhido pelo júri, formado por cinco membros, nomeados pela "Revista da Semana".
- 3 — O vencedor do concurso deverá ser brasileiro, residente no Brasil, e não poderá ter mais de 30 anos de idade.
- 4 — O vencedor do concurso deverá enviar o seu conto, em uma única folha, datilografada, com o nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 5 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse, humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso. Os anedotas não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





Na página à esquerda: a aluna Sebastiana Bueno queixou-se também dos rapazes que cheios de preconceitos ou de malícia teimam em olhá-las de um modo dúbio. — “Eles não querem compreender que o estudo anômico dos nus é uma função artística e intelectual” — disse-nos ela. Nesta página, em cima: as alunas Dagmar Boschen e Sebastiana Bueno discutindo detalhes da conformação do braço e ante-braço do modelo. O estudo da ENBA, para os que o levam a sério, não é um simples passatempo de encher telas com borrões de tinta. As moças estão compenetradas do valor da profissão de belas artes muito mais do que o julgam os homens. Se estes não tomarem cuidado e deixarem continuar essa diferença do número entre mulheres e homens matriculados, dentro de um decênio elas terão suplantado os seus colegas nessa profissão.

70% DOS ALUNOS DE BELAS ARTES SÃO MULHERES

**ESTARÁ EM DECLÍNIO O TALENTO ARTÍSTICO DOS HOMENS? — ATÉ QUANDO A MULHER ARTISTA SERÁ ES-
MAGADA PELA TIRANIA CONJUGAL? — PORQUE O NOIVO BURGUES ACHA “FEIA” A PROFISSÃO DE PINTORA,
CRESCER O NÚMERO DOS CASAMENTOS ENTRE ARTISTAS E O DAS Vocações Frustradas — APÊLO AOS NOIVOS
PRECONCEITUOSOS**

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

A mulher tomou de assalto a Escola Nacional de Belas Artes. Desde alguns anos, coincidindo com o avanço do feminismo em quase todos os setores profissionais, a E.N.B.A. vem tendo cada ano que passa um contingente cada vez maior de alunas. Atualmente, setenta por cento dos seus estudantes são mulheres. Até aí nada haveria de curioso se não fosse o contraste que existe entre o número das mulheres que estudam artes plásticas e o das que se dedicam, após o longo aprendizado, à escultura, à pintura, à gravura e às artes menores. Como se explica que após cinco anos de estudos diários, quando algumas vocações feminis fazem prever uma artista de mérito, desapareçam quase todas, subitamente, na vida prática? Será que as moças da E.N.B.A. pretendem aprender pintura ou escultura por «snobismo» ou simples diletantismo artístico? O número de pintoras e escultoras em atividade é reduzidíssimo, ao passo que o número das estudantes é três vezes maior que o dos seus colegas do sexo forte. Faltará «elan» às moças estudantes da E.N.B.A.? Essas perguntas, respondidas superficialmente, por alguém que não estude a fundo a posição da mulher na sociedade brasileira, pro-

vocará as mais desconstruídas respostas. Algumas até mesmo desabonadoras para a inteligência da mulher brasileira. Resolvemos investigar o aparente paradoxo com maior cuidado e chegamos a um resultado diferente. No seio da família brasileira — em geral ainda presa a uma série de preconceitos medievais — a profissão das artes plásticas é uma das mais desacreditadas do mundo. Pintor ainda é para muita gente sinônimo de pobreto e farrista. Se um filho tinha a loucura de estudar pintura, era muito triste... «Mas... que se havia de fazer?» — diziam os «velhos». Era dono de sua cabeça e pagaria pela sua falta de juízo. Mas, ainda hoje, se a menina deseja estudar seriamente pintura ou escultura, a família considera o seu ato como um dos sete pecados mortais.

CAMPOFIORITO LEMBRA AS PIONEIRAS

Quirino Campofiorito é um dos grandes batalhadores em prol do incremento das artes plásticas

«—»
Dona Sarah Formenti conseguiu conciliar os seus deveres de boa dona de casa com os de boa pintora. Cuida com igual carinho do lar, da filhinha, do marido e das palhetas. Isso prova que a pintora pode continuar em atividade mesmo depois do “cônjugo vobis”.





Em cima, a aluna Maria Teresa Jordão Vieira desvenda o mistério de uma caveira de burra. Flagrante tomado na aula do professor Galvão. Em baixo, outra aluna da Escola Nacional de Belas Artes, fotografada durante a aula do professor Augusto Bracet. Em todas as salas de aulas, corredores e dependências dessa Escola constitui maioria o elemento feminino. Certos alunos acham que isso não é motivo para susto e dizem que grande parte das moças estuda pintura e escultura por diletantismo. "Nós, os homens, seremos sempre os "tais" das artes plásticas." Entretanto algumas dezenas de moças estão prontas para mostrar que elas também têm direito a um lugar ao sol neste sector. Veremos, mais tarde, quem está com a razão...





Ao alto, à esquerda, a aluna Natália Timberg. À direita: a aluna Esther Neugroschel, filha de poloneses, estuda e aplica os seus conhecimentos em um estabelecimento comercial de modas, desenhando vestidos. Uma das opiniões de Esther é que a diretoria da ENA deveria substituir os modelos de nus, sempre os mesmos, desarmônicos e anti-estéticos, por tipos populares interessantes, como jornaleiros, velhos vendedores, mendigos, etc. Em baixo, à esquerda: Zayda Daltro de Lemos fez esta promessa solene: — "Sei que o casamento impede muitas vezes a continuação da nossa vida artística. Se não encontrar um noivo compreensivo, prefiro ficar solteirona..." À direita, a caloura Irondina Rodrigues da Paz que ainda não sabe dos problemas da mulher nas artes. Mais tarde ela dará a sua opinião.





Dona Georgina de Albuquerque, a vanguardista das mulheres no setor das artes plásticas brasileiras. Vem pintando continuamente desde 1912, quando expôs pela primeira vez no Salão, após ter completado cinco anos de cruzeiro artístico pela Europa, prêmio que lhe fora conferido pela Escola Nacional de Belas Artes. Há vinte anos atrás muita gente duvidava que os quadros assinados com o seu nome fossem realmente de sua autoria.

como fator de cultura da nossa mocidade. Pintor várias vezes premiado, lutou com todas as suas forças pela redemocratização do Salão de Belas Artes, quando o mesmo esteve por vários anos subordinado aos caprichos do sr. Osvaldo Teixeira. Professor catedrático da E.N.B.A., está a par da luta da mulher neste setor. Ele nos relembra os velhos tempos:

— O artista, em geral, não merecia muita confiança da classe burguesa. A arte nunca deu dinheiro. Reconheciam-lhe o talento, mas nem por isso deixava de ser uma dor de cabeça para as famílias de hábitos tradicionais. Quando a mulher, entre nós, quis tomar a sério o estudo da pintura e escultura, sofreu da sociedade tudo quanto se possa imaginar. Ironia, descrédito, — e pouco faltava para que a pintora fosse considerada como mulher sem princípios e sem moral. Lembro-me de que Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, as duas modernistas que, em 1918, revolucionaram o meio pacato de São Paulo, sofreram as maiores ofensas. Até Monteiro Lobato, o vanguardista de hoje, não acreditou na sinceridade de Anita Malfatti, e publicou um artigo desancando-a sem piedade. Entre as bandeirantes que continuaram a lutar num meio hostil e sem esperanças de compreensão, merece destaque a figura ímpar de Georgina de Albuquerque, que pode ser considerada como a pioneira das artes plásticas no Brasil. Ganhou o prêmio de viagem à Europa como aluna da Escola Nacional de Belas Artes, em 1907, se não me engano, e cinco anos depois expunha com sucesso em nosso Salão. Algumas outras apareceram naquela época, como Regina Veiga e Maria Prado Ferreira, mas não continuaram. Georgina de Albuquerque continua até hoje pintando e lecionando na Escola. Seu casamento com um pintor, Lucílio de Albuquerque, ex-diretor da E.N.B.A., de muito lhe serviu para que pudesse prosseguir sua carreira de artista.

O CASAMENTO ENTRE ARTISTAS

Se a moça consegue vencer a barreira da oposição familiar, ou se encontra pais cultos e compreensivos, está tudo muito bem. Matricula-se, cursa os cinco anos de estudos, aperfeiçoa-se. Na hora do noivado vem o grande dilema imposto pelo noivo: ou eu ou a pintura. Quando o noivo não diz nada antes do casamento é porque está deixando para depois a pressão contra as atividades artísticas da esposa. Raro é o marido que, não sendo artista, deixa a mulher se ocupar como semi-profissional da escultura ou da pintura. Vários argumentos são usados pelos maridos do «contra»: que ela precisa cuidar do lar, dos filhos ou de «coisas mais sérias». Seriedade para alguns homens não se coaduna com a pintura de nus ou participação da esposa em reuniões de artistas. Uma das alunas da E.N.B.A., Zayda Daltro de Lemos, disse-nos textualmente:

— Eu sei que o casamento no Brasil ainda é um entrave para as mulheres artistas. Conheço uma porção de casos de alunas da E.N.B.A. que tiveram de abandonar os pincéis e o buril por imposição dos esposos.

E concluiu, depois, com convicção:

— Por isso, já decidi. Prefiro ficar solteirona e continuar estudando e realizando pinturas.

(Cont. na pág. 50)

Haydée Santiago, pintora, casada com o pintor Manoel Santiago, forma ao lado de Georgina Albuquerque, Regina Veiga, Sarah Formentti, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e algumas outras no batalhão das que se vêm mantendo ativas no seu trabalho, apesar do indiferentismo de muitos, da prevenção de outros e da inveja de alguns.

"ELE CANTA BEM... MAS FALA MAL... DA VIDA ALHEIA" — UM REPERTÓRIO RENOVADO — MALAZARTE, DE CAMARGO GUARNIERI — DECLARAÇÕES DO SECRETÁRIO GERAL DO TEATRO SCALA DE MILÃO, SR. LUIGI OLDANI

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

AS intrigas da corte levaram ao conhecimento de Luis XIV que certo cantor, seu protegido, fizera referências pouco amáveis a determinado aristocrata. O rei, entretanto, não se zangou com o artista; limitou-se a comentar:

— Ele canta bem... e fala mal... da vida alheia.

As eternas desavenças de uma nobreza ociosa, espalhada pelas luxuosas dependências do palácio real, não se compararam, todavia, quer na perversidade dos boatos, quer no entrosque das vaidades, às cenas a que os bastidores de um teatro de ópera servem de cenário improvisado. Imaginando-se um ambiente onde a menor palavra fere mais fundo do que os punhais de Lucrecia Borgia e onde os escândalos explodem, destruindo mais do que a bomba atômica, não será difícil compreender por que para desempenhar a espinhosa tarefa de secretário geral do Teatro Scala, de Milão, foi escolhido o sr Luigi Oldani, um verdadeiro diplomata.

Os planos do representante da tradicional casa de espetáculos italiana anima-nos a prever uma temporada lírica vitoriosa para 1948. E esperamos não somente que o Scala nos mande seus melhores artistas, como que, este ano, não se reproduzam as lamentáveis ocorrências de 1947. Bem organizados, os espetáculos, confiados, como certamente serão, à responsabilidade de uma companhia que dis-

põe de recursos e critério, constituirão um sucesso capaz de apagar a má impressão do que se verificou no ano passado.

CENÁRIOS E REPERTÓRIO

O sr. Oldani esclareceu, em primeiro lugar, que o Teatro Scala, especialmente contratado, trará os seus cenários e o guarda-roupa moderno utilizado pela organização, na Itália. Assim, fixados, com o prefeito, os últimos detalhes referentes à temporada, teremos a segurança de que os assinantes não se desampontarão.

No repertório escolhido verifica-se que predominam, como é natural, óperas italianas. Há, porém, como prova de que não se pretende ficar na rotina das temporadas líricas de todo o ano, a promessa de apresentar uma ópera brasileira — "Malazarte", de Camargo Guarnieri, e "L'Enfant et les Sortilèges", de Ravel, duas obras que asseguram a presença de um critério eclético, que acolherá tanto o melodrama lírico do século passado como as obras mais modernas. Além disso, acrescentou ainda o sr. Oldani, em palestra, Mozart figurará com o "Così fan Tutti", recentemente revivido no Metropolitan, de Nova York. Wagner estará no repertório, com "Tristão e Isolda", e de Massenet será apresentado o "Jongleur de Notre Dame", muito pouco conhecido entre nós. Não é só. A "Cenerentola", de Rossini, será, provavelmente,



Elizabeth Barbato, — um dos valores da próxima temporada.

te, encenada. Dessa obra prima ouvimos, recentemente, uma ária interpretada em recital, por Jennie Tourel.

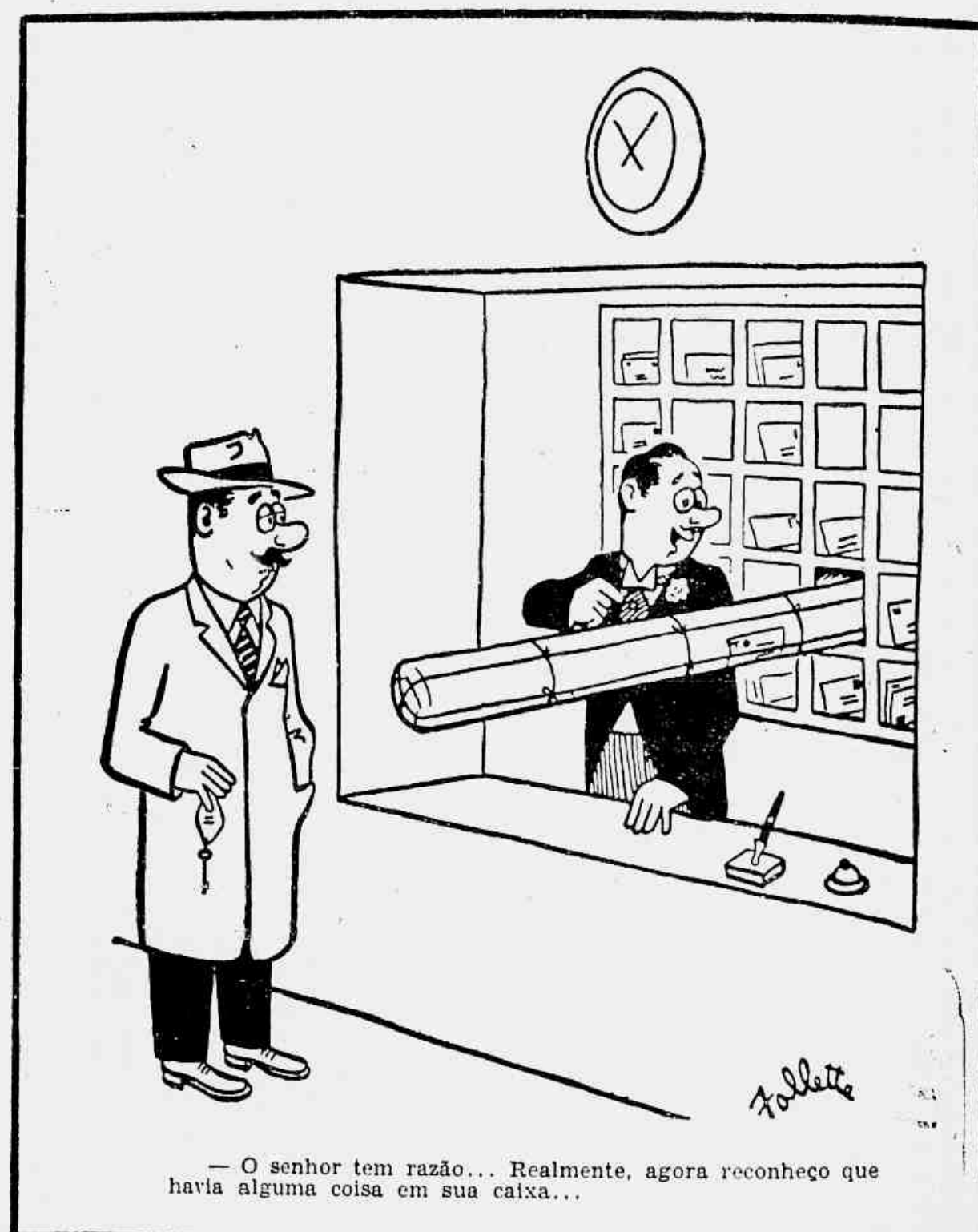
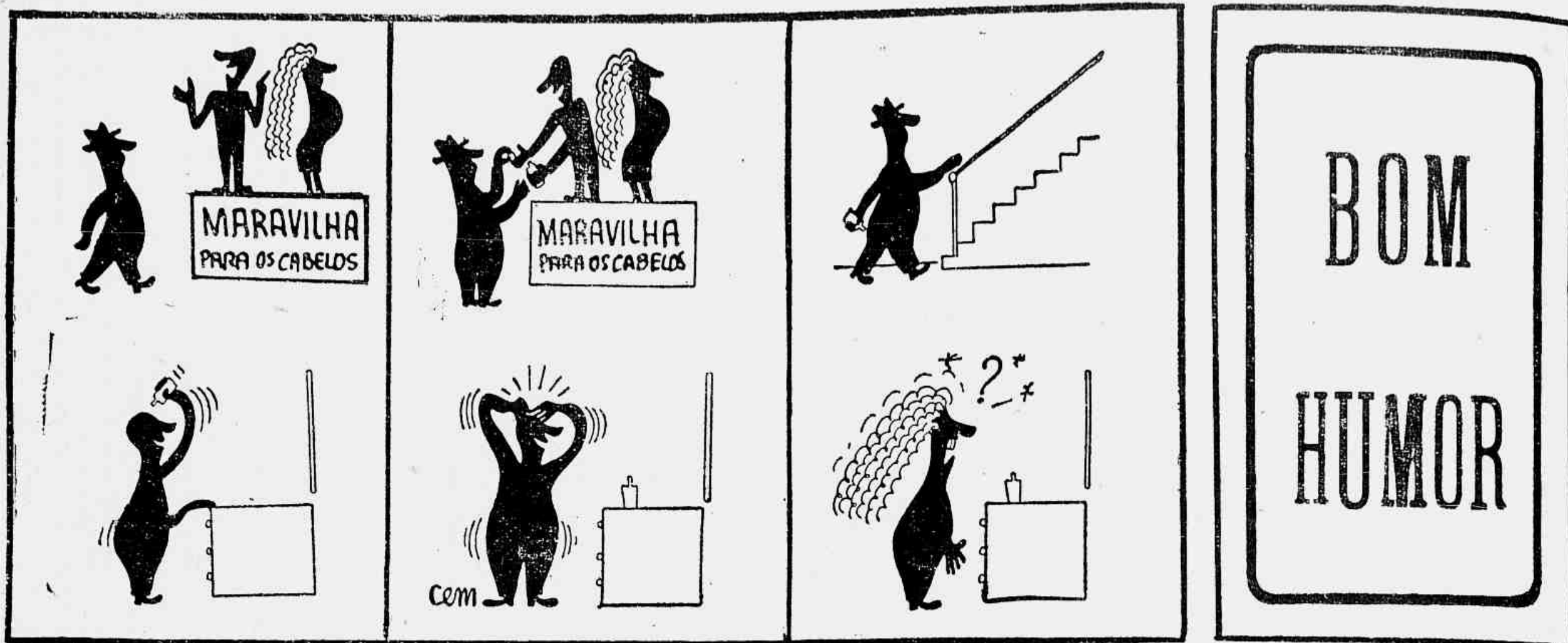
GIGLI NOVAMENTE

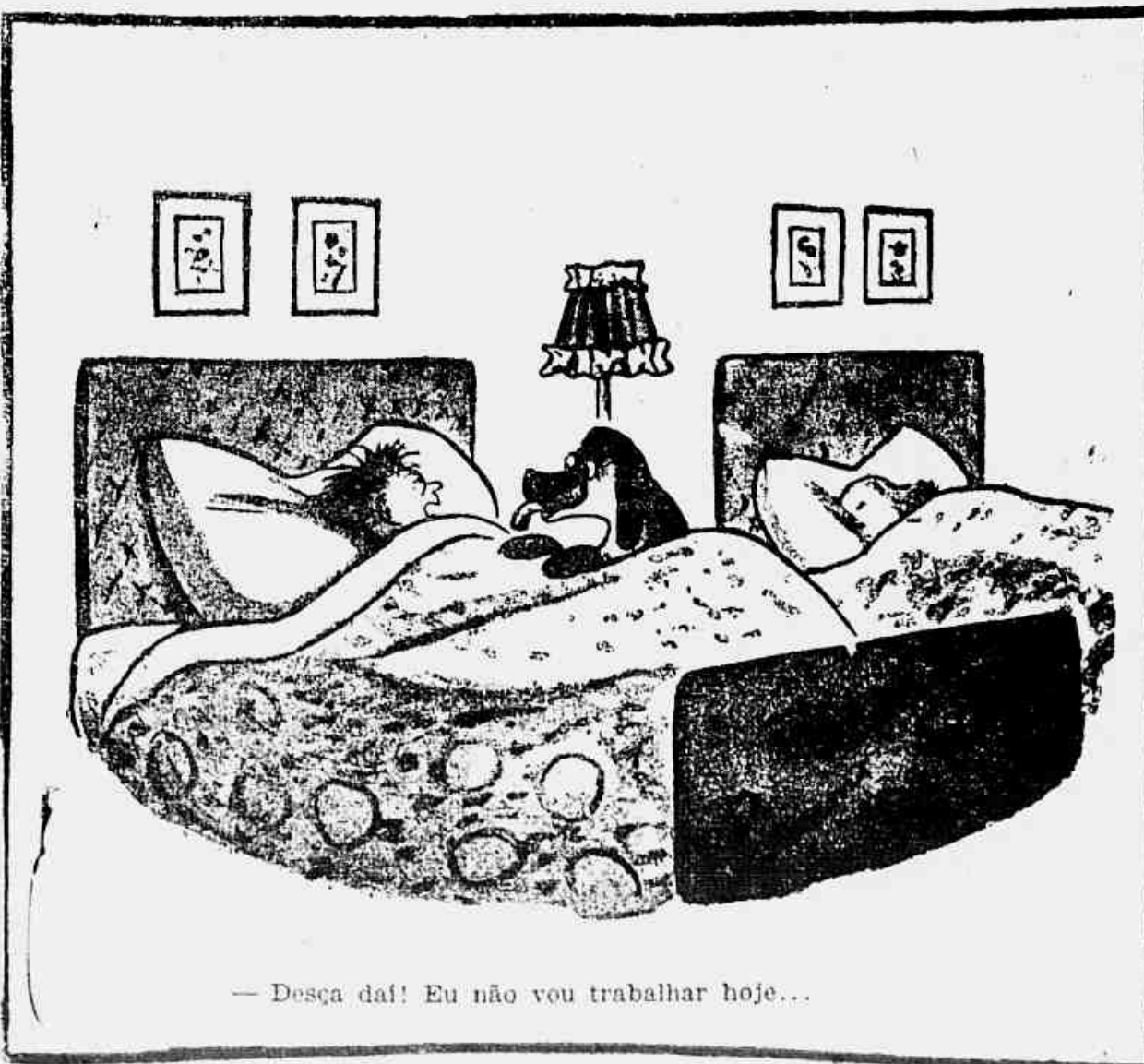
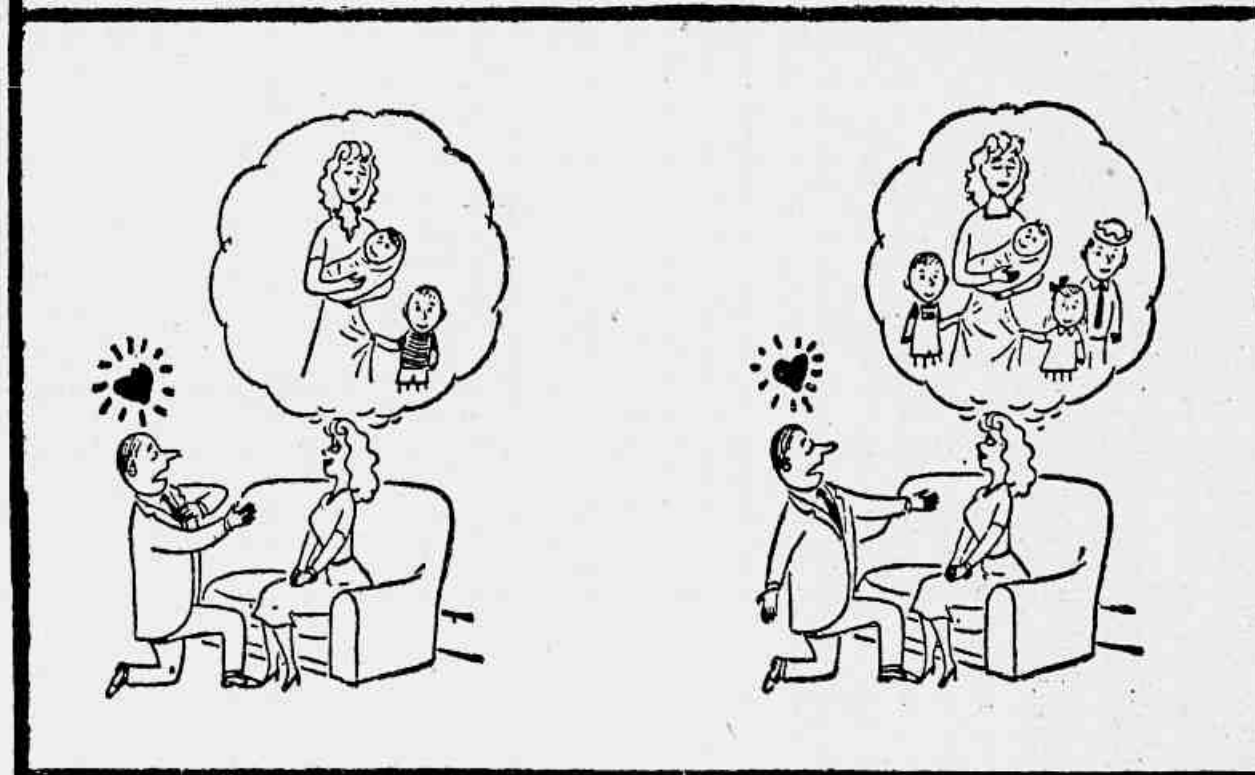
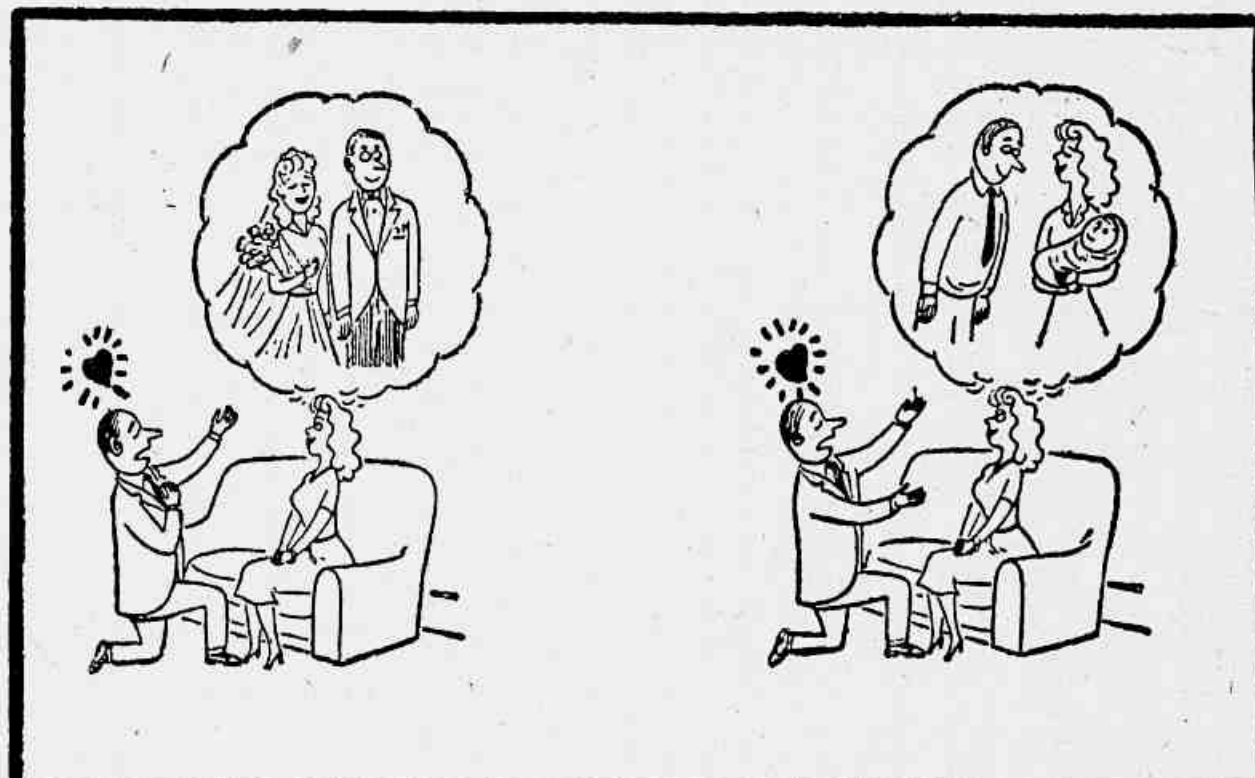
Conforme prometeu, antes de partir, Beniamino Gigli voltará, este ano, e trará sua filha, Rina Gigli, que anda seguindo as pegadas do pai, na carreira lírica. A crítica italiana tranquiliza os espíritos que ficaram um tanto apreensivos, ao ouvirem falar na jovem cantora. Acharam, certamente, que era pouco provável que o talento viesse favorecer duas gerações em seguida. Mas deu-se o milagre.

(Cont. na pág. 50)

A esquerda: Tito Schippa, — outro artista famoso que ouviremos em 1948. À direita: Beniamino Gigli, — que vem aí de novo, este ano.



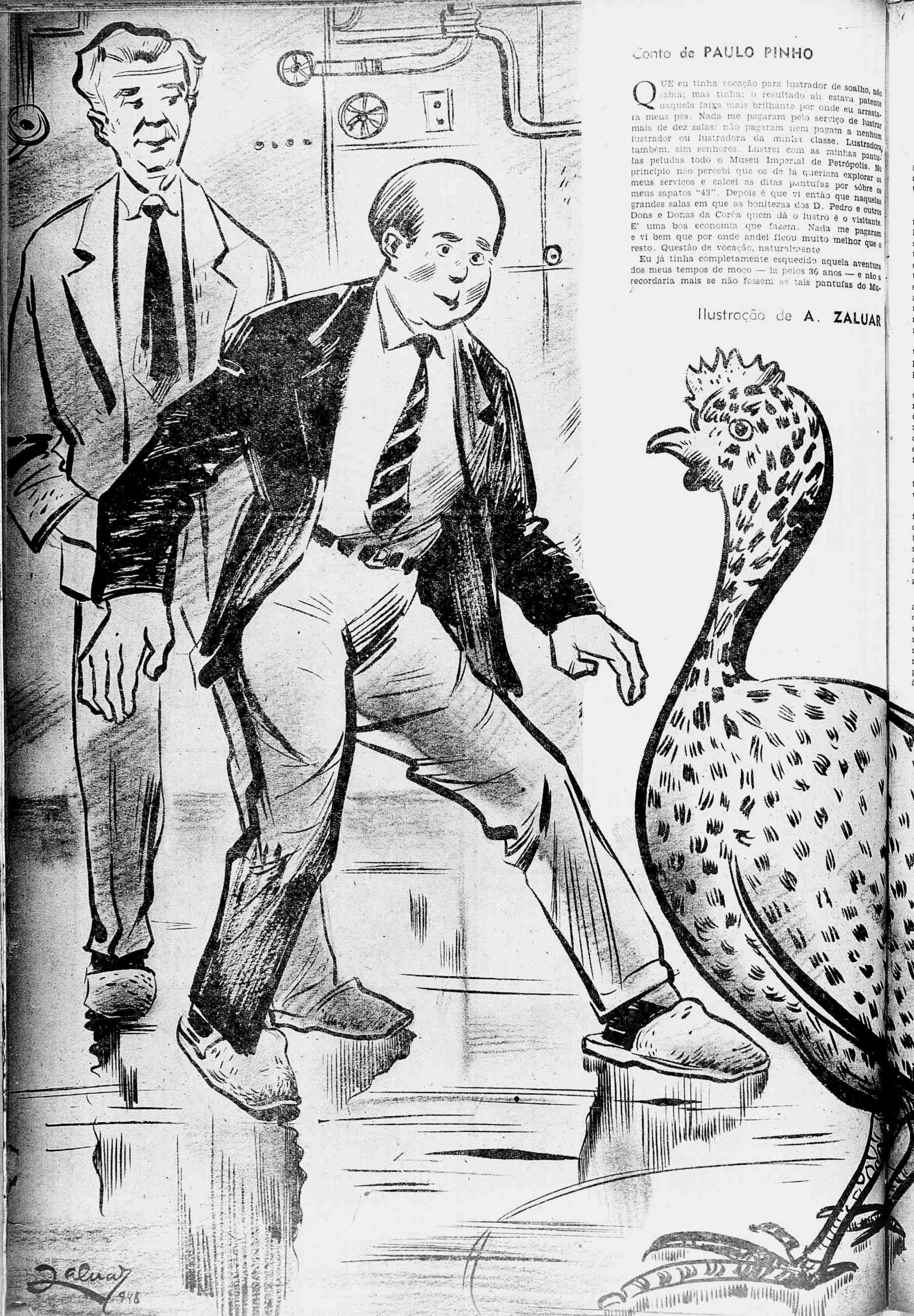




QUE eu tinha vocação para lustrador de soalho, não sabia; mas tinha; o resultado ali estava patente naquela faixa mais brilhante por onde eu arrastava meus pés. Nada me pagaram pelo serviço de lustrar mais de dez salas; não pagaram nem pagam a nenhum lustrador ou lustradora da minha classe. Lustradora, também, sim senhores. Lustrei com as minhas pantufas peludas todo o Museu Imperial de Petrópolis. No princípio não percebi que os de lá queriam explorar os meus serviços e calcei as ditas pantufas por sobre os meus sapatos "43". Depois é que vi então que naquelas grandes salas em que as bonitezas dos D. Pedro e outros Dons e Donas da Corôa quem dá o lustro é o visitante. E' uma boa economia que fazem. Nada me pagaram e vi bem que por onde andei ficou muito melhor que o resto. Questão de vocação, naturalmente.

Eu já tinha completamente esquecido aquela aventura dos meus tempos de moço — lá pelos 36 anos — e não a recordaria mais se não fossem as tais pantufas do Mu-

Ilustração de A. ZALUAR



AS PANTUFAS E AS GALINHAS BOVINAS

seu Imperial. Mas a história das galinhas bovinas vale bem uma perda de tempo. Vá lá.

A gerência do Banco estava sob minha responsabilidade naquela época já há mais de seis anos, quando me apresentaram o professor Ramil Tate. Como todos os que ficam atrás da porta envidrada, enquanto não autorizo a entrada, ele andava para um e outro lado, sentava-se e levantava-se para sentar-se novamente. Psicologicamente tinha uma angústia; como estava ante a gerência de um Banco — angústia de dinheiro.

Meu velho amigo Tavares foi quem o trouxe à minha presença, como pessoa proba, de ficha limpa e pela qual se responsabilizaria "in totum".

— Com a garantia do Tavares, prezado professor, negócio proposto é negócio realizado; pode trazer o título avaliado amanhã às 14 horas. Os cem mil cruzeiros estarão à sua disposição pelos cento e oitenta dias a juros comuns e desta vez tem a clássica comissão por fora...

— E' para uns estudos e experimentos que está fazendo — disse-me o Tavares, e lá se foram ambos.

No vencimento paguei pontualmente; fizemos mais três negócios semelhantes com boas soluções sempre, até que certa vez em que devia ainda cinquenta mil cruzeiros a vencer no fim do mês que corria, chegou-me quase ao fechar a porta para o almoço, esbaterido e dizendo:

— Tenha paciência, mas necessito até amanhã sem falta, de mais cento e cinquenta mil, e desta vez não devo mais usar o amigo Tavares; não tenho mais ninguém, mas, tenha a paciência, dê-me um jeito que minhas experiências finais dependem exclusivamente dessa importância para mandar buscar amanhã à tarde a lava de vulcão.

— Lava de vulcão?

— O' desculpe-me. Estou aturdido. O sucesso crescente me tontea, é a Glória que me chama... depois... como lucrarão todos com os resultados... não haverá mais esta estúpida crise alimentar... Que número de calçado usa o senhor? Quarenta e três? Ah! Este número é difícil, mas eu tenho lá... Ah! Esqueci-me de lhe dizer que vim buscá-lo para almoçar, mas desta vez o amigo não irá comigo àquele restaurante a que temos ido. Iremos a outro lugar. Irá ver como as minhas experiências estão em período final e tenho a certeza que não me negará o auxílio pedido... será a última transação que faremos, pode estar certo.

— Mas isso de dinheiro não depende só de mim; com o aval de um industrial como o Tavares, tudo se conseguirá, mas sem uma garantia semelhante...

— Pedirei então ao Tavares mesmo para assumir mais esta responsabilidade. Ele não o negará, mas antes, faço questão que vá comigo até onde ainda não levei pessoa alguma. O senhor verá e depois me dirá se não tenho razão de quebrar lanças para conseguir o restante que necessito.

— Mas isso é longe?

— E' distante, mas o meu auto está à porta. Antes das 15 horas estaremos de volta, já almoçados e o senhor fazendo outro juízo de mim...

— Bem; vamos então ver as suas novidades, disse eu já pegando o chapéu.

No seu carro voamos pelas avenidas passando as ruas suburbanas e entrando na estrada Rio-Petrópolis. Em cerca de 45 minutos saímos da via asfaltada e por um sacolejante caminho chegamos atrás de um morrote onde um grande muro de mais ou menos quatro metros de alto nos barrou, com seu vasto portão de traves de ferro, blindado nos interstícios, impedindo a visão.

E' aqui que começa a ligação com o caso das pantufas.

Ele abriu o escaninho lateral do auto e de lá tirou um par de pantufas cinzentas, já muito gastas, peludas, e com um solado escuro e mole. Pediu-me que o aguardasse no próprio carro e desceu, rumando ao portão por onde sumiu, depois de uma complicada manobra para sua abertura. Não demorou muito. Cinco minutos depois voltou com dois pares de pantufas, esticando-me o menor deles e dizendo: "Experimente este par sobre os sapatos; caso não sirva temos ainda este outro". Não serviu o primeiro mas o segundo entrou justo.

Ao ver-me calçado, — o que executei sem nenhuma indagação — ("estes pesquisadores são honestos, corretos, mas sempre muito excêntricos" — dizia-me sempre o Tavares) abriu-me logo a porta do carro empurrando-me amistosamente pelo portão a dentro.

Entramos numa espécie de quadrado, cercado pelos altos muros, com cerca de cem metros em cada lado, de chão inteiramente liso e com enormes reservatórios cõr de alumínio como se fossem esses tanques-depósitos de gasolina ou óleo que existem lá pela ilha do Braço Forte na baía de Guanabara. Eram no entretanto menores, talvez com um diâmetro de quatro a cinco metros e, ao que pude rapidamente calcular, em número de dez ou doze. No centro, um bem maior de cõr vermelho-vivo. Todos eram ligados por uma espécie de encaçamento volumoso, mais alto que um homem de pé, também de cõr prateada e formavam no conjunto uma espiral que, interrompida de espaço a espaço pelos tais reservatórios, se iniciava externamente bem à nossa esquerda e terminava no grande pavilhão vermelho do centro.

Cuidado com a porta rotativa, e em hipótese alguma deixe de usar as pantufas — disse-me ele, puxando-me para uma estreita entrada, no início da espiral, no primeiro pavilhão.

As tais pantufas faziam com que eu caminhasse como sobre algodão; suas solas espessas, que eram macias, parecendo de borracha esponjosa e com um cheiro muito ativo, aderiam muito ao solo e só deixaram de fazê-lo ao transpormos a porta rotativa que me colocou no galinheiro. Sim; aquilo era um galinheiro de luxo, mas dessas galinhas chamadas "de Angola" ou "galinhola" ou "Guiné" ou "Conquém" ou "estou fraco, estou fraco", conforme a localidade do Brasil, tôdas pintalgadas de preto e branco. O esquisito é que não davam um pio; nada de cacarejar. Umavam estavam trôpegas, outras pareciam já agonizantes e outras tantas, espertas a se movimentar.

— "Aqui é que eu começo a dessensibilização. O senhor poderá ver pelas instalações que vamos percorrer e pelo que já divisei de fora, que todos os tocos que consegui no seu Banco estão aqui empregados conscienciosamente. Que nenhuma galinha cacareje, já o notou certamente. E' a primeira atuação do sólo de lava de vulcão metalizado, que se faz sentir. Naturalmente que gritam no princípio, mas do segundo dia em diante desaparece a voz; estas tôdas têm mais de cinco dias de hospedagem aqui.

Eu apreciava tudo através dum vidro. As galinholas estavam colocadas como que num amplo cilindro de vidro que deixava em torno um corredor de largura de um metro, limitado pelo envólucro metálico exterior; no teto, que era curvo, uma abertura circular deixava entrar ar e luz.

Foi com a descrição dele que prestei mais atenção ao solo em que elas se achavam. Era liso como se fosse um alcatfo, mas tendo umas lâminas de metal incrustadas, que brilhavam ao menor movimento da cabeça.

— As pantufas são para nossa proteção — disse. — Tudo aqui está baseado no solo especial que criei e que é modificado de pavilhão para pavilhão, cada vez mais ativo na direção do centro, para ser de pureza total — minha fórmula completamente pura — lá no pavilhão vermelho.

— Mas tudo isto para que? — perguntei.

— O senhor vá acompanhando e verá.

De fato, fui acompanhando e fui vendo, fui me surpreendendo cada vez mais. Aquilo iria revolucionar na certa todo o comércio alimentar.

Pelas suas experiências, que me foi pondo ao par, à proporção que entrávamos e saíamos dos vários tubos e pavilhões, "o crescimento de certos animais que se apoiam no sólo, inclusive o homem, é limitado pela atuação frenadora de certos elementos do próprio sólo. Assim, vemos que os diversos animais nascem pequeninos e vão crescendo, crescendo, até chegarem a um ponto em que não aumentam mais. Um homem chega até certo limite de altura e para; daí não sobe mais. Ninguém, por mais que coma, consegue chegar a três ou quatro metros de altura; no entanto o sujeito continua comendo as mesmas coisas de sempre; no princípio, cresce, cresce, depois continua crescendo e para. Por que? E com os animais a mesma coisa. Um boi é sempre um boi do mesmo tamanho aproximado, um leitão também, por mais que os atafulemos de comida. E' a lei da Natureza. Cada um tem seu limite e daí não passa; pelo contrário, com a velhice até diminuem de tamanho como vemos as nossas avozinhas de bastão na mão e pequeninhas. E se conseguíssemos passar esse limite? Não para fabricar monstros, não, mas, por exemplo, como na experiência a que me propus e que o senhor está vendo o resultado" — dizia-me ele no transcorrer do caminho.

Provava-me então que com um solo especial de sua invenção — cuja natureza mantinha ainda secreta mas para o qual contribuía fundamentalmente lava de vulcões, de certos vulcões do Chile — estava conseguindo aumentar de tamanho as galinhas de tal forma que breve teríamos como limite o aspecto de um boi ou vaca. Suas experiências eram iniciadas pela "galinha de Angola", pelo fato de ser esta "penosa" de constituição muito mais delicada que a galinha comum, portanto muito mais sensível também ao solo especial. Que o sucesso era absoluto eu não tinha dúvidas; já tinha à minha frente, no oitavo pavilhão, três galinholas enormes, proporcionais a um bezerro comum de três anos.

Falou-me também da dúvida que tivera de que, embora de grande porte, não pudesse a sua carne ser ingerida, ou por ser tóxica ou pela dureza após o cozimento ou por outro motivo qualquer, e dos milhares de experimentações feitas por ele mesmo dando-a a animais e comendo-a a miúdo.

— E o senhor mesmo a provará aqui no pavilhão-restaurant — disse-me já apontando a cadeira da ponta da mesa, naquele 9.º pavilhão que externamente era idêntico aos outros mas um confortável "comedor" por dentro.

Posso jurar que o que comi foi uma galinha como aquelas que havia visto, e posso lhes afirmar que nunca provei coisa tão macia e gostosa. Era mesmo galinha, mas com cada coxão de meter medo, e o peito então nem se fale... tinha carne a mais não poder. Pedi para ver um tal ossinho do peito em forma de "ypsilon", que nas casas de família brasileira costumam fazer força para quebrar e ver quem tem mais sorte ou felicidade, etc. Quase morri de susto. O professor então ria-se a valer; seguramos um em cada ponto e só largamos quando eu disse: — Dê-me um machado, por favor... Era enorme, e seu peso havia de andar pelos três quilos. Pus-me em seguida a rir sozinho ao pensar em certas pessoas que apreciam a parte posterior, meio carnuda, da galinha, que fica lá para as bandas de onde sai o ovo... era uma coisa monstruosa.

(Cont. na pág. 49)

SELECIONADO NO CONCURSO PERMANENTE DE REVISTA DA SEMANA



Conto de WINIFRED HOLTBY



Ilustração de A. ZAGORSKA

DESTA vez não haveria de falhar. A janela da cozinha fechava hermeticamente. Empurraria o capacho para tapar a fresta da porta. E quando Bob voltasse do trabalho e lesse o bilhete que lhe deixava na mesa do vestíbulo... Ah! Então... Bem que ele merecia isso!

Sim; merecia mesmo. Esta havia sido sua justificativa durante as três últimas semanas enquanto seu espírito elaborava pouco a pouco a terrível resolução: "A culpa é dele. Bem que ele merece". A modo de refúgio de todos seus pensamentos o cérebro cansado lhe repetia essas palavras. E ela as murmurava ainda, ao espremer o pequeno tapete para diante do fogão a gás, colocando uma almofada para apoiar a cabeça. Ao menos desta vez teria um pouco de conforto.

"Na cozinha reinava a penumbra; as chaminés das fábricas da parte baixa da cidade lançavam vastas nuvens de fumaça, semelhantes a gigantescas massas de algodão avermelhado que antecipavam um crepúsculo exultante naquela tarde de novembro."

Quando tornou a se aproximar da janela para se certificar de que estava bem fechada, já não distinguia o texto do jornal aberto em cima da mesa. Apenas um anúncio se destacava nítido, em grandes letras: "Gabeleiro para cavalos. Corde de cabelo e ondatina. Três chelins e meio, na primeira vez".

Apesar da escuridão, era ainda muito cedo. Os garotos não regressavam da escola antes de uma hora. Tinha tempo de sobra. Não teria de sair mais para impedir que o guri de Peter Sawley ra-

biscasse no mármore da janela. Não teria de suportar mais os comentários frocistas da vizinha por causa da tampa muito grande da lata do lixo. Afinal, iria embora de vez. Aquela cidade de West Riding tinha acabado com ela. Iria embora de vez.

Abriu o forno, deixou-se no tapete e deixou cair a cabeça na almofada colocada no rebordo da boca do forno. Pela última vez lançou para trás os seus cachos de cabelos grisalhos das temporas. Depois, com mão firme, abriu a torneira do gás.

Experimentou a vaga satisfação de lhe ser familiar o cheiro do gás. Assim, tudo lhe parecia menos alarmante. Mais de uma vez uma corrente de ar havia apagado as pequenas chaminés debaixo da caçarola e ela, ao entrar na cozinha, tinha percebido aquele cheiro claro,

limpo, salgado. Esses pequenos acidentes corriam tão entulados naquele bairro ingrato onde as chaminés das cozinhas nunca estavam descalupadas que não podia conservar as cortinas limpas por uma semana.

Respire fundo. Respire fundo. Assim lhe haviam dito no hospital, quando lhe arrancaram os dentes. Mas o cloroformo tinha um cheiro adocicado que enjoava. O gás era muito melhor. E no hospital tinha tornado a si com náuseas e profundamente abatida. Ah, mas desta vez não se sentiria abatida! Não a achariam cheia de dores, semi-consciente, incapaz. Não seria mais uma mulher cansada, suja, feia. Já não estaria mais à mercê das más línguas, à mercê de pessoas estúpidas. Logo mais iria embora de vez...

Ela a far a da vida. Faria de Bob, que voltava da fábrica e, sem lavar as mãos, se sentava para tomar o chá; não prestava mais atenção a ela do que a uma cadeira. Faria daquele subúrbio de Chorley, com suas casinhas sordidas e suas casas de negócios onde a enganavam. Faria de seus cinquenta e três anos, de fazer sempre a mesma coisa, de nunca ver nada de novo. Faria de ir ficando velha.

Respire fundo. Respire fundo. Desta vez não a fariam voltar a si. Não seria como naquele verão em que, também cansada, fugiu de casa para ir morar com a filha May. E May a recebera friamente, dando-lhe a entender que não a queria em sua companhia, sem dúvida porque o marido era um moço bem vestido, correto de conduta, e tinham criada. Com certeza o marido induzira May a olhar com certo desprezo para a mãe, pobre mulher que usava avental e varria ela própria a cozinha. O certo é que May não a quis consigo e Tim, o filho que morava no Gars e também se negou a acolhê-la. Bob não lhe dava importância. A única coisa que lhe interessava eram o sindicato, as corridas e seu copo de gin e na botafumeira. Ninguém precisava dela. Nem ela mesma.

Respire fundo. Respire fundo. Mas, depois de ter pensado tanto sobre a vida, ela não se sentia mais tão cansada e esta cozinha e a própria visão de seu rosto velho, feio, não a faziam mais pendurar em cima da pia.

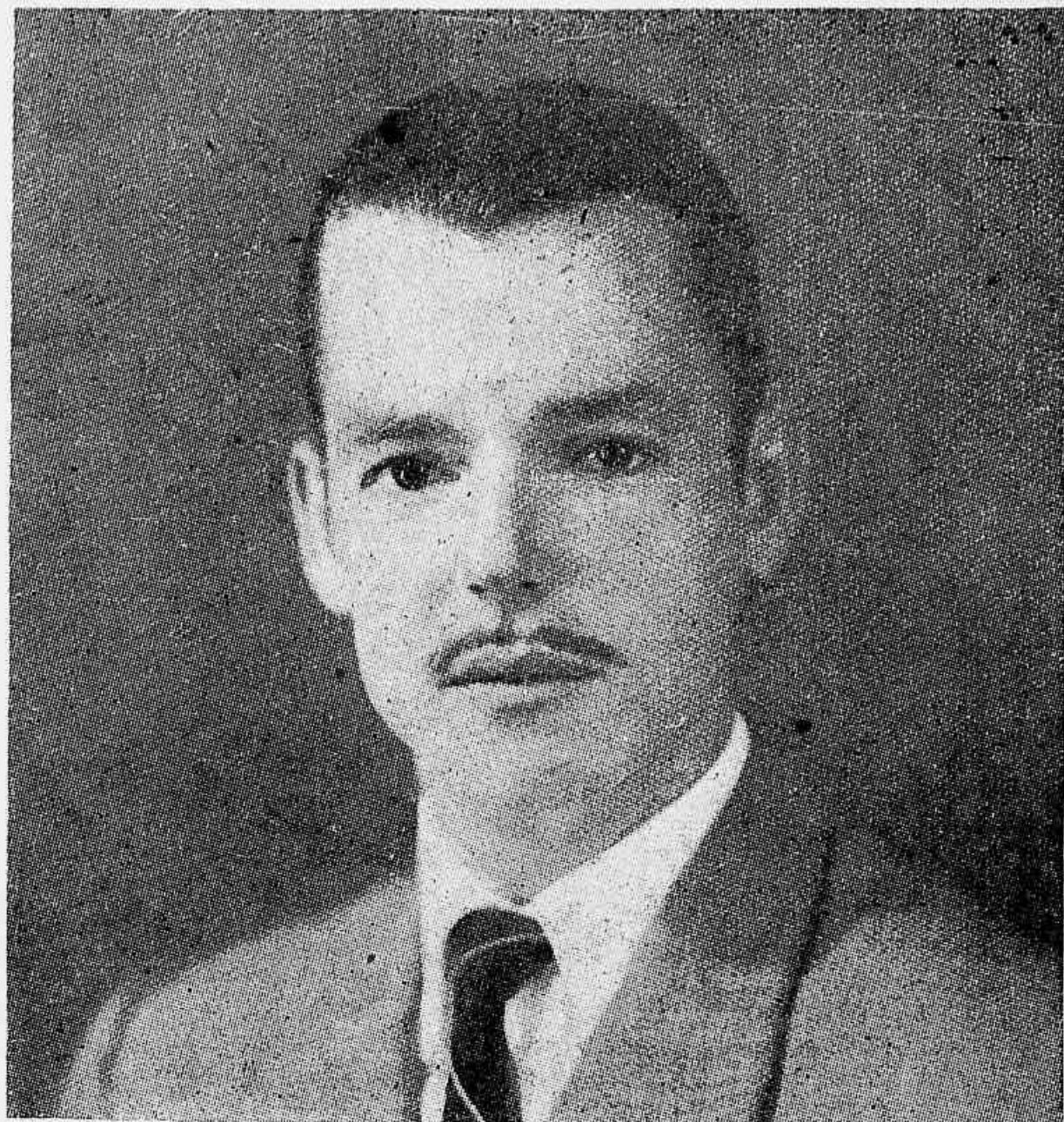
Respire fundo. Respire fundo. E aspirou o ar em grandes respirações como daquela vez em que fora com Bob ao passeio de Hadrastcliffe e as garotas revoltaram-se com a calça e os músculos de jaqueta vermelha tocaram com entusiasmo o "Danúbio Azul". Ah, como era diferente aquele tempo em que vendia cigarros e chocolates num quiosque do passeio e usava penteado alto com três crinças e se ajeitava na gola um liló azul! Naquele tempo era bonita, jovem, com cintura de vespas e então não se sentia orgulhoso por ir a seu lado. Bob um bom rapaz das fábricas de West Riding, alto, corpulento, bem apessoado e com dinheiro bastante no bolso para gastar aos domingos.

Mas, estava realmente perdendo o conhecimento? Era aquele, de fato, o momento em que se apartava desta vida? Pois se alguma coisa lhe zunbia nos ouvidos não era com certeza cântico de anjos, nem a semi-obscureza que a rodeava era a treva da morte. Respirar fundo. Mas não podia respirar profundamente; exalava o ar em rápidos e curtos fôlegos, quase sufocando. Se abria os olhos via a boca negra do forno e os pratos sem lavar, junto da pia. O cheiro do gás lhe parecia cada vez mais fraco e se sentia tão desesperada com tanta lucidez como no momento de se deitar no tapete.

Aquilo não era a morte; não era um sonho piedoso nem a fuga que procurava. Devia ter-se produzido um equívoco mais. Ainda se achava no subúrbio de Chorley, como presa numa armadilha, aquecendo, debil. Experimentou um mal estar, uma viva repugnância a que a obrigou a mudar de posição. Ajeitou-se e depois se levantou. Levantou-se com as mãos trêmulas que apenas lhe obedeciam. Um instante depois estava no pátio, aspirando a grandes haúas o ar frio de um dia de outono. Sentiu-se novamente desfeita e presa de uma quantidade depressiva moral. E ainda não estava bem, depois de compreender a sua situação, depois de ter visto a si e a ela

Traduzido especialmente para REVISTA DA SEMANA por HERMAN LIMA

POR TRÊS CHELINS E MEIO



EVA Garza, cantora internacional que a Rádio Tupi está apresentando, é mexicana de nascimento. Sua longa atuação no "broadcasting" ianque, porém, levou-a a naturalizar-se norte-americana. Desse modo, sentiu-se mais à vontade para dar expansão à sua arte, na qualidade de apreciável intérprete das melodias latino-americanas. Atuando ao microfone da Columbia Broadcasting System, a vitoriosa artista foi denominada de "a noiva da canção latino-americana, donde é fácil concluir-se a simpatia de que goza nos meios artísticos dos Estados Unidos. Casada com o compositor e cantor Charro Gil, sempre está ao seu lado nos programas radiofônicos. Sua bagagem musical é das mais apreciáveis, incluindo números de grande sucesso, como "Mi corazón te llama", "Noches de Ronda", "Noches de Luna", "Un gran Amor", "Fracasso" e outros mais. No Brasil, Eva Garza terá oportunidade de aparecer através das "emissoras associadas" e da Rádio Record, cantando o gênero de sua preferência, que é o bolero. Também trabalhará numa das "boites" locais. Jovem e bastante inteligente, nossa biografada já realizou diversas tournées artísticas pelos principais países americanos, sendo que em Cuba foi considerada a melhor intérprete do bolero cubano. É a primeira vez que Eva Garza visita nossa terra e o faz atendendo a vantajoso contrato.

DECIO MAYER, locutor da Rádio Roquete Pinto, integra a nova geração de valores que o "broadcasting" descobriu. Estudante de direito, cedo deixou-se entusiasmar pelo microfone, motivo de ter procurado uma emissora para experimentar suas qualidades na arte de dizer. Dizendo com sobriedade, é o responsável pela apresentação de diversos programas da PRD-5, inclusive a leitura do comentário oficial dessa estação da Prefeitura. Nascido no Distrito Federal a 22 de fevereiro de 1923, está cursando o quarto ano da Faculdade de Direito. Nas horas vagas dedica-se à feitura de trabalhos literários, colaborando em algumas revistas cariocas. Iniciou sua carreira radiofônica na qualidade de "announcer" da Rádio Club do Brasil, em cujo microfone manteve-se pelo espaço de dez meses. Não fossem compromissos outros, Decio Mayer estaria emprestando seu concurso à uma emissora particular. Seus afazeres, porém, privam-no dessa atuação. Entusiasta da evolução por que atravessa o broadcasting nacional espera, tão logo termine o curso de advocacia, dividir seu tempo entre as causas forenses e os programas radiofônicos, uma vez que não lhe faltam qualidades para triunfar. Bastante jovem, com extraordinária vontade de conquistar o grande público, é um desses idealistas que têm pela locução verdadeiro entusiasmo.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

Zé Fidélis, que na vida real atende por Gino Cortopassi, nasceu na capital paulista a vinte e três de setembro de 1910. Ao completar vinte e quatro anos de idade, sob a influência de diversos amigos, foi parar nos estúdios da Rádio Record, onde o deixaram interpretar alguns sambas de sua própria autoria. Um ano depois, ainda levado pela insistência dos amigos, foi animar os programas da Rádio São Paulo. Nessa emissora, atendendo a sugestão de João Batista de Almeida, resolveu explorar o gênero humorístico, lançando um programa intitulado "Casquinha do Genaro", em que participavam Alvarenga e Ranchinho, Silvino Neto, Chico Carretel, Jeanete e muitos outros elementos famosos do "broadcasting" bandeirante. Depois de apreciável atuação na Rádio de São Paulo, nosso biografado retornou ao "cast" da Record, aí mantendo-se até os dias presentes. Sua presença no rádio carioca deve-se através da Globo. Também participou da temporada levada a efeito por Chianca de Garcia e que despertou grande interesse popular. Fora da atividade radiofônica, Zé Fidélis dedica-se à vida jornalística, colaborando em vários jornais humorísticos e assinando interessantes seções. Também possui diversos livros publicados, a maioria dos quais está com a edição esgotada. Uma de suas grandes criações é a paródia "O perfume da crioula".

DJALMA Ferreira, ora atuando no "broadcasting" paulista, começou sua carreira radiofônica no programa "Samba e outras coisas", ao lado de Noel Rosa, Marília e Henrique Batista. Isto, quando o mesmo era irradiado pela Cruzeiro do Sul. Mais tarde, levado pelo desejo de filmar, tomou parte em "O erro da mocidade". Foi bem sucedido, pois a Cinédia o aproveitou em diversos "shorts". Nessa ocasião, atendendo a vantajosa proposta da Rádio Splendid, de Buenos Aires, Djalma Ferreira para lá seguiu, deixando em calma o rádio carioca. Ao regressar, organizou interessante conjunto, a que deu o título de "Milionários do ritmo", estreando com o mesmo na Rádio Mayrink Veiga, no decorrer de 1942. Veio, então, a gravar várias composições de sucesso, entre as quais destacamos "Ela foi embora" e o "Choro Quitandinha". Tanto bastou para que os cassinos passassem a se interessar pelo concurso de nosso biografado e do seu conjunto. Atuando em inúmeras "boites" brasileiras, inclusive em Quitandinha, Djalma Ferreira veio a ser vítima de uma injustiça, motivo do seu ingresso na Rádio Nacional, onde atuou como artista exclusivo de importante firma. Casado com a cantora Isa Ferreira, é ele executante de vários instrumentos, inclusive do soloxo. Fora da atividade artística, é apreciador do volante, já tendo levantado uma prova automobilística.



A VOLTA DE VIVIEN LEIGH

A SCARLETT O' HARA DE "...E O VENTO LEVOU" É AGORA A PROTAGONISTA DE "ANNA KARENINA", FILME INGLÊS EXTRAÍDO DO ROMANCE DE LEON TOLSTOI

★

VIVIEN Leigh, depois que filmou "...E O Vento Levou" e se casou com o hoje Sir Laurence Olivier, herói de "Rebecca" e de outros filmes de sucesso, fez bem pouca coisa, — e isso em razão de seu precário estado de saúde. Ao se despedir dos Estados Unidos, filmara uma nova versão de "A Ponte de Waterloo", com Robert Taylor, e só veio a reaparecer no écran em "Cesar e Cleópatra", produção de Gabriel Pascal, com Claude Rains, extraída da célebre peça de Bernard Shaw, que Dulcina e Odilon nos deram a conhecer no Teatro Municipal, há quatro anos atrás. Inativa durante algum tempo, Vivien Leigh tampouco fez teatro ou rádio. Cuidou, apenas, de consolidar sua cura e, finalmente, fora de perigo, inteiramente restabelecida, voltou à plena atividade dos estúdios londrinos. Enquanto seu ilustre marido dirige "Hamlet", em que interpreta também o papel principal, Vivien Leigh acaba de terminar uma nova versão de "Anna Karenina", história que já foi objeto de várias filmagens, uma delas com Greta Garbo. Nesse filme extraído do romance de Leon Tolstói por Sir Alexander Korda, mas dirigido pelo regisseur Julien Duvivier, aparecem ao lado de Vivien Leigh o ator inglês Sir Ralph Richardson, o ator irlandês Kieron Moore e o ator italiano Gino Cervi, este no seu primeiro papel em inglês (e depois de ter sido, na Itália, "astro" de filmes de grande interesse artístico, como "O coração manda"). Esse filme representa um novo esforço de bom entendimento e de cooperação, reunindo valores de toda a Europa. Para começar, o produtor, Sir Alexander Korda, é húngaro de nascimento, embora seja inglês naturalizado e tenha merecido o título de "cavaleiro da coroa". O assunto, como toda gente sabe, é uma das obras primas da literatura russa, uma das obras eslavas que mais apaixonaram o mundo. O diretor é uma das figuras de excepcional relêvo do cinema francês, homem com reputação internacional solidamente firmada, cineasta de grandes recursos, com filmes que serão sempre lembrados, a começar por "Um carnet de baile", verdadeira maravilha de bom cinema, e a terminar em "A grande valsa", um dos musicais mais suntuosos até hoje filmados. "Anna Karenina" é um filme de excepcional luxo, movimentando uma grande massa de "extras" de ambos os sexos em grandes "toilettes" e uniformes militares. Karenin, o marido, aparece dominando conferências dos ministros do Império Russo, ao passo que Anna, sua linda esposa, aparece dominando o mundo elegante da Ópera de São Petersburgo. Nunca Hollywood fez película tão minuciosa, tão cheia de rigor nos detalhes, como essa produção de Korda, que nos traz de volta a linda Vivien Leigh.



Em cima: Vivien Leigh, como Anna Karenina, ao lado de Sir Ralph Richardson, que faz o papel de marido; em baixo: uma cena de amor entre Anna Karenina e o ho-

mem por quem ela se apaixona perdidamente, — Kieron Moore. Na página à direita: Vivien Leigh, na figura sedutora da protagonista de "Anna Karenina", um grande papel disputado por todas as grandes atrizes...







A COCADA BRANCA

ORLANDO MATTOS

Conto de C. BOUSFIELD VIEIRA

Ilustração de ORLANDO MATTOS

NESSE dia, eu sai mais cedo do colégio, porque o professor que devia dar a última aula não veio.

Era uma linda manhã de outubro e as ruas de São Paulo estavam sequinhas e ensolaradas. Subi a rua da Glória, atravessei a Praça João Mendes, enveredei por aquela ruazinha estreita que passa ao lado da Igreja da Sé, entrei no Largo... Mas, ora! Vamos encurtar a conversa... O que eu sei é que, com umas passadas mais, estava na rua do Seminário, que, àquela hora do dia, já andava assim de gente.

Não foi preciso eu caminhar muito para ver, pouco adiante, uma multidão de homens e mulheres agrupados em torno daquele carro da Polícia que serve para carregar cadáveres para o necrotério e que os paulistas chamam de... de... Ora, como é mesmo?... Já nem me lembro mais!

Apertei o passo. Cheguei bem pertinho daquela gente toda. Quis ver o que é que havia ali... E mastiguei mais um pedaço de cocada...

Ah! Parece que ainda não falei da cocada branca que tinha comprado numa dessas casinhas de doces de que a ladeira da Avenida São João está cheia, não é mesmo? Pois vou falar, então. Eu era louco por cocadas. Principalmente por cocadas brancas. E toda vez que eu descia ou subia a ladeira da Avenida São João, não podia deixar de comprar duas ou três delas. Acontece que nesse dia eu havia passado por lá...

Pois bem; como eu ia dizendo, aproximei-me dos homens e mulheres reunidos em torno do... do... "Rabecão"... ("Rabecão"! Isso mesmo! Até que enfim me lembrei desse maldito nome!).

— Que foi que aconteceu? — perguntei à primeira cara simpática que encontrei.

— Um cara pulou de lá-á-á! de cima... — e o sujeito apontou para o quinto andar dum edifício escuro, em frente do qual nos achávamos — lá-á-á!

daquela janela que tá aparecendo aquele tapete vermelho.

Olhei a janela e o tapete vermelho. Tornei a olhar para o sujeito que me dera a informação. E dei outra dentada na cocada branca... "Puxa! O camarada deve ter ficado em papas... Do quinto andar... E neste chão duro!", pensei, e fiz uma bruta força para me infiltrar pela multidão a dentro.

Não cheguei a ver o homem que se atirara do quinto andar... Ou melhor: não cheguei a ver o que sobrou do homem que se atirara do quinto andar. Lá o tinham posto dentro do "rabecão", quando consegui romper a crosta de gente que rodeava o carro. Mas ainda assim, pude ver a sangueira coalhada no meio da rua e uns pedacinhos de carne nadando sobre ela. Eh! Meus lábios logo tremeram. Meus olhos lançaram faíscas de repugnância. Uma coisa que eu custei a descobrir o que era andava para cima e para baixo, dentro do meu estômago. Tentei fazer parar essa coisa. Impossível. A "coisa" continuava a subir e a descer, a subir e a descer... Desviei então os meus olhos do sangue coalhado e dos pedacinhos de carne. Fiquei mais aliviado. A "coisa" não tardou muito a desaparecer. Tornei a olhar. A "coisa" voltou. Repeti umas quantas vezes os mesmos movimentos e as consequências foram as mesmas. Por fim, me acostumei com a visão daquele sangue esparramado no chão e daqueles pedacinhos de carne que mergulhavam no sangue.

Olhei bem, então. Olhei com um olhar especulador e encontrei, entre os pedacinhos de carne, um que era todo branco e tinha exatamente a forma da cocada que eu estava comendo. "Um pedacinho dos miolos!", fui logo pensando. E não me enganei. Pois, donde me achava, eu até podia ver, na crosta do pedaço de miolos, aquelas voltinhas e aquelas entradas que separam as voltinhas — coisas que o professor de história natural, lá no colégio, nos ensinou que são "circunvoluções" e "cesuras" e

(Cont. na pág. 42)

SELECIONADO NO CONCURSO
PERMANENTE DE CONTOS DE
REVISTA DA SEMANA

Foi um pequeno incidente de rua que pôs no chão o gabinete Cotegepe. Foi aquele incidente conhecido pelo nome de questão Leite Lobo, que os historiadores incluem no rol das questões militares causadoras da queda do Império.

Ao entrar o ano de 1888, o gabinete Cotegepe só por milagre estava de pé. As forças armadas vinham-lhe abalando os alicerces desde as questões Cunha Matos e Sena Madureira. Faltava um nada para o Exército atirar em terra o ministério que ele tinha na conta de perseguidor das fardas.

Esse nada foi o caso Leite Lobo.

O capitão-tenente Leite Lobo, oficial de inteligência e de correção, teve a desgraça de ser atacado por violenta enfermidade mental. Quando lhe vinham as crises cometia brutalidades e era difícilmo contê-lo.

Certa noite do mês de março daquele ano de 1888, teve ele, em plena rua, um acesso de loucura. A polícia tomou-o por bêbedo e prendeu-o.

Em todos os tempos, no Brasil, as autoridades policiais primaram pelos excessos. Os soldados que levaram para o xadrez o inditoso oficial de Marinha castigaram-no cruelmente. Chegou ele à prisão moído de pancadas, sangrando.

Na delegacia, Leite Lobo, que estava à paisana, declarou a sua qualidade de oficial de Marinha. O alferes, comandante da estação policial, não lhe deu ouvidos e mandou-o para a enxovia, às espaldeiradas. O fato chegou ao conhecimento das autoridades da Marinha de Guerra. O ajudante-general da Armada mandou um dos seus ajudantes de ordens à estação policial interceder pela liberdade de Leite Lobo.

Devia estar com o diabo no corpo o alferes comandante da estação. Ouviu o recado do ajudante-general da Armada, afirmou que não o atendia e ainda disse meia dúzia de desaforos ao portador.

Um oficial superior do Exército, parente do prêso, correu à estação de polícia. O alferes, que cada vez mais ficava azêdo, não lhe prestou atenção nenhuma.

No dia seguinte, as rodas militares estavam em polvorosa. Na rua do Ouvidor (antigamente a rua do Ouvidor era a cúpula de ressonância dos acontecimentos de vulto) os comentários zuniam.

A Marinha, sensibilizada, resolve pedir providências ao Governo. O Clube Naval reúne-se com um número excepcional de sócios e a sessão corre inflamada e ruidosa. Fica resolvido que o Clube peça uma reparação ao Governo.

Nos primeiros dias o Governo não compreendeu a gravidade



A princesa Isabel, regente do Império durante a questão Leite Lobo, em retrato tirado no exílio.

do incidente e desdenhou do pedido. A exaltação, porém, foi crescendo. Agora já não era unicamente a Marinha que se sentia ofendida: era o Exército que tomava as dores da Marinha. O Clube Militar reuniu-se e enviou uma mensagem de apoio ao Clube Naval. As forças armadas de terra e mar estavam confraternizadas para desafrontar a classe.

O caso tinha agora um aspecto gravíssimo. A surdez do gabinete Cotegepe já não era mais possível continuar. E o Governo, para dar satisfação às classes armadas, ordenou que a polícia abrisse inquérito para apurar as responsabilidades.

A abertura de inquérito no Brasil, em questões em que o

Governo é parte, é um recurso de que as autoridades se servem para protelar os casos. E' uma medida sedição, desmoralizada, que anda em passo de tartaruga e termina pelo esquecimento, quando a culpa é governamental.

O inquérito sobre a prisão e espancamento de Leite Lobo, desde o começo, apresentou o aspecto de todos os inquéritos que os governos iniciam pela força das circunstâncias. Em vez de ser uma medida de confiança e de pacificação, tornou-se um motivo de incitamento de desordem. A lentidão exaltou a impaciência das fardas.

E o Rio de Janeiro, durante muitos dias, assistiu a um espe-

táculo deprimente. Em plena luz do sol, e principalmente depois da noite, davam-se, nas ruas, verdadeiras batalhas em que corria sangue e se perdiam vidas. De um lado, soldados da Marinha e do Exército; do outro, soldados de Polícia.

Tornou-se gravíssima a situação. Depois de certa hora da noite ninguém podia andar pela cidade. Os choques à arma branca, os tiroteios, as emboscadas, as lutas frente a frente, repetiam-se nas praças e nas ruas de maior animação.

O único remédio que o Governo encontrou, no momento, foi fazer com que a polícia não saísse dos quartéis. O policiamento passou a ser feito pelos soldados de linha. Esse recurso não deu resultado. As classes armadas, cada vez mais irritadas com a lentidão do inquérito, faziam exigências e ameaças.

O Clube Naval tomou uma medida extrema: declarou-se em sessão permanente, enquanto o Governo não lhe mandasse uma satisfação pelas ofensas feitas a Leite Lobo.

O gabinete não compreendeu toda a gravidade da situação. Imaginando lançar água fria naquela fervura que lhe estava atribulando os dias, demitiu o alferes comandante da estação policial.

Nas primeiras horas do incidente aquela medida talvez bastasse para serenar os ânimos. Naquele momento não. Os militares, agora, não queriam mais saber do alferes: o que queriam era pôr no olho da rua o chefe de Polícia.

O ministério fechou os ouvidos à exigência.

Mas um dia... Um dia a casa vem abaixo.

O imperador viajava pelo estrangeiro. A regência estava com a princesa Isabel. O barão de Cotegepe, presidente do gabinete, despachava com a princesa, quando dela ouviu uma insinuação sobre o incidente. A regente achava que o chefe de Polícia devia deixar o cargo.

Uma ruga vincou o rosto de Cotegepe.

— O caso é muito grave — disse o presidente do gabinete.

— Por que? — perguntou a princesa.

— E' que vossa alteza terá que assinar também a demissão de todo o ministério.

— Mas...

— E' uma humilhação a que nenhum de nós se sujeitará.

E a princesa aceitou a demissão. O gabinete caiu.

As fardas tinham, finalmente (há muito tempo era esse o desejo delas), derrubado Cotegepe — naquele tempo o mais sutil e o mais jeitoso dos políticos do Império.

VIRIATO CORRÊA

A QUESTÃO LEITE LOBO

A VIDA DE RENOIR

PIERRE-AUGUSTE RENOIR — 1841-1919)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).



Em cima: "A 'toilette'", — composição de Pierre Auguste Renoir, o mestre da pintura francesa do século XIX. Em baixo: "Retrato de Jeanne Samary."



ERA um homem pequeno e tímido. Seu lábio inferior saliente dava-lhe à boca uma aparência de perpétuo mau humor. Pêlos ásperos cobriam-lhe o lábio superior e as faces, que eram pálidas, enrugadas e magras. Todo o rosto refletia o que se poderia esperar de um pintor velho e cansado, de setenta e oito anos, todo o rosto, menos os olhos. Estes eram grandes e luminosos. Brilhavam excessivamente para um homem de cerca de 80 anos. Pareciam-se com os de uma criança. Cintilavam de tal modo, que pareciam iluminar a pele amarelada. Olhavam como se nunca se acalmassem, nem mesmo à hora da morte, como se voltassem a frequentar a terra muito tempo depois do corpo haver sido enterrado.

O velho costumava sentar-se numa cadeira de rodas. Era enrugado como um pedaço de pergaminho antigo. Torturado pelo reumatismo, fizera inúmeras operações nos pés, nas pernas, nos braços. Tinha as mãos retorcidas e magras, como as nodosas raízes de um pinheiro. Os dedos ficavam, assim, deformados e inúteis. Ataduras de linho envolviam as palmas para impedir que as unhas se enfiassem na carne. Um pincel firmava-se entre o polegar e o indicador da mão direita. O velho movia penosamente o pincel sobre um esboço colocado num cavalete, diante dele. Algumas pinceladas e depois, para evitar a procura de um pincel limpo, mergulhava o único que estava usando na garrafa de terebentina. O movimento da mão era negligente, mecânico, semelhante ao de um fantasma. Um movimento sem nenhuma força própria. Eram os olhos que emprestavam poder às mãos. Era com os olhos que Renoir pintava, recordando muito do que vira e sofrera. Vira seus filhos, de Jean e Pierre, irem lutar contra o Kaiser. Estavam agora feridos num hospital, em algum lugar, na frente de batalha. Olhara pouco tempo antes pela última vez, a mais suave e a mais meiga das espôsas. Observara o mistério da morte e a miséria da vida. E agora, afinal, depois de muitos anos de procuras e aflições, penetrara no íntimo da natureza. Apanhara um vestígio da verdade — a unidade do espetáculo humano no palco e a direção de Deus, nos bastidores. Enquanto o corpo do pintor se tornava cada dia mais fraco e mais distorrido, a parte imortal, os olhos animados e compreensivos — olhavam a gigantesca catedral da imortalidade através dos vidros coloridos da janela de sua inspiração. E haviam encontrado ali o que esperaram sempre encontrar. Diante de um altar, de joelhos, estava uma criança.

II

Durante toda sua vida Renoir teve uma índole espiritual infantil. Quando lhe perguntavam o que fazia para criar suas esplêndidas cores, retrucava: — «Não sei. Arranjo o assunto como desejo, e depois começo a pintar — exatamente como uma criança». Apesar de ter um método definido para sua loucura artística, não possuía nenhuma fórmula rígida, como não existe uma fórmula rígida para a expressão da felicidade de uma criança. Pintava telas como a criança ri, riso que brota da exuberância sadia de um espírito alegre. Sua arte era tão espontânea como a formação de um floco de neve, o crescimento de uma flor, o canto de um pássaro.

Nasceu em Limoges, a 25 de fevereiro de 1841. Quando tinha ainda quatro anos, o pai de Renoir, que era um alfaiate, mudou-se com a família para Paris. Na escola um de seus professores era o compositor Gounod, que, reconhecendo talento musical no menino, aconselhou-o a tornar-se músico. Mas Renoir tinha maior talento para a pintura, e quando chegou aos treze anos certas forças mag-

néticas já haviam fixado a extensão de seu gênio. Por causa da pobreza de seus pais, foi obrigado a tornar-se aprendiz de um fabricante de louça polida. Decorou xicaras de porcelana e louça com delicadas figurinhas de grandes damas e espalhou ladrilhos nas salas dos burgueses de França. Arte superficial para criaturas superficiais. E ainda assim sua experiência como pintor de porcelana auxiliou-o a adquirir duas importantes qualidades que caracterizam seu gênio — o gosto pelas cores transparentes e a habilidade de usar nas telas, como na porcelana, um fundo decorativo para suas pinturas.

Despediram Renoir abruptamente de seu emprego de pintor de porcelana quando se desenvolveu, no povo, subitamente, uma louca preferência pelas porcelanas decoradas a máquina mais do que pelas feitas à mão. Renoir percorreu toda parte à procura de um meio de vida. Fez desenhos bonitos para leques de senhoras; cobriu os tetos dos restaurantes com afrescos, e pintou assentos religiosos nas telas de linho para os missionários que as prendiam em quatro varas perpendiculares por toda parte que viajavam, dando assim aos gentios convertidos a ilusão de estarem numa igreja cristã. E Renoir então deixou tudo isso, indo para o atelier de um artista aprender a verdadeira pintura.

III

Com outros estudantes, levou muitas horas copiando obras clássicas. Um dia, o professor inclinou-se em seu ombro para observar seu progresso. Depois de o haver observado por um minuto, bateu-lhe impacientemente no braço. «Você não percebe», disse ele, que o dedo grande do pé de Germanicus deve ter mais majestade do que o dedo grande do negociante ao lado, no canto?... «Não se esqueça», repetiu andando de um lado para outro, «que é o dedo grande de Germanicus que você está pintando».

Essa falta de respeito pela dignidade pedal do honrado morto não impediu Renoir de colocar um quadro no Salão com a idade de vinte e dois anos — algo que Cézanne foi incapaz de fazer durante toda a vida. Muitos dos pintores da nova escola haviam sido recusados à admissão no Salão naquele ano — 1863. Protestaram fazendo um grande alarido. Alguns deles induziram o imperador aventureiro Luis Napoleão a abrir em proveito deles um Salon des Refusés, onde «os Rejeitados» poderiam exibir seus trabalhos ao público. Essa galeria de segunda mão encheu-se com as telas dos perniciosos Impressionistas. Alguns dos artistas mais esclarecidos, contudo, estavam descontentes com a exibição no Salon des Refusés. Queriam mais atenção individual para seus trabalhos. E deram vigorosos passos para assegurar essa atenção. Courbet, um dos precursores do impressionismo, foi típico da energia dessa escola. Fizera uma poderosa contribuição à arte rotulando honestamente lixo como lixo. Mal sucedido em sua tentativa de alcançar o público pelos canais regulares, foi pela porta dos fundos. Alugou uma sala vazia bem ao lado da principal galeria de exibição e construiu uma cabana de madeira com uma imensa tabuleta em que se lia Courbet, Pintor. E dormiu no teto dessa cabana. Pela manhã, no primeiro dia da exibição, várias pessoas foram à cabana atraídas pela curiosidade. Courbet havia-se levantado da cama. Esquecendo, em sua excitação, que ainda estava com a camisola de dormir de flanela, atirou-se pelos degraus abaixo até a galeria, parou diante de seus quadros, ouvindo as expressões dos visitantes: «Que lindo quadro! Que magnífico! E' incrível! E' suficiente para nos tirar a respiração!». Eram essas as atitudes loucas e algu-

mas vezes divertidos que faziam os impressionistas e outros artistas revolucionários da época para atrair o público à sua mercadoria. Mas o público e especialmente os críticos, continuaram por muito tempo distantes quando não claramente hostis. Olhavam essas experimentações de novos valores estéticos — Courbet, Manet, Monet — como uma perigosa canalha de radicais que conspiravam para derrubar a ordem estabelecida no reinado das cores. Até esse período, a cor fora pela maior parte empastada nas telas, criando um efeito plano e opaco. Mas agora esses revolucionários propunham que se pintassem as cores tridimensionais e transparentes como uma bola de cristal. Alguns dos mais ardentes impressionistas diziam haver eliminado o preto como uma cor que representava um conjunto de cores, substituindo-o pelo uso dos violetas e dos azuis-escuros. O termo impressionista foi um epíteto arremessado pelo desdenhoso público a uma paisagem matinal de Claude Monet intitulada «Impressão». Monet era um perfeito alvo do abuso popular. Esforçou-se para registrar todas as suas impressões numa tela, não importando quanto incoerentes pudessem ser. Era realmente uma torrente de consciência artística, mas, ainda mais do que isso, intitulava-se um homem de ciência. Dissolveu todas formas plásticas dentro de minúsculos pontos coloridos no princípio científico do prisma interceptado pelos raios do espectro. Dividia um ralo de luz em seus componentes prismáticos pelas colorações delgadas, manchas de cor justapostas umas sobre outras, de maneira que o espectro pudesse produzir uma ilusão atmosférica apenas a alguma distância da tela.

Realmente as grandes figuras da nova escola não mereciam a condenação pública. À parte alguns poucos pesquisadores sensacionalistas, eram quase todos solidamente tradicionais, no íntimo. Construíram suas novidades num fundamento ortodoxo, como veremos no caso de Renoir.

IV

Renoir era considerado um dos impressionistas somente porque expusera algumas telas em suas galerias. Além disso, era como uma alegre folha solta. Que



O FAMOSO PINTOR FRANCÊS RENOIR

mais poderia ele ser, senão um impressionista? Quando rebentou a guerra franco-prussiana em 1870, reuniu-se à cavalaria francesa e passou o inverno fazendo manobras na neve, em torno de Bordéus. Quando a paz foi declarada, trocou a carabina pelo cavalete, dirigindo-

se à margem esquerda do Sena, para viver entre os artistas boêmios e os idealistas fracassados. Não havia perdido o ardente desejo de criar alguma coisa bonita fora da mistura de cores de sua paleta. Sua alma estava plácida enquanto o mundo se conservava em rebelião. Os

trabalhadores parisienses se haviam revoltado na Comuna. Havia feito barricadas nas ruas e derramado sangue com suas espingardas. Renoir continuava em casa. Não sofria de nenhum perigo pessoal, porque não estivera particularmente ansioso em reformar o mundo. Na realidade, não era um reformador, era um monje. Tomara os votos da antiga ordem da Arte. Seu altar estava levantado para a Beleza e seus sentidos extasiavam-se em sua contemplação. Interessava-se mais em pintar uma mulher nua do que em fazer qualquer outra coisa no mundo. Para ele, toda a mensagem da vida se continha nas linhas de um corpo de mulher. Certa ocasião, um amigo, observando um seu recente estudo de nu, sugeriu que o quadro melhoraria se o artista lhe desse alguns toques extra-finais. «Absurdos», retrucou Renoir. «Está pronto, assim. Quando pinto um dorso de mulher e desejo tocá-lo é porque está terminado».

V

Renoir não era um renovador. Era um pintor ortodoxo da beleza de um momento no eterno fluxo das coisas. Pintou, certa vez, o estudo de uma menina francesa com um guarda-sol. Está com umas luvas brancas, um vestido de musselina branca e uma boina colocada galhardamente na cabeça. Seus olhos são escuros. Dois lagos luminosos na brancura de neve de sua pele. Está parada numa floresta, recusando mover-se, como para desafiar o poder do destino que estende as mãos para desviá-la desse lugar, da segura serenidade do presente, para a desassossegada incerteza do futuro.

O quadro, intitulado «Lisa», foi pintado por Renoir quando tinha vinte e oito anos. Nessa ocasião o público o descobriu. Começou, então, a vender. As pessoas que haviam comprado suas telas simplesmente por amizade, agora as tiravam dos gabinetes pendurando-as nas paredes. A sociedade abriu-lhe as portas. Madame Charpentier, a esposa do opulento livreiro de Paris, admitiu-o em seu salão num pé de igualdade com os «grandes», como o radical Émile Zola, o conservador Daudet, o volúvel Gam-

(Cont. na pág. 46)

Em baixo, à esquerda: «La Bohémienne», — um dos quadros famosos em que se espelha a arte maravilhosa de Renoir. À direita: «La Dormeuse», um belo estudo de nu.



Um pobre homem rico

Dilectus meus misit manum suam per foramen, et venter meus intrem-mite factum eius.

"Cantica Cantilorum", V. 4.

★

EMETERIO AFONSO, aos vinte e quatro anos, encontrava-se solteiro, só, e sem responsabilidades de família, possuidor de um capitalzinho modesto, e empregado num banco. Recordava-se vagamente da sua infância e de como os pais, modestos artesãos que, à força de economias, tinham conseguido juntar uma pequena fortuna, costumavam dizer, ao ouvi-lo recitar os versos do texto de retórica e poética: «Tu hás de chegar a ministro!». Mas agora, com a rendazinha e o ordenado, não tinha inveja a nenhum ministro.

Era Emetério um jovem fundamental e radicalmente poupado. Todos os meses depositava, no próprio banco onde trabalhava, o fruto da sua economia. E era poupado, não só no dinheiro, mas também no trabalho, na saúde, no pensamento e no afeto. Limitava-se a cumprir, e nada mais, no seu trabalho de empregado bancário; era um medroso que em tudo via perigos, e usava toda a casta de remédios; aceitava todos os lugares comuns do senso também comum; e era parco em amizades. Todas as noites ao deitar-se, quase sempre à mesma hora, pendurava as calças nesses cabides que servem para as manter bem vincadas e sem rugas.

Pertencia a uma tertúlia de café onde se ria das anedotas dos outros; mas não se estafava, ele, a contá-las. O único dos contertulianos com quem chegou a ter alguma intimidade foi Celedônio Ibañez, que o cognominou de «amado Teófilo», para exercitar as suas faculdades.

Celedônio era discípulo daquele extraordinário D. Fulgêncio Entrambosmares do Aquilão, de quem se deu prolixa conta na nossa novela «Amor e Pedagogia».

Celedônio ensinou o seu admirador Emetério a jogar o xadrez e iniciou-o na arte agradável, inofensiva e honesta de decifrar charadas, hieroglifos, palavras cruzadas e outros problemas inocentes. Celedônio, por seu turno, dedicava-se à economia pura, não à política, com cálculo diferencial, integral e tudo. Era ele o conselheiro, quase o confessor, de Emetério. Este estava ao fato do significado dos acontecimentos pelos comentários de Celedônio; e quanto ao que acontecia e não tinha significado, tomava dele conhecimento pela «Correspondência de Espanha», que lia todas as noites, ao deitar-se. Nos sábados permitia-se uma ida ao teatro, mas só para ver comédias ou sainetes, nunca dramas.

Tal era por fora, no exterior, a vida pacífica de Emetério; no interior, senão na intimidade, era um hóspede; um hóspede da pensão de d. Tomasa. O seu interior era a pensão; esta era o seu lar e a sua única família.

A gente da casa de hóspedes, composta de caixeiros viajantes, estudantes, candidatos a professores, e pessoas de ocupações ambíguas, renovava-se com frequência. O pupilo mais fixo era ele, Emetério, que se ia aproximando cada vez mais da intimidade da casa de d. Tomasa.

O coração desta intimidade era Rosita, a filha única de d. Tomasa; era ela que ajudava a aguentar o negócio e quem servia à mesa dos hóspedes, com grande contentamento desfezes. Porque Rosita era fresca, apetitosa, aperitiva e mesmo provocante. Resignava-se sorridente a certos resmungos discretos, pois sabia que os sorrisos encobriam as deficiências das costeletas servidas, e não só aguentava as graças picantes, como até as provo-

cava e lhes respondia. Rosita tinha vinte anos floridos. E, entre os hóspedes, aquele a quem especialmente dedicava os seus pestaneios, os seus olhos caídos, era Emetério. «A ver se o pescas...», costumava dizer-lhe a mãe, d. Tomasa; e ela, a menina: «Ou se o caço...». «Mas será ele carne, ou peixe?». «Parece-me, mãe, que não é carne nem peixe, mas sim rã». «Rã? Pois sedu-lo, filha, sedu-lo; para que hás de tu querer esses olhos, senão para isso?». «Está bem, mãe, mas não faça a mãe de sedutora, que eu sozinha basto». «Pois a ele, eia! e com tato!». E foi desta maneira que Rosita se pôs a seduzir o nosso Emetério, ou D. Emetério, como sempre lhe chamava. Este procurava alternadamente, por espírito de economia, ora aproveitar-se, ora defender-se, porque não queria passar por parvo. Arreliava-o, além disso, — entre outras arrelias, — o fato de que os hóspedes seguiam com sorrisos, que a ele, Emetério, pareciam compassivos, as manobras e as miradas de Rosita; todos menos Martinez, que olhava para elas com toda a severidade que deve ter um candidato a professor de psicologia. «Mas não, não, a mim não me pesca ela, — dizia Emetério de si para consigo, — esta mocinha; carregar eu com ela, e com d. Tomasa ainda por cima! O boi sóto bem se lambe... Boi... boi... mas nunca touro!».

— Além disso, — dizia para Celedônio, como em confissão, — esta rapariguinha sabe de mais. Tem uma tática!...

— Pois então, Emetério, contra tática... tato!

— Pelo contrário, Celedônio, pelo contrário. A tática dela, sim, essa é que é tato; é uma tática de tato. Se visses, como se chega a mim! Sob qualquer pretexto, e como quem não quer a coisa, lá vem roçar-se por mim. Quer-me seduzir, não há dúvidas. E eu não sei se, ao fim e ao cabo...

— Vamos, Emetério; parece que andas muito receoso.

— Pelo contrário; e depois há esse Martinez, o outro candidato à rapariga, que a come com os olhos enquanto mastiga o bife, e que parece que a há de apanhar se eu não me decidir.

— Decide-te, pois, Emetério, decide-te!

— E se visses as manhas que ela tem... Uma vez, quando ia a começar a ler o folhetim da «Correspondência», entrou-me pelo quarto e, fazendo como se corresse toda, — que côres! — disse-me: «Ai! Desculpe, D. Emetério, que me enganei...!».

— Trata-te por D.?

— Sempre. E quando uma vez lhe disse que deixasse o D. e que me tratasse só por Emetério, tu cá, tu lá, sabes o que me respondeu? Pois «tu cá, tu lá? Isso não, D. Emetério; com D.». E essa coisa de fingir que se engana e meter-se-me no quarto...

— Estás em casa da mãe dela, d. Tomasa, e tenho medo de que, como dizem as Escrituras, te vá meter no quarto da que deu à luz...

— As Escrituras? Então as Sagradas Escrituras dizem coisas dessas...?

— Sim, é do místico «Cântico dos Cânticos», onde, como por um cordão umbilical, se têm alimentado tantas almas sedentas de amor transmundano. E esta coisa do cordão umbilical é também bíblico, pelos vistos.

— Pois tenho que fugir, Celedônio, tenho que fugir. Essa rapariguinha não me serve para mulher própria...

— E alheia?

— Seja como for; nada de confusões, nada de confusões! Ou fazer as coisas como Deus manda, ou não as fazer...

— Sim, e Deus manda: crescei e multiplicai-vos. E tu, pelos vistos, não te queres multiplicar.

— Multiplicar-me? Farto de multiplicações estou eu, no banco. Multiplicar-me, por mim próprio?!

— Anda lá, pois, a elevar-te ao cubo. Vá, por uma potenciação.

E, com efeito, todo o cuidado de Emetério era defender-se da tática envolvente de Rosita.

— Anda, — chegou a dizer-lhe uma vez, — já vejo que me queres seduzir, mas é trabalho perdido...

— Mas o que é que o senhor quer dizer com isso, D. Emetério?

— Ainda que perdido, não! Porque qualquer dia vou-me por aí... à tua saúde, Rosita!

— A minha saúde? Será à sua...

— Sim, à minha, mas com precauções...

Pobre Emetério! Rosita cosia-lhe os botões, pelo que ele deixava que se des-coscessem; Rosita costumava dar-lhe o nó da gravata, dizendo-lhe: «Venha aqui, D. Emetério; que o Adão o senhor é! Venha aqui, para lhe ajear essa gravata...». Rosita é que recolhia, aos sábados, a roupa suja, salvo alguma peça que ele guardava para levar, ele próprio, à lavadeira. Rosita é que lhe levava à cama o ponche quente, quando, alguma vez, tinha de se deitar mais cedo por causa do catarro. Por seu turno, ele, algumas vezes, levou-a ao teatro, para verem qualquer coisa que fizesse rir.

Num dia de Finados levou-a a ver o «Tenório». «E por que é que, D. Emetério, há de ser isto em dia de Finados?». «Pois porque o comendador...». «Mas esse Don Juan parece-me um ingénuo».

E com tudo isto Emetério, o poupado, não caía.

— Quanto a mim, dizia d. Tomasa à filha, estou que este ingénuo tem por aí alguma ligação...

— Como é que pode ser, mãe, como é que pode ser? Ligações, ele? Já cá me teria cheirado...

— E se a outra não se perfumar...

— Já me teria cheirado a outra, mesmo sem perfume...

— E noiva?

— Noiva, ele? Menos ainda.

— E então?

— Não tem queda para o casório, mãe, não tem queda para isso.

— Talvez tenha queda para outra coisa...

— Comprometer-se, ele? Qual que!

— Pois então, filha, estamos a marcar passo, e tu não podes perder assim o tempo. Temos de recorrer ao Martinez, mesmo que não seja lá grande coisa. Ora, diz-me: que livros são esses que ele te tem dado para leres...?

— Nada, mãe; umas histórias que lá os amigos dele escrevem.

— Olha lá. A ver se lhe dá a ele para escrever histórias dessas, e se nos mete a nós em alguma delas...

— E que mais queria, mãe?

— Eu? Ver-me eu em papéis?

Por fim Emetério, depois de ter consultado Celedônio e discutido com ele o caso, resolveu fugir à tentação. Aproveitou para tal umas férias de verão; foi para uma praia, a economizar saúde, e, ao voltar para o banco, trasladou-se com o seu baú para outra casa de hóspedes. Porque o baú, o seu velho baú, deixara-o, ao ir veranejar, em casa de d. Tomasa, não levando consigo nada mais que u'a maleta. E à volta não se atreveu nem sequer a ir-se despedir de Rosita, e apenas, por uma carta, mandou pedir o baú.

Mas o que lhe custou! As noites de pesadelo em que o atormentaram as recordações de Rosita! Agora é que compreendia quanto fundamentalmente lhe tinha ficado preso: era agora, na obscuridade do leito, que o perseguia aquela pes-

teancar a chamá-lo! «A chamar-me, dizia de si para consigo; porque me chama, porque é de chama, de chama de fogo... Terei feito bem em fugir? Que é que há de mal em Rosita? Por que é que lhe tomei medo? O boi sóto... mas parece-me que as lambedelas do boi são piores para a saúde...».

— Durmo mal, e sonho pior — dizia a Celedônio. — Falta-me qualquer coisa, parece-me que me afogo...

— Falta-te a tentação, Emetério, não tens contra que lutar.

— E' que não faço outra coisa senão sonhar com ela, e Rosita já se me transformou em pesadelo...

— Pesadelo, eia! Pesadelo!

— Sobretudo não posso esquecer aqueles olhos caídos, o pestanejar dela.

— Estou-te a ver a caminho de escreveres um tratado de estética.

— Ora, vê lá; ainda te não disse. Sebes que tenho sempre no meu quarto um calendário, dêsse de parede, para saber a quantas ando...

— Será para decifrar a charada ou o hieroglifo de cada dia?...

— Também, também. Pois no dia em que saí da pensão de d. Tomasa, deixando o calendário no fundo do velho baú, não lhe arranquei a folha...

— Renunciando à charada daquele dia solene!

— Sim, não a arranquei; e assim o deixei ficar, e assim o tenho ainda.

— Pois isso faz-me lembrar, Emetério, aquela história do recém-casado que, ao morrer-lhe a mulher, deu uma pancada no relógio, fê-lo parar, e continuou com ele a marcar o trágico momento, as sete e treze, parado e sem o consertar.

— Não está mal, Celedônio, não está mal.

— Pois eu julgo que estaria melhor se naquele momento ele tivesse arrancado os ponteiros ao relógio, e continuasse a dar-lhe corda, de forma que se lhe perguntassem: «Que horas são, cavalheiro?», pudesse responder: «Anda, mas não marca!», em vez de: «Marca, mas não anda!». Usar um relógio parado...? Nunca! Que ande, ainda que não marque a hora.

E continuou Emetério a frequentar a tertúlia do café, a rir das anedotas dos outros, a ir ao teatro aos sábados, a depositar no banco, no fim de cada mês, as suas economias, às quais ia juntando os juros dos depósitos anteriores, e a cuidar, com toda a sorte de precauções, da saúde de solteiro que bem se lambia.

Mas que vazio sentia na vida! Não, não, a tertúlia não era modo de vida. E ainda por cima um dos companheiros, o mais gracioso e de melhores idéias, um jornalista, apresentou-se um dia no banco para lhe pedir dinheiro emprestado; e como ele lho negasse, pespegou-lhe o outro: «O senhor roubou-me! «Eu?». «Sim, o senhor; porque à tertúlia vai quem quer, cada um com o que tem para dar, eu fi-lo rir, diverti-o; o senhor lá não diz nada, o senhor lá não vai senão como homem rico; venho ter consigo para que me ajude, nessa sua qualidade, e o senhor nega-se-me; logo o senhor roubou-me!». «Mas é que eu, meu caro senhor, não vou lá como rico, mas sim como consumidor». «Consumidor de que?». «De anedotas! Ri-me das suas, e fui-me em paz!». «Consumidor... consumidor... O que o senhor faz é consumir-se». E assim era, na verdade.

E a nova casa de hóspedes!

— Que casa, Celedônio, que casa! Aquilo não é casa é uma estalagem, é uma pousada. A de d. Tomasa, sim, essa é que era casa!

— Sim, uma casa de pupilos.

— E esta é uma casa de pupilas, porque, as criadas, que bestas! No fim de

contas Rosita era a menina da casa, e lá não tive que lidar com criadas...

— Com pupilas, queres tu dizer?

— Mas nesta estalagem! Agora há lá uma Maria homem que teima em fritar os ovos a nadarem em azeite, e quando mos traz para a mesa, e eu ralho com ela, sai-se-me com um que: é p'ra untar. Imagina só!

— Claro, Rosita fritava os ovos como menina da casa...

— Pois claro! Cuidando-me da saúde; mas estas bestas... E depois teima em deixar o baú encostado à parede, e assim não se pode abrir bem, porque é desses antigos que têm a tampa arqueada.

— Estou a ver, sim; é como o céu: côncava-convexa.

— Ah! Celedônio, por que deixei eu aquela casa!

— Queres dizer que nesta ninguém te seduz...

— Esta não tem nada de um lar... de uma lareira...

E por que não te mudas para outra?

— São todas iguais...

— Depende do preço. Assim como for o preço assim será o tratamento.

— Não, não. Em casa de d. Tomasa não me tratavam conforme o preço, mas sim como pessoa da casa.

— Claro, para ti não era uma casa de negócio. E' porque iam atrás de outra coisa.

— Com bom fim. Celedônio, com bom fim. Porque começo a dar conta de que Rosita estava apaixonada por mim, sim, é como estás a ouvir; apaixonada por mim, desinteressadamente. Mas eu... por que me fui embora?

— Estou a ver, Emetério, que ainda voltas para casa de Rosita...

— Não, agora não; não pode ser. Como havia de explicar a minha volta? Que

diriam os outros hóspedes? O Martinez, que havia de pensar?

— O Martinez não pensa coisa nenhuma, asseguro-te; prepara-se para ensinar psicologia...

Algum tempo depois contava Emetério:

(Cont. na pág. 42)



PACHECO



Em cima: mulher turca, no mercado, conduzindo o filho de acordo com o sistema tradicional entre a gente do povo, no país. Em baixo: um carro moderno passa por um camponês que conduz num jumento, para o mercado, o produto de sua plantação de alho e cebolas.



SERÁ AQUI A PRIMEIRA BA

A Turquia — que já foi uma ameaça para o mundo ocidental, no passado, que era um dos mais poderosos impérios do mundo e a expansão sarracena pôs em perigo muitas nações, até que, com a batalha naval de Lepanto, sofreram os turcos uma derrota aniquiladora — é hoje considerado um baluarte do mundo democrático, servindo como uma espécie de tampão entre as nações ocidentais e o colosso soviético. Colocando-se ao lado dos Estados Unidos e da Inglaterra, recusando-se a capitular às exigências russas, a Turquia, se houver guerra, será um dos primeiros campos de batalha, pois será inevitável o choque dos seus soldados com as legiões stalinistas. É grande a curiosidade reinante, nesta hora, em torno da Turquia e de sua posição, no panorama

A TURQUIA E SEUS PROGR
BRANDO AS REFORMAS DE M
É A CIDADE DE ANKARA
POVO TURCO — O TEATRO
SISTEM COM FINEZ.

Reportagem de
ALDO MORELLI

Exclusividade de REVISTA

político mundial. Daí a grande atualidade desta reportagem, atualizando a capital turca e as transformações pelas quais tem passado o seu povo.

Em 1926 toda a Europa contava a seguinte anedota. Um francês desembarcara num porto da Turquia e, enquanto se dirigia ao hotel, encontrara um homem que ia correndo pela rua com ar apavorado. O fugitivo parou diante do francês, olhou



Em cima, à esquerda: um guarda do tráfego, numa das ruas centrais de Istambul. À direita: a grande e antiga estatua de Mustafa Kemal Atatürk, existem várias figuras si em auxílio dos soldados.

A BATALHA DA NOVA GUERRA?

OS PROGRESSOS SOCIAIS — RELEMBRAMOS MUSTAFA' KEMAL — O QUE — A OCIDENTALIZAÇÃO DO — O TEATRO DO POVO — OS TURCOS RE- M FIRMAM A PRESSÃO RUSSA

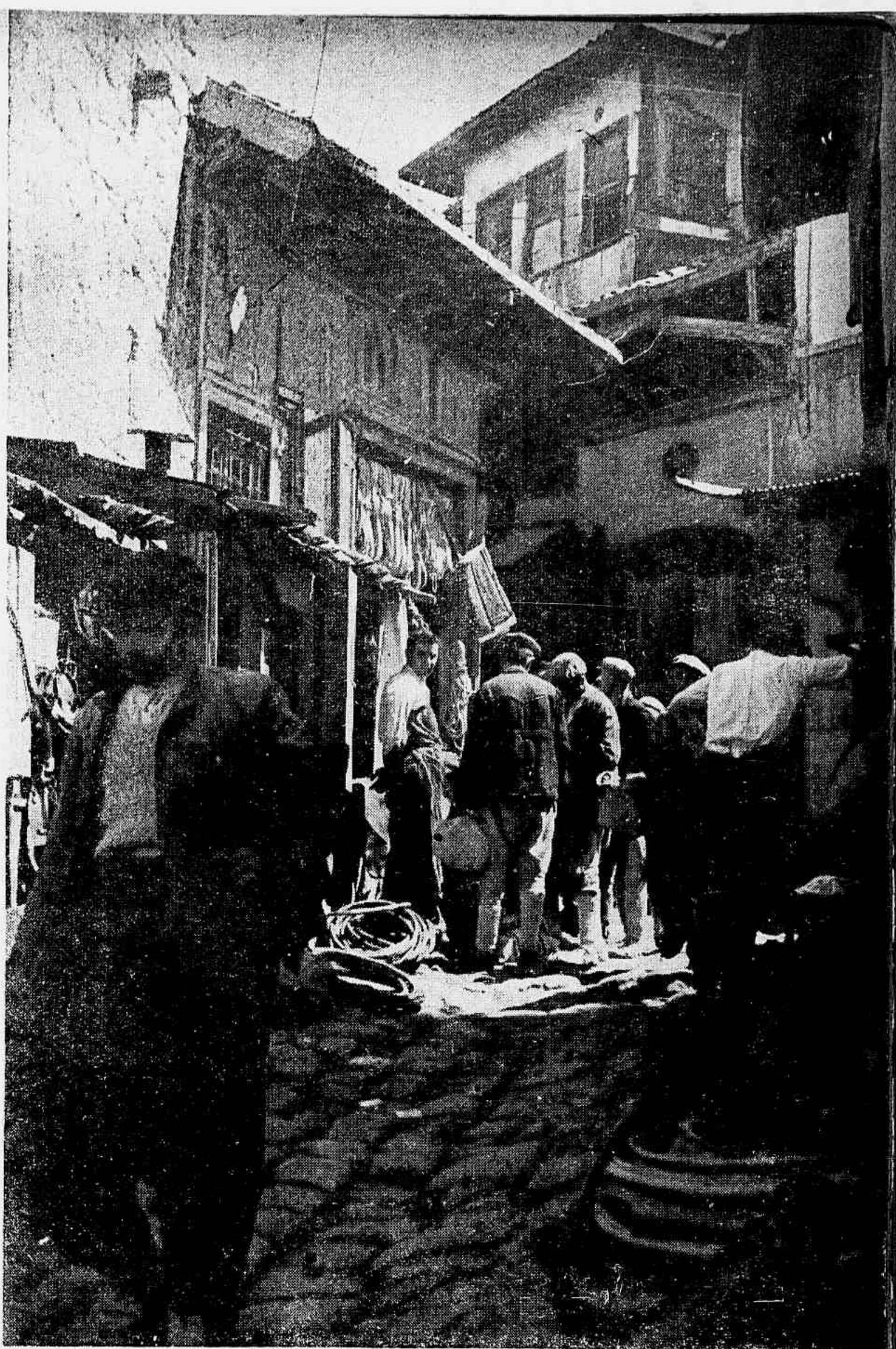
Fotos da
KEYSTONE PRESS AGENCY

de REVISTA DA SEMANA no Brasil

um instante, disse umas pala-
vras incompreensíveis e afinal
tirou-lhe o chapéu da cabeça,
deu-lhe em troca um velho "fez"
vermelho e desatou a correr. O
francês, espantado, viu pouco
depois uma turma enfurecida
passar na mesma direção. O
caminho para o hotel não era
tão curto como o viajante ima-
ginara; a certa altura começou
a chover. O francês, para se
defender da água, cobriu a ca-
beça com o "fez" que recebera

do turco. Ai surgiu outra turma,
que, sem mais nem menos, apa-
nhou o homem e deu-lhe uma
surra nunca vista. Depois o lar-
garam no meio da rua com um
cartaz pregado no peito, no qual
estava escrita em caracteres ára-
bes a palavra "lanático".

Naquela época as fábricas eu-
ropéias de chapéus recebiam
diariamente grandes encomen-
das por parte de autoridades e
particulares de Stambul e de
Ankara. O primeiro presidente
da nova república turca, Kemal
Ataturk, tinha empreendido a
grande campanha pela renova-
ção dos costumes. Apresentava-
se nas praças da cidade, para
fazer discursos ou comícios, ten-
do sôbre a cabeça um chapéu
à européia; a certa altura do
discurso o presidente largava os
assuntos de política ou de eco-
nomia e passava a enumerar as
vantagens práticas e estéticas do

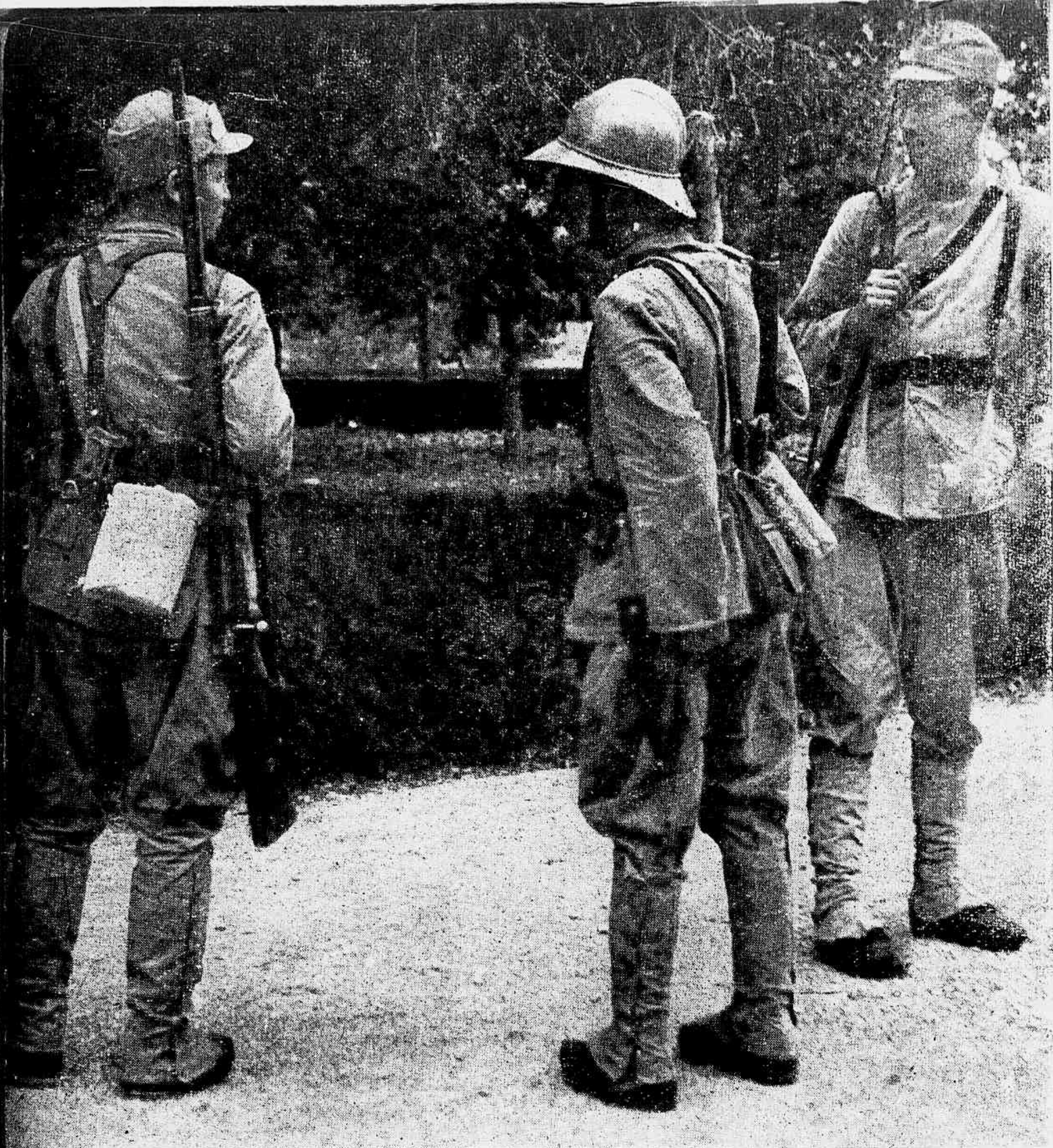


O mercado de Ankara está situado numa das ruas mais velhas da cidade, entre pardieiros. Em cima, vê-se um detalhe. Em baixo, — uma cena comum no mercado: pessoas do povo regateando preços ao lado de uma saca de arroz, alimento muito apreciado entre a gente turca. Dizem que este é o mais velho mercado do mundo.



As centrais de Ankara, capital da Turquia. A direita: no centro de Ankara, além de uma
varias lojas si
médicas. Esta representa a mulher da Turquia, conduzindo uma bala-
stilo dos soldados turcos em luta.





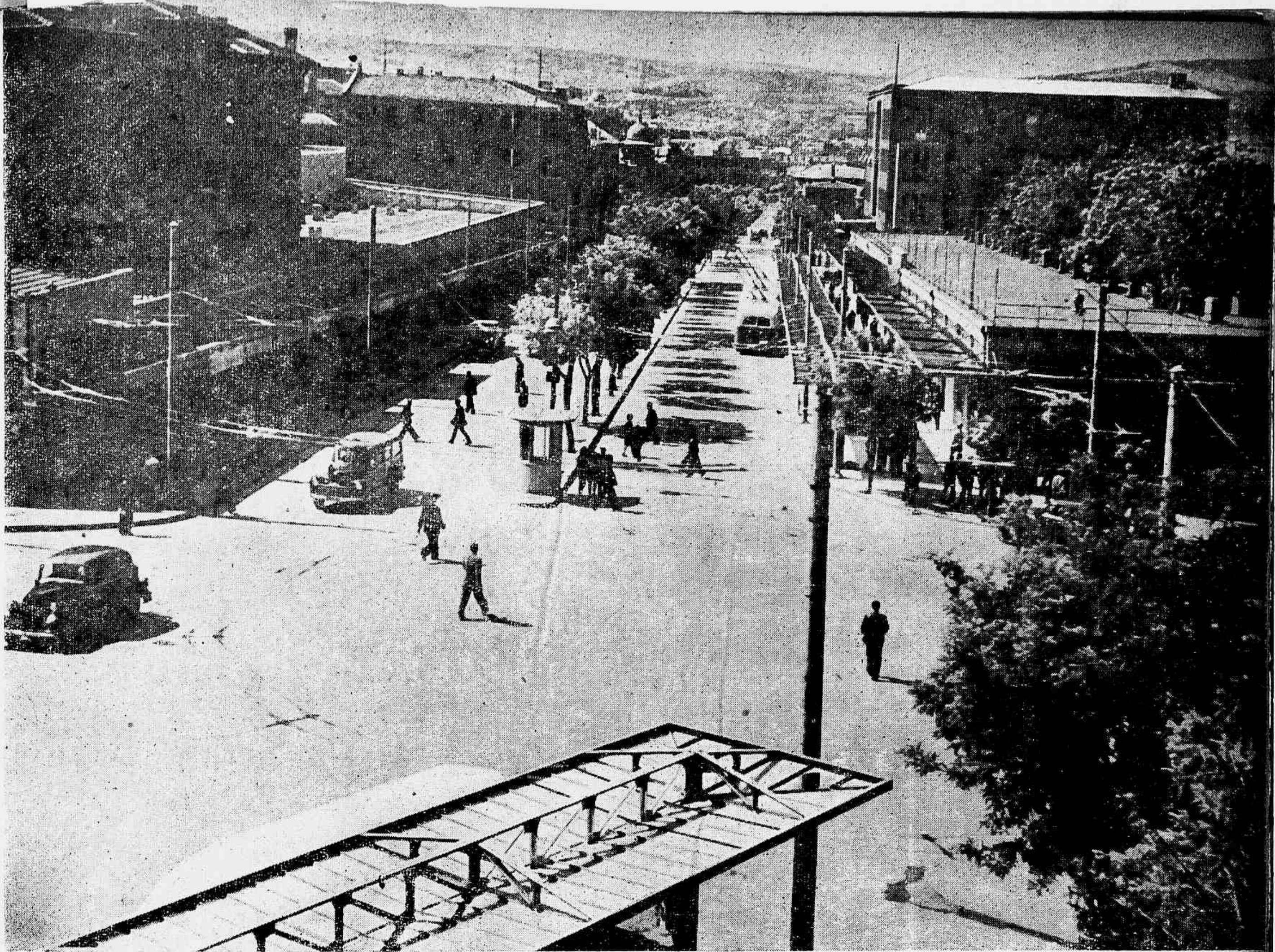
chapéu, que ele tirava da cabeça e mostrava em todos os detalhes à multidão, com o mesmo zêlo de um vendedor ambulante.

Kemal tinha razão. Para convencer os turcos a adquirir uma nova mentalidade, era preciso mudá-los antes de tudo os hábitos exteriores. A Turquia tinha ficado até então num estado de atraso social e cultural sem precedentes. O império dos Sultões conservara a estrutura feudal da Idade Média até o último dia. Fôra o derradeiro baluarte da reação aristocrática no concílio das grandes potências européias. Por isso mesmo tinha-se aliado aos impérios da Alemanha e da Austria, na esperança de derrotar as nações ocidentais. A derrota de seus aliados abriu caminho à renovação da vida turca, que teve que se processar por meios revolucionários, que atingiram às vezes, o "climax" da violência.

Kemal, conhecido pelo povo como El Ghazi (isto é, o vitorioso), o "ditador de olhos azuis", que impressionou os observadores estrangeiros por sua força magnética, entrou logo em batalha contra todas as velharias características do império. Antes de tudo, as roupas e os chapéus. Até então só os jovens intelectuais vestiam-se à moda ocidental, sendo isso causa de graves incidentes provocados pelos fanáticos muçulmanos. Os funcionários públicos trajavam a "stanbulina", espécie de "tight" preto, com o imancável "fez", que aliás também os intelectuais mantinham, pois era um símbolo religioso, sem o qual eles teriam demonstrado ser não somente progressistas, como também ateus ou infiéis.

Kemal pôs termo à tradicional inferioridade da mulher, de maneira radical. Mal saíra do harem e mal largara o véu, a mulher turca entrou para a vida pública e para as profissões liberais. A mudança deu-se da noite para o dia. Era a técnica de Kemal: impor pela força todas as renovações, sem perder tempo em persuasões teóricas. Nas questões mais graves as penas para os contraventores das novas leis chegavam até a pena de morte. Em outros casos os jovens partidários de Kemal se

Ao lado, em cima: soldados da polícia turca (eles têm o direito de conduzir sempre armas de fogo); em baixo: artistas do Teatro do Povo, cujas representações não são apenas recreativas, mas, sobretudo, educativas, de fundo ostensivamente didático. Essa foi uma das mais interessantes iniciativas de Mustafa Kemal.



Em cima: uma vista do "Boulevard Attaturk", muito bem arborizado e assim denominado em homenagem a Mustafá Kemal, o reformador da nação turca. A Turquia é hoje considerada um baluarte do mundo democrático contra a expansão russa.

encarregavam de liquidar com meios enérgicos as superstições, como aquele francês pôde experimentar. Foi o fim dos últimos sequazes de Kerabán o Teimoso, aquele personagem de Julio Verne que tinha feito a volta do mar Cáspio para não subir num trem.

O analfabetismo foi debelado mediante o ensino público e obrigatório do alfabeto ocidental. Isto deu a Kemal uma ótima oportunidade para destruir os privilégios da classe dos padres e dos funcionários, baseados no monopólio da cultura. Mas aquela cultura já não servia. Os homens cultos de outrora acharam-se diante do novo regime na mesma situação dos analfabetos. Contemporaneamente, todos os apelidos de "aga", "bey", "effendi", "pachá" desapareceram, substituídos pelos simples "bay" (senhor) e "bayan" (senhora), apelidos de cortesia que não indicam nenhum privilégio social.

Foi assim que um país até então reduzido a ser um mercado para a indústria e o comércio estrangeiro, um enorme império incapaz de produzir até os gêneros de primeira necessidade, cheio de dívidas até aos olhos, completamente desprovido de técnicos e de operários, começou a tornar-se uma nação industrial moderna. Desde 1922 até 1933, isto é, no período mais intenso das reformas, os "com-

binat" ("trusts" de pequenos industriais) subiram de 324 a 2.397, sem ter em conta as indústrias nacionalizadas e dirigidas pelo próprio Estado. A Turquia passou a explorar os minérios, os produtos químicos, a celulose, e a transformar numa grandiosa indústria textil a tradicional atividade dos pequenos artesãos.

A República, na Turquia, foi declarada pela Assembléia Nacional, em 1923, sendo eleito Ke-

mal Pachá o primeiro presidente. Imediatamente, lançou-se êle à modernização do país. Em 25 anos, as transformações são assombrosas. Hoje, a Turquia tem modelares instituições de assistência social, hospitais magníficos, — e a alfabetização é gratuita e obrigatória. Ainda hoje estão sendo construídos edifícios projetados em vida de Mustafá Kemal Pachá. O povo goza hoje as vantagens de educação e re-

creação do Teatro do Povo. Esse teatro, mantido pelo governo, proporciona ensinamentos morais, realiza dramatizações de acontecimentos históricos e de episódios da vida atual, sendo constituído apenas por amadores. Os turcos gostam de mostrá-lo aos estrangeiros, a fim de que êstes possam comprovar seus progressos artísticos.

Os continuadores de Kemal levaram a grande transformação aos resultados definitivos, de que a atual colaboração da Turquia com as potências democráticas é a demonstração mais clara. Ankara é hoje uma cidade moderna, exemplar por sua arquitetura, sua limpeza, a ordem pública, o grau de cultura dos cidadãos. Talvez as fotografias dêem uma impressão algo diferente do que os olhos dos americanos estão acostumados a encarar como "cidade moderna". Mas não se enganem: esta impressão é devida apenas ao tamanho das casas. Pode haver grande civilização também sem arranha-céus. A Turquia está com o mundo democrático. É uma nação amiga e digna do aprêço dos países democráticos, — uma nação corajosa que não se intimida ante o poderio russo e continua a trabalhar, firmemente, fiel aos ensinamentos dos seus líderes, à sua norma de vida, resistindo a todas as tentativas de sovietação.

Em baixo: aspecto de uma das ruas tradicionais do centro de Ankara, capital da Turquia.



NOTAS TERAPÊUTICAS

EMAGRECEU 28 QUILOS

A Obesidade na Clínica

DR. LAURO LANA



Antes de usar EMAGRINA



Após o tratamento com EMAGRINA

Não resta a menor dúvida que a obesidade influi de maneira decisiva sobre o encurtamento da vida. Via de regra o obeso vive muito menos que o indivíduo de peso aproximado do normal. As estatísticas no mundo inteiro provam com exuberância tal verdade. Seja a obesidade um distúrbio metabólico ou glandular ou qualquer outra perturbação orgânica, o fato é que as pessoas gordas sofrem demasiado com a excessiva massa adiposa que possuem. O problema para explicar a obesidade continua em discussão. Newburgh e outros mantêm-se na dianteira negando alterações endócrinas ou metabólicas na explicação da origem da obesidade. Aham eles que o peso resulta simplesmente de um balanço calórico positivo e que os obesos comem mais do que gastam sob a forma de trabalho. É possível, dizem, que para uma dieta idêntica, uma pessoa pode realizar um balanço positivo e outra um

balanço negativo, de modo que a primeira terá seu peso aumentado e a segunda diminuído.

Dez casos de obesidade foram por nós tratados e o resultado obtido variou de 20 a 50% de perda de peso. Um deles, J. M. C., português, casado, com 41 anos, residente à rua Alvaro Ramos, 35, pesando 112 quilos e medindo 1,70m de altura, obteve resultado altamente satisfatório com o tratamento, perdendo em dois meses 28 quilos. Sua aparência é hoje agradável, a pressão arterial que anteriormente era de 20x10 passou a 14x8. Havia, antes do tratamento, presença de glicose na urina, o que não acontece no momento.

Suas refeições, que habitualmente eram abundantes e exageradas, passaram a ser feitas com critério, sem que o paciente sentisse fome. A função cir-

culatória foi a mais beneficiada com o tratamento. O exame clínico do paciente revelou que o coração era o órgão que mais sofria com a adiposidade, devido à intensa sobrecarga funcional. A hematose era deficiente, e a gordura mediastínica, aliada ao recalçamento do músculo diafragma para cima, provocava perturbações aos movimentos cardíacos.

Em todos os casos de emagrecimento lançamos mão do medicamento "Emagrina", composto de tireóide, iodo, estrôncio e lítio. Trata-se, incontestavelmente, de um produto altamente eficiente, no emagrecimento. Não notamos em qualquer paciente a menor perturbação orgânica ou intolerância pelo medicamento.

(Transcrito do "Brasil-Médico" de 28-2-48).

Elisabeth

D

usar
ras q
direit
não a
do os
dos o
Não
se to
possa
pode
albei



Elisabeth Taylor, linda "estrelinha" da Metro, adora a vida ao ar livre, os esportes, etc. Para ela nada como o sol, o ar, a natureza, para conservar-se a juventude e a beleza. Vêmo-la aqui num belo flagrante tomado nos jardins da sua residência em Hollywood.

NOS BASTIDORES FEMININOS

DIFICILMENTE poderá uma mulher contar com o respeito e a admiração do marido, quando, em sua presença e, pior ainda, na presença de estranhos, usar de linguagem e atitudes vulgares. Existem criaturas que, pelo fato de serem casadas, se julgam com o direito de falar livremente sobre qualquer assunto, mas não o fazem, como só então seria permitido fazer, visando os conhecimentos que possuem ou possam auferir dos assuntos, mas o lado da maldade e da malícia. Não há assunto, por escabroso que seja, que, quando se torne absolutamente necessário mencioná-lo, não o possa ser feito em linguagem digna e decente. Tudo pode ser dito sem chocar ou ferir a susceptibilidade alheia. No entanto, existem numerosíssimas "senhoras"

casadas, não importa a situação social, que, por ignorância, malícia ou exibição, abusam da linguagem vulgar, chegando algumas ao ponto de em roda de amigos contar anedotas das consideradas "só para homens". Muitas assim o fazem com o fito de se tornarem engraçadas ou interessantes; outras porque querem demonstrar a sua indiferença por preceitos, outras enfim, sejamos francas, por absoluta falta de educação. E é essa falta de educação que as leva a desrespeitar o esposo, os amigos e a si mesma. Estejam certas, vocês, de que nunca a mulher perderá coisa alguma com a sua distinção e dignidade. Ela pode ser maliciosa, pode rir com uma frase de "double-sense", mas saberá sempre manter a sua "linha". Numa reunião, ou mes-

mo na intimidade do lar, ela saberá sempre conservar a necessária cerimônia e a necessária consideração pelos sentimentos alheios. Compreenderá, perfeitamente que nunca conseguirá impôr respeito a não ser que ela mesma demonstre o respeito que tem por si própria. Afastará assim muitos aborrecimentos e muitos importunos, os quais, julgando-a pelas suas atitudes, não se atreverão, tão facilmente, a uma "investida" e, ainda, não correrão, como as outras, o risco de serem tomadas como levianas...

Saberá, finalmente, que só assim poderá contar com a admiração integral do marido e o respeito dos demais.

KITTY

A PERSONALIDADE da Semana

CARMEN PORTINHO



Encontrei-me com Carmen Portinho no bar da Sociedade de Engenheiros da Prefeitura da qual é presidente. Agradei-me, descobrindo em pleno centro da cidade este clube secreto e simpático que dá aos seus sócios a oportunidade de se encontrarem para discutir problemas profissionais ou para descansar conversando, jogando bridge e tomando chá.

Como disse que a sociedade do bar lembrava a atmosfera dos clubes ingleses, Carmen Portinho contou-me algumas impressões sobre a Inglaterra, onde assistiu aos três dias de festejos que seguiram a vitória aliada. Falou-me também sobre os restaurantes e teatros parisienses, sobre o Canadá que o outono cobre de folhas avermelhadas e sobre os Estados Unidos onde adquiriu muitos conhecimentos técnicos.

Diversas sócias aproximaram-se da nossa mesa e exprimi ingenuamente meu espanto diante de tantas engenheiras. Pensava que as mulheres raramente escolhiam uma profissão que exige conhecimentos sérios de matemática. Soube então que existem cerca de cem engenheiros e arquitetos do sexo feminino no Rio e que a maioria ocupa cargos de grande responsabilidade.

Carmen Portinho explicou-me que eram muito unidos entre si, ajudando-se sempre mutuamente sem, entretanto, serem feministas e mantendo, ao contrário, relações profissionais muito cordiais com todos seus companheiros. Parece que estão integradas mais profundamente ao meio do trabalho que a maioria das mulheres das outras profissões. Falou-me de inúmeras mulheres consideradas como peritos nas suas especializações e que já ocuparam as mais altas funções nos órgãos de classe.

Carmen Portinho especializou-se em urbanização. Descreveu-me longamente seu trabalho atual que a empolga. A diretora do Departamento de Habitações Populares da Prefeitura despertou meu entusiasmo explicando-me os projetos de grandes conjuntos de prédios de apartamentos destinados aos funcionários da Prefeitura a serem construídos em todos os bairros.

O primeiro será o conjunto de Pedregulho que já foi aprovado pelo prefeito. Se for executado conforme os planos, teremos habitações maravilhosas pois não nos contentamos em obedecer a todas as necessidades sociais como também fazemos questão de dar muita importância ao aspecto estético para que haja equilíbrio plástico.

Quantas pessoas poderão morar neste conjunto?

Quinhentas e setenta famílias. Teremos muitos apartamentos duplos, o que será uma grande inovação. Estes têm muitas vantagens: evitam a promiscuidade e permitem uma melhor ventilação. Não são mais caros que apartamentos ocupando um único andar. Uma outra inovação é a rampa que substituirá as escadas habituais. Uma rampa suave é mais prática em muitos casos do que uma escada; por exemplo, para a mãe que desce com o carrinho da criança. Naturalmente a rampa só servirá em casos de emergência, pois haverá elevadores.

Quais são os serviços sociais que serão instalados em Pedregulho?

Teremos um ambulatório, médico, dentista e assistentes sociais que visitarão regularmente todas as famílias. Não somente para acudir aos doentes, mas principalmente para educá-los e fiscalizá-los. Teremos uma creche para os bebês, uma escola maternal para as crianças de dois a quatro anos, um jardim de infância para as crianças de quatro a seis anos e uma escola primária. Estará tudo arborizado e haverá uma piscina que poderá ser utilizada pelos adultos nas horas em que a escola estiver fechada. Também haverá um restaurante e lojas de comestíveis, e uma lavanderia mecânica. Este conjunto é relativamente pequeno. Nos maiores, que construiremos mais tarde, poderemos pensar num cinema, num teatrinho e em muitas outras coisas...

Carmen Portinho continuou por muito tempo a dar-me pormenores sobre estes projetos. Despertou meu interesse e meu entusiasmo, não somente porque estes planos são de importância vital no momento atual e parecem ter tomado em consideração as necessidades reais dos futuros moradores destas residências, mas também porque um assunto que não me é familiar me foi apresentado de maneira viva e clara. Isto só pode ser feito por alguém que gosta profundamente do seu trabalho e que pode transformar seus sonhos em realidades graças a conhecimentos técnicos profissionais sérios e reais.

YVONNE JEAN

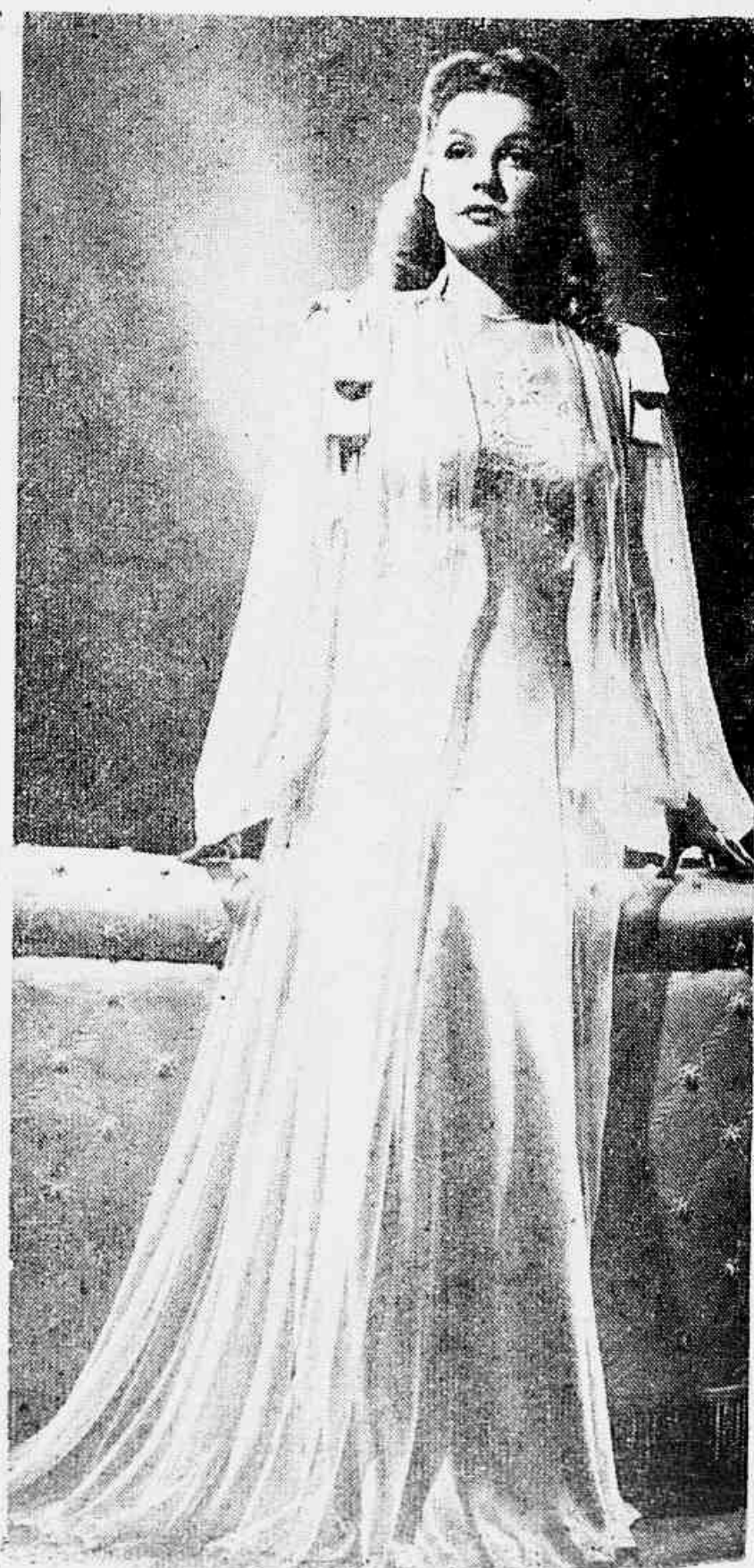


PARA você que sabe que deve manter sempre a sua "linha", oferecemos estas sugestões. Ao alto: Arlene Dahl, com uma linda camisola em "musseline" pérola, "robe" de pesada seda branca. Na página ao lado: "Robe" de flanela branca bordada a ouro. Criação de Adrian,

INTIMIDADE

especialmente para Loretta Young, "estrela" da RKO. Em baixo: Janis Paige, da Warner Bros., dá preferência

a este "robe" de pesada seda preta, com punhos de cetim rosa. Sobre uma belíssima camisola de gaze e renda, Ann Sheridan, da RKO, usa um "negligée" também de "chiffon", com mangas muito largas, pala franzida, e ombros de cetim arrematados por dois grandes laços.



pre-
Sobre
aze e
, usã
cion".
fran-
mata-





A CRIANÇA MIMADA

JA' insisti várias vezes aqui sobre os malefícios decorrentes de uma educação baseada na violência física; agora quero abordar também o extremo oposto, isto é, os mimos exagerados e as suas consequências funestas.

A criança mimada, quase sempre o filho único ou o caçula, e um ser mal preparado para a vida; acredita firmemente que fora do lar há de encontrar todos os privilégios e carinhos que lhe foram proporcionados pela mãe emotiva ou pelo parente que a mimou. Suas reações são típicas e o médico ou a mestra bem orientados reconhecem facilmente a criança que se tornou nervosa pelo vício educacional. Todos os atos fisiológicos e cotidianos que são executados automaticamente pelas demais crianças adquirem aspectos dramáticos e transcendentais para a criança mimada; o sono só é conciliado quando a casa emerge no mais profundo silêncio e o menor ruído a sobressalta de uma forma trágica; quando não, são terrores noturnos espantosos pela sua encenação que aumentam mais ainda o halo de ternura e preocupação em volta do garoto intranquilo; altas horas da noite a criança desperta aos gritos, chamando pela mãe, ou pela pessoa a quem ela está mais afeiçoada, põe-se de pé na caminha, não reconhece as pessoas que vêm acudir-lhe embora esteja de olhos abertos, murmura estranhas palavras e dificilmente se acalma; ordinariamente é a presença da mãe no quarto e a sua atenção vigilante até que adormeça novamente o que a criança exige; é muito importante observar então, para que o médico ou psicoterapeuta se oriente, qual a atitude exata da criança, que palavras diz ela, que pessoa solicita, como gesticula, como grita, porque na descrição destes detalhes está a origem do seu terror e o meio de eliminá-lo. Uma das causas mais frequentes geradoras do terror noturno é o medo que amas ou mesmo mães fazem às crianças para conseguir uma obediência que a má educação não logrou imprimir. A criança ameaçada com o velho do saco, a polícia, a cigana, bichos papões, fantasmas tanto mais terríveis quanto imaginários e portanto livres de se conformarem terrivelmente pela exaltação infantil, terá forçosamente sonhos assustadores que lhe darão despertar angustiosos. Neste ponto o hábito pernicioso de inculcar medo está tão arraigado na educação infantil que até mesmo pessoas de cultura e compreensão suficientes utilizam este processo como já tenho tido ocasião de observar.

Dirão agora os que me lêem: — Mas se todas as crianças sofrem estes erros educacionais por que só algumas delas revelam as consequências do mal? E' exato; mas a experiência nos ensina que as crianças que tiveram uma educação em que se apelou demasiado para as fontes emocionais é que apresentam estes distúrbios; desde cedo são embaladas constantemente ou carregadas à saciedade no colo; qualquer arranhão ou queda provoca os comentários mais assustadores da família e começa a perceber que é alguma coisa de precioso que merece extraordinário desvelo dos que a cercam; suas vontades são satisfeitas imediatamente e quando não por intermédio de um choro espasmódico habilmente encenado consegue o que quer. Por fim, a criança passa a si mesma e a todos os seus atos, como comer, dormir, defecar, como fatores importantes da vida do lar que devem ser assistidos e controlados exaustivamente pelas pessoas de casa. Toda atenção que não se dirige para ela provoca-lhe extremados ciúmes; a sua sensibilidade desperta cedo demais, seus sentimentos se crescem sem amadurecimento e desaguam afinal em explosões sentimentais como crises de nervos nos adultos infantis.

E' preciso, pois, que as mães e os pais ofereçam aos seus filhos um ambiente de segurança, sem paixões, ternura sem piequices, autoridade sem violência, para que a criança possa se desenvolver normalmente, sem desvios de emotividade.

ZOLA DE LAET





Os trajes esportivos continuam predominando em todo o mundo, nada de "toilettes" complicadas e custosas, um "slack" e uma interessante "sweater", formam um conjunto agradável, e quando usado com distinção poderá constituir sempre um

"SLACKS"

traje elegante. Aqui temos nestas páginas elegantes modelos esportivos, onde predominam os "slacks" três-

quartos, à esquerda vemos três modelos que nos chegam de Paris; e à direita modelos de Hollywood, apresentados ao alto por Janis Carter e em baixo, um diferente e encantador conjunto apresentado por Esther Williams.



O ESPÍRITO *Feminino* ATRAVÉS DOS TEMPOS

A VIUVA

Sarah Bernhardt chegou à América. Multidão no cais, Marselhesa. "Star Spangled Banner" (hino nacional americano). Discursos em inglês. A "estrela" responde em francês. O povo delira. No mesmo navio, uma mulher de preto aguarda o fim daquilo. Por fim a multidão se dispersa. A mulher sai do seu obscuro recanto no refeitório e desembarca. É a viúva de Lincoln, que voltava da Europa no mesmo navio que a rainha do palco francês.

★

A RAINHA E OS MINISTROS

O príncipe de Ligne perguntava a Catarina II, Imperatriz da Rússia, como se entendia com os seus ministros.

— Estou sempre de acordo com eles, — esclareceu — quando eles têm a mesma opinião que eu.

★

DE HOMEM PARA HOMEM

Diderot discutia com Catarina II, quando subitamente notou que a argumentação estava sendo feita num tom por demais acalorado.

— Sou obrigado a me conter, esbravejou. A senhora pode dizer o que quiser sem correr nenhum risco. Mas eu, a qualquer momento posso faltar ao respeito a uma imperatriz!

— Continue, retrucou Catarina, entre nós, os homens, não pode haver dessas coisas.

★

MUITO CARO

Fanny Marchió saía de um teatro, depois de um ensaio exaustivo, num lugar distante do centro. Perdera a última condução e estava sem automóvel. Um homem que se dirigia de carro para o centro, ofereceu-lhe condução e ela aceitou. Durante todo o trajeto, o homem portou-se com discrição. Falando pouco, gentil, um perfeito cavalheiro. Levou-a até à porta da casa. Fanny estava encantada.

— Não sei como lhe agradecer, disse, despedindo-se.

— Posso lhe indicar uma forma, respondeu o homem fitando-a.

— Nesse caso prefiro passar por mal educada e não agradecer nunca, retrucou a encantadora atriz se afastando.

★

FIDELIDADE

Mademoiselle de Mars, célebre atriz francesa, teve por Napoleão não só um grande amor, como também a admiração mais irrestrita. Durante os cem dias, ela se encontrava no meio do povo, quando Napoleão passava em revista as tropas nas Tulherias. Descobrimos-a, fé-la vir para junto de si. Era notória a paixão de ambos. Depois da derrota do corso, por fidelidade, continuava a vestir-se de roxo, todas as vezes que o papel lhe dava ensejo. Simplesmente porque era o roxo a cor favorita de Napoleão.

Certa vez, já sob o reinado de Luís XVIII, quando representava num de seus costumes roxos, um dos oficiais que assistia à representação, irritou-se de tal forma que exigiu que ela gritasse do prosênio: "Viva o Rei!"

A atriz procurou esquivar-se, mas, a coisa ia degenerando em tumulto. Aproximando-se, então, da boca de cena, disse: — "Vejo que desejam que eu diga "viva o rei". Pois bem, já o disse!"

Isso não impediu Luís XVIII de ser tão tolerante a ponto de lhe dar uma pensão anual. Nem Mademoiselle de Mars se sentiu constrangida em recebê-la, porque era inimiga do rei, mas não tinha nada contra o tesouro.

★

SEGREDOS DE ESTADO

A duquesa de Bourbon explicava a Madame de Maintenon o sucesso da Rainha Elizabeth como estadista.

— Ela governa melhor que Luís XIV, não resta dúvida. Porque aqui na França, mandam as mulheres. Ao passo que na Inglaterra os homens é que dão a última palavra...

★

GRA-CRUZ

Em uma reunião, a que estava presente a grande poetisa Erminia Fua, também reconhecida como grande patriota italiana, comentava-se o fato do governo distribuir a cruz de cavaleiros a homens sem nenhuma importância, enquanto que mulheres de valor permaneciam ignoradas. Erminia se exprimiu com um epigrama mais ou menos assim:

Sabe, Excelência, qual é a razão
De se dar tanta condecoração
A homens sem valor, a um qualquer
E nunca se laurear uma mulher?
É que a mulher já é condecorada
Quando carrega a cruz de ser casada!

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)



DO GUARDA-ROUPA DE MERLE OBERON

MERLE Oberon é tida como uma das mais belas mulheres do mundo e também uma das mais elegantes. Aqui apresentamos alguns modelos do seu guarda-roupa particular.

1 — Dentro do lar, a vemos com um traje bastante interessante, composto de calças pretas, impecáveis, uma blusa de seda branca e um colete em brocado com flores azuis e rosa. 2 — Vestida para a noite em cetim pêsola. Grande decote com original acabamento. Na cintura, faixa de veludo com "elipses" de pedras. 3 — "Tailleur" em pesada seda preta com gola de cetim. Blusa de organza branca com laço de veludo preto. Chapéu preto com "vivo" branco e "agulhas" pretas. 4 — Sóbrio e elegante é este modelo em "chiffon" branco com grupos de estreitas pregas em toda a sua extensão.



BERON

têm uma das
particular
to de calças
flores azuis
original acor-
pesada seda
eto. Chapéu
esta modelo



Muro das LAMENTAÇÕES

COMO VENCER A TIMIDEZ

A palavra timidez tem a mesma origem latina da palavra temor. Mais simplesmente, timidez é medo. A princípio, medo de praticar certos pequenos atos que poderiam ser observados pelos outros, depois medo da opinião alheia, medo de assumir certas atitudes exigidas pela nossa personalidade, e, finalmente, medo total de viver.

Essa, a carreira terrivelmente dramática por que passa o tímido que não soube lutar a tempo contra os receios inibidores. Cheio de possibilidades, de esperanças e de ambições, ele foi aos poucos se encolhendo na casca, que nem um caramujo, e acabou enclausurado lá dentro, solitário, fracosado, infeliz.

A pessoa tímida, porisso, deve meditar seriamente sobre o seu temperamento, e procurar os meios para libertar-se, ou, pelo menos, para atenuar os feitos desastrosos de seus temores. Se o não fizer, perderá todas as oportunidades que a vida lhe trouxer, será um lento assassino de si próprio.



O mais engraçado é que a timidez escolhe suas vítimas, de preferência, entre as pessoas melhor dotadas. Em geral é o temperamento ultra sensível, é a inteligência muito imaginativa, pontos de partida preferidos para inúmeros casos de timidez. Isso porque os broncos e os insensíveis não têm capacidade de análise, enfrentam a vida cegamente, encorajados pela ignorância, e sem o saber usufruem as vantagens da sua inconsciência.

Na análise está a arma destruidora do tímido, aquela pela qual ele conhece todas as suas fraquezas, prevê todos os possíveis fracassos, e, em consequência, se recolhe a uma imobilidade negativista. Na análise, também, está a sua única salvação.

O tímido precisa conhecer suas fraquezas não para temê-las, mas para superá-las. Não de uma vez só, em gestos espetaculares — prova também de fraqueza galvanizada pelo desespero, — mas através de um lento e paciente esforço de auto-educação.

Fazendo diariamente exercícios de concentração, de sugestão consciente, e ao mesmo tempo de preparo técnico nos assuntos que lhe causem maior receio, poderá ultrapassar aos poucos as limitações que lhe foram impostas pelas debilidades de sua personalidade. Poderá, assim, tirar vantagens dos próprios defeitos, transformando a exagerada sensibilidade em fonte de requintes sociais, artísticos ou filosóficos, e usando a imaginação como embelezadora da vida, e não como raiz de pavoros invencíveis.

Recentemente, o professor francês L. E. Gratia escreveu um livro, intitulado "O acanhamento e a timidez", que recomendamos aos nossos leitores pela soma de conhecimentos práticos que traz sobre o assunto. Além de estudar detalhadamente as causas da timidez, ele apresenta uma série de sugestões para lutar contra ela, sobremaneira úteis.

CONFIDENTE



CORRESPONDENCIA

Responderemos no próximo número a algumas das consultas que nos foram dirigidas. Aqueles que desejarem ouvir nosso conselho amigo a respeito de seus assuntos particulares, poderão escrever-nos aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.



SUGESTÕES DE LARAINÉ DAY



Laraine Day
lado, ao
de flores
de flanel
Blusa br



Laraine Day, "estrela" da RKO Radio apresenta aqui seus mais recentes modelos, para meia estação. Na página ao lado, ao alto: "Tailleur" de "shantung" branco, gola arredondada, fita de gorgurão em cor contrastante. "Bouquet" de flores de organdi no tom da fita. Nesta página: Conjunto composto de saia de lã, blusa de seda branca e colete de flanela enfeitado com tiras e botões da cor da saia. Em baixo, ao lado: Conjunto esportivo em gabardine cinza. Blusa branca. Nesta página: Com uma saia de lã cinza, Laraine usa uma blusa de talhe masculino em jersey cinza claro. Colar dourado. Cinto de couro com medalhões dourados.



UM ATOR CARACTERISTICO



Jayme Costa é um dos nossos atores mais operosos e mais antigos. Sua vitória junto ao público não foi fácil. O terreno que ele conquistou representou o fruto de um rude corpo-a-corpo, em que demonstrou, antes de mais nada, uma tenacidade incrível. Várias vezes tentou atrair a atenção do público, ora no velho Lírico, ora no Trianon. Nessa época, a concorrência não era pequena. Havia Leopoldo Fróes, com renome firmado. Havia a Companhia Abigail Maia, dirigida por Oduvaldo Vianna. Havia Procópio Ferreira, que já se consagrara com "A Justiça". Havia Chaby Pinheiro, em constantes visitas ao Brasil. Jayme Costa, ainda muito jovem, era um rapaz saído da opereta, onde se apresentara como um rival de Vicente Celestino. Era bonito, moço, dono de uma boa voz. Mas era o teatro de comédia que o seduzia. Depois de muitas tentativas vãs, Jayme Costa começou a colher os resultados da sementeira tenaz que fizera. Em 1930, já era um cartaz nacional, no teatro, ajudando a preencher as vagas de Fróes, que se fora para a Europa, e de Raul Roulien, que desertara, atraído pelas seduções de Hollywood e do cinema norte-americano. Então, Dulcina e Odilon eram ainda dois artistas jovens lutando para firmar nomes hoje gloriosos e estabelecidos. Por isso mesmo, ao lado do nome de Procópio, nessa época fulgia na comédia apenas o de Jayme Costa, — pois Mesquitinha era, então, o grande cartaz das revistas do Recreio e Aida Garrido se dedicava ao mesmo gênero. Uma coisa predominava nos planos de Jayme Costa, — a preocupação de oferecer oportunidades aos jovens autores brasileiros. Com ele, estrearam Paschoal Carlos Magno, Melo Nóbrega, Maria Jacintho, Roque Taborda, Ruy Costa, Sarah Marques e muitos outros, tendo montado peças de Henrique Pongetti, Roberto Gomes, Viriato Corrêa, Cláudio de Souza, Arthur Azevedo, Moreira Sampaio, Cesar Leitão, Miguel Santos, Armando Gonzaga, — em suma, de quase todos os autores brasileiros de teatro ligeiro.

Não sendo um galã, não tendo pretensões a conquistar o público feminino, mas o público em geral, Jayme Costa contentara-se a manter uma posição que, de resto, ninguém lhe pôde disputar: a de ser o maior ator característico do teatro brasileiro. Tentou, algumas vezes, ser vanguardista do teatro moderno, com obras de grande expressão intelectual, — e foi o primeiro a dar, em nosso país, Luigi Pirandello e Eugène O'Neill. Mas não é por isso que é mais lembrado, — com o que lhe fazem uma injustiça. Entretanto, não há quem não o identifique como o homem das muitas caras, dos tipos mais pitorescos do nosso teatro, podendo rivalizar com qualquer fabricante de "machiettas" do teatro napolitano. O burguês de grandes bigodes, o funcionário público humilde, o mendigo hirsuto, o médico ao velho estilo, com seu cavanhaque pontagudo, o milionário de face escanhoadada e monocúculo insolente, — a cada uma dessas caracterizações Jayme Costa dá um toque pessoal, particular, evitando que se confunda com uma outra. O seu tipo de alemão, bebedor de chope, de uma das farsas alemãs que costuma representar, é de tal veracidade que, se aparecesse durante a guerra, na Cinelândia, com aquele aspecto, certamente teria sido preso, confundido pela polícia secreta com um perigoso espião de Adolf Hitler...

Na galeria dos seus grandes tipos, das suas caracterizações exemplares, uma ficou famosa e a ela o nome de Jayme Costa está e estará permanentemente ligado. Aludimos à caracterização de D. João VI, em "Carlota Joaquina", a peça histórica que Jayme Costa levou no Rival a 226 representações consecutivas, com casas esgotadas. Corre, agora, no meio teatral, a notícia de que Jayme Costa vai reviver seu papel máximo, no palco do Glória. Tem ele de novo, em sua companhia, vários dos elementos que triunfaram na primeira apresentação de "Carlota Joaquina", — entre eles Darcy Cazarré, que foi um irrepreensível Lobato, e Déa Selva, que foi uma magnífica Gertrudes Pedra Carneiro Leão. Se essa notícia for confirmada, os "fans" de Jayme Costa, estarão de parabéns, pois terão, dez anos depois de sua famosa criação, a oportunidade de aplaudir-lo, de novo, no papel de D. João VI, que o historiador Luís Edmundo, membro da Academia Brasileira de Letras, qualificou de "milagre", dizendo que era o velho rei, redivido com seus cacoetes e a sua gulodice célebre...

DEMÓSTENES VARELA





NOITE

Hollywood continua esmerando-se cada vez mais em sua moda, uma prova disto são os modelos que aqui apresentamos. Ao lado: Janis Carter, da Columbia, dá preferência a este luxuoso piama de lamé dourado, usado com blusa de jersey vermelho. Colares vistosos emprestam maior brilho ainda à sua "toilette". Ao alto: a encantadora Jane Greer, da RKO, exibe um modelo estampado, fundo preto com grandes flores em cores vivas, e grande laço de tafetá sobre o busto. Em baixo: Rita Hayworth, "A Dama de Shangai", aparece-nos maravilhosa neste elegante vestido de seda preta; saia longa e corpo em renda preta.



EXISTE uma verdadeira arte na maneira de se confeccionar massas, delas dependendo o sucesso de uma empada, um pastel ou uma torta. E o mais interessante é que muitas vezes fazemos a mesma massa da mesma maneira que havíamos feito anteriormente, sem que ela fique como deveria ficar. A maneira de bater é de grande importância; existem massas que não são batidas, mas espremidas; existem outras que são amassadas muito de leve e outras ainda que requerem força. umas precisam "descansar", outras não. Enfim, a ciência de confeccionar massas está na observância total das indicações feitas, quer no que se refere aos ingredientes ou à maneira de fazer.



MASSAS PARA PASTEIS

Ingredientes: 250 grs. de farinha de trigo; 50 grs. de manteiga; 1 gema; 2 ou três gotas de limão; sal.

Preparação: Põem-se todos os ingredientes sobre uma tábua, ou mármore, acrescenta-se-lhes água em quantidade necessária para fazer u'a massa pouco consistente, mistura-se tudo, amassa-se bem e deixa-se descansar durante uma hora.



MASSA PARA EMPADAS

Ingredientes: 500 grs. de farinha de trigo; 250 grs. de banha; 1 colher das de sopa de manteiga; 3 ovos; sal.

Preparação: Peneira-se a farinha e põe-se em monte sobre uma tábua ou mármore; faz-se uma cavidade no centro, onde se colocam a banha, a manteiga, os ovos e o sal. Mistura-se bem até ficar tudo ligado e depois vai-se juntando a farinha aos poucos, espremendo-a e não amassando-a, até ficar bem ligada.



MASSA PARA CANUDOS

Ingredientes: 250 grs. de farinha de trigo; 1 colher das de sopa de manteiga; 2 gemas.

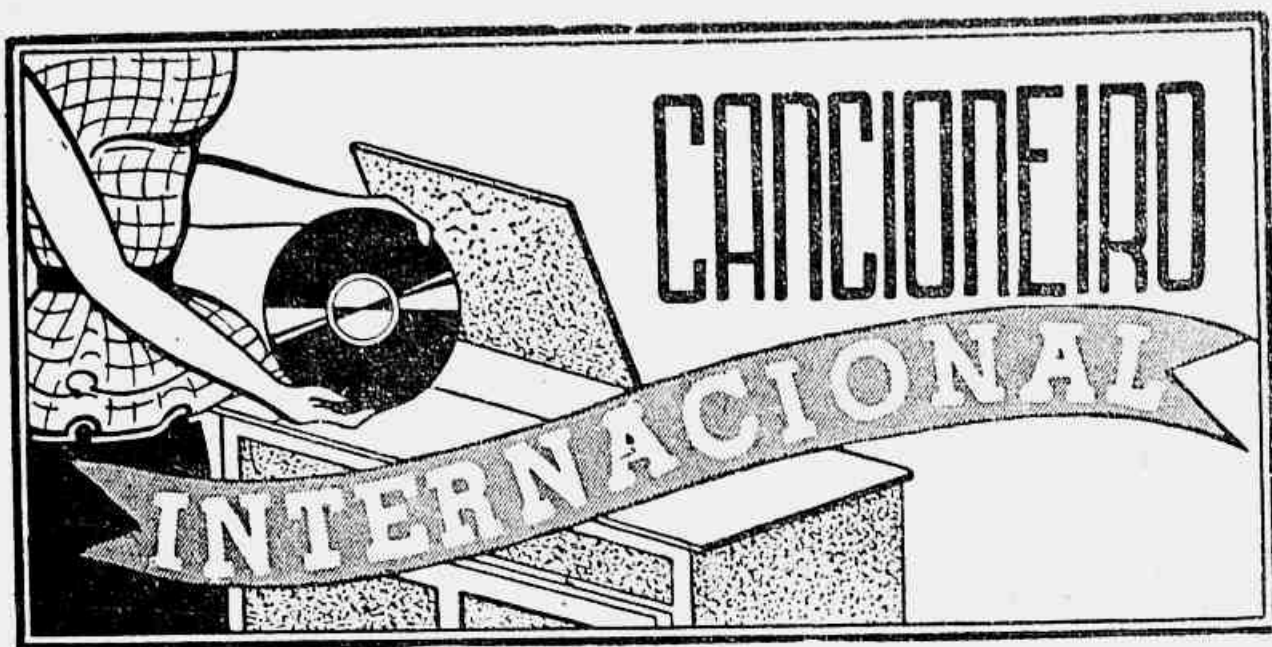
Preparação: Põem-se todos os ingredientes numa tábua ou mármore, amassa-se bem até que a massa fique lisa. Passa-se o rolo e fazem-se os canudos.



MASSA DOCE PARA TORTAS

Ingredientes: 500 grs. de farinha de trigo; 250 grs. de manteiga fresca; 4 colheres das de sopa de açúcar; 4 gemas.

Preparação: Peneira-se a farinha, põe-se sobre uma tábua ou mármore, faz-se uma cavidade no centro onde se põem a manteiga, as gemas e o açúcar. Mistura-se muito bem estes três ingredientes e depois vai-se-lhes juntando pouco a pouco, a farinha, espremendo-se com a mão até ficar tudo ligado. Com esta massa forram-se as formas para as tortas.



AUTORES NOVOS

NÃO há oportunidade para o autor novo no Brasil. O compositor que se estiver iniciando entre nós e desejar gravar uma produção sua, leva anos para realizar esse intento, caso não se sujeite a vender composições, aceitar parciais gratuitamente ou pagar de seu bolso a um ou outro cantor que exija esta condição, porque — escandalizem-se à vontade — entre nós há até cantores que exigem dinheiro de compositores para fazer gravações de músicas suas... O que é mais interessante em tudo isso é que o autor precisa ser conhecido para conseguir gravar uma produção. Se for inteiramente estranho, não consegue. E isto é uma coisa que não se justifica, porque nunca ouvi dizer que no Brasil qualquer pessoa entre numa loja de discos para escolher gravações de determinados autores. Nunca vimos alguém deixar de obter um disco somente porque o autor da música seja um ilustre desconhecido. Antes de tudo, não há autores conhecidos entre nós. Se formos selecionar os verdadeiramente populares, tiraremos pouquíssimos. E, se formos tirar os que se tornaram populares exclusivamente compondo, talvez não consigamos uma exceção... Portanto, não há razão para que o autor novo não tenha sua permanente oportunidade nas fábricas de discos. Que selecionem os cantores mais conhecidos, é justo, porque o público tem cantores preferidos. Que escolham com rigor as produções musicais, também é justíssimo. Mas que não deem oportunidade aos valores que surgem, é ceticismo...

NESTOR DE HOLANDA

HOW BLUE THE NIGHT

Cantado por Dick Haymes no seu primeiro filme, "Quatro moças e um jeep", da 20th.

How blue the night, how long the day
How blue the night with you away
How strange it seems just living in [dreams]
I'm left the moon glow
But where did the moon go!
The stars on high that used to burn
Are standing by for your return
Until my arms are holding you tight
How blue my heart, how blue the night.

★

TIME WAITS FOR NO ONE

Apresentado no filme "Melodias do amor", com Dennis Morgan, da Warner.

Time waits for no one it passes you by
It rolls on forever like the clouds
Time waits for no one goes on in the [sky endlessly]
It's just like a river flowing out to the [sea].
You'll find that love is like this
Each precious moment we miss will [never return again]
So don't let us throw one sweet moment [away]
Time waits for no one let's take love [while we may].

★

LONG AGO AND FAR AWAY

De Jerome Kern, dos filmes "Modelos" e "Quando as nuvens passam".

Long ago and far away
I dreamed a dream one day
And now that dream is here beside me
Long the skies were overcast.
But now the clouds have passed
You're here at last.
Chills run up and down my spine
Alladin's lamp is mine
The dream I dreamed was not denied [me]
Just one look and then I knew
That all I long'd for long ago was you.

★

MEU BAIRRO CANTA

Samba de Waldemar Ressurreição.

I

Eu quero enaltecer
Um bem que adoro
O meu bairro onde moro
Meus amigos fiéis
Dizer que do meu coração não sai
Saenz-Peña à rua Uruguai
A Muda, o ponto cem réis
Citar a velha fábrica das chitas
Todas garotas bonitas
Que o Salgueiro tem aos pés.

II

Sim, também eu quase que me esqueço
Não é somente endereço
Meu samba vai mais além
Eu quero
Dar um salve a todo pano
Salve unidos Tijucanos
E' minha gente, o que é que tem
Quando à cidade manda os seus clarins
Convocar os tamborins
Meu bairro canta também.

★

SERAS MINHA

Valsa de Raphael Antierio Caparelli.

I

Ao som desta valsa, um certo dia,
Vi que a minha doce melodia
Era diferente das demais.
Na forma, no eco, nos sinais...
Pois te quero ver, contente
a meu lado, feliz.
Como ninguém jamais te quis...

II

Sei que tu me queres muito bem,
Sinto que te chegas, toda a mim...
Crê-não existirá, jamais, ninguém,
Que te queira sempre tanto assim...
Vem, tem confiança, ouvir o apelo,
[querida,

Do meu ser à tua vida...

II

Quisera contigo viver,
ter em frenesi o teu ser...
Contar-te, afinal, meu amor,
A história da valsa que eu fiz.
Com fervor...

★

UM CORPO DE MULHER

(Valsa)

Augusto Vasseur e Mario Rossi.

I

Não há um beijo igual a outro beijo
Na pauta emocional dos corações
A nota dominante do desejo
Inspira mais de mil modulações
Capaz de conseguir o que quiser
Fazendo o homem crer em sonhos vãos
— Um delicado corpo de mulher
Detem o Universo em suas mãos.

II

Um corpo de mulher tem o destino
Das lindas melodias imortais
E tem as vibrações de um violino
Em móbidos acordes sensuais.
Mulher é o apelido da poesia
Mais simples e profunda que há na [terra].
E os sábios pesquisando noite e dia
Não sabem os mistérios que ela en- [terra]

COCADA BRANCA

(Cont. da pág. 20)

que... Bem, mas isto não nos interessa...

"Engraçado!!! Igualzinho à minha cocada!"... Ao pensar nisso, eu não podia afastar de mim a idéia de que a minha cocada estava misturada com o sangue do sujeito que pulara do quinto andar. E ainda mais: que a cocada era o pedaço de miololos do sujeito. Prá que! Pois não é que a coisa que subia e descia dentro de minha barriga voltou? Puxa! Passei um mau bocadão...

Impressionado, sai do lugar em que me achava. Continuei o meu caminho, pela rua do Seminário. Olhei longo tempo para a cocada que tinha na mão. Era o pedaço dos miolos do sujeito, direitinho! A "coisa" então subiu e desceu mais depressa ainda e degenerou numa vontade louca. Eh-eh-eh-eh! Vomitar!!! Coisa nojenta! Tenho pavor a vomitar. Procurei afastar os meus pensamentos do pedaço de miolos. Joguel fora a cocada. Era um elo entre a minha memória e o pedaço de miolos. Mas joguel-a — burrice minha — para a frente, em vez de jogá-la para traz ou pelo menos para o lado. E olhei-a ainda uma vez. Não queria olhar, mas o outro "eu" me agarrou pelo cangote e me gritou em plena cara: — "Olha, desgraçado! Pior, pior! Prá que é que eu fui olhar?"

"Comer miolos... Miolos brancos com cocada... Comer miolos..." era só o que eu pensava, embora não quisesse pensar. Estava tonto, tonto. Sentia a cabeça rodando. Passei os olhos em torno de mim. Nem um lugar para me sentar e descansar daquela súbita vertigem. Só o meio fio da calçada. Mas ali eu seria notado por todo mundo que passasse. Ficava feio... "Eu, estudante, metido no meu bom terno de casimira, com os livros debaixo do braço, sentado no meio-fio numa rua central de São Paulo, numa hora dessa!" — essa idéia me enchia de terror. E continuei a caminhar.

"Hum! Como tá bom esse pedaço de miolos!... Você vai querer um naco?... Miolos gostosos... Come miolos, seu trouxa!..." E o desgranhado pedaço de miolos não me saía da cabeça. Tentel, mais uma vez, afastá-lo da memória, usando o velho método do desvio dos pensamentos — método mais velho que as cocadas brancas e talvez tão velho quanto os miolos da gente. Não adiantou nada. Os miolos não me saíam da cabeça... Os miolos do sujeito, que pulou do quinto andar, não os meus, é claro.

"Manda lá um pedaço desses miolos... Miolos... Miolos gostosos... Vamos comer mais miolos..." Os pensamentos giravam só em torno desta palavrinha; miolos. A vontade de vomitar aumentava. A "coisa" dava cada descida e cada subida de arrebentar o estômago. Eu olhava para o meio-fio, sem ter ainda coragem suficiente para me arriar ali. "Eu, estudante, metido no meu..."

Dai a pouco, a "coisa" deu uma bruta subida e eu senti uma bola de não sei o que deslizar pelo esófago acima e... bo-o-o-ê. Lá me saem pela boca afora uns pedaços mastigados de cocada branca e de pão que eu tinha comido com o café da manhã. Bem, aí então não pude mais resistir. Botei o meu luxo de estudante de lado. E me sentei no meio-fio da calçada. Vomitei até dizer: "chega!". Quasi botei as tripas pela boca. Mas foi um alívio, ah-ah-ah! Passou tudo, tudinho. E esqueci, felizmente, cocada, sangue, miolos e o sujeito que pulara do quinto andar. Peguei os livros, que havia deixado na beira da calçada, e me levantei. Só então foi que notei alguns olhares de transeuntes voltados para mim. Envermelhei em dois tempos. "Eu, estudante, metido..." Virei a cara a todas as pessoas que me olhavam e segui o meu caminho.

Depois disso, — coisa interessante! — toda vez que vejo uma cocada branca, me lembro dos miolos do sujeito que se atirou do quinto andar, e, logo, sinto aquela "coisa" subir e descer dentro do meu estômago. Não, positivamente, nunca mais comerei cocada branca na minha vida!

Um pobre homem rico.

(Cont. da pág. 25)

— Sabes tu, Celedônio, com quem me encontrei ontem?

— Com Rosita, é claro. Ia sozinho?

— Não, não ia sozinho; ia com o Martinez, com quem, afinal, casou; mas além disso, ela, Rosita, na sua própria pessoa, não ia sozinho...

— Não te percebo; como não queres dizer na tua que ela ia acompanhada...

— Não, ia no que chamam o estado interessante. Foi ela mesma quem se apressou em dizer-me, e com que olhar de triunfo, com que mirada de alto a baixo: «Estou, como o senhor está a ver, D. Emetério, em estado interessante». E eu fiquei-me a pensar em qual poderia ser o interesse desse estado.

— Claro! Observação muito natural por parte de um empregado bancário. Por seu turno, o outro, o Martinez, seria curioso saber o que pensa ele desse estado em relação com a psicologia, a lógica e a ética. E então, que efeito te fez tudo isso?

— Se visses...! A Rosita ganhou com a mudança.

— Com que mudança?

— Com a mudança de estado; arredondou-se, fez-se matrona... Se visses com que solenidade majestosa caminhava apoiada no braço de Martinez...

— E tu, com certeza, ficaste a pensar: «Por que não cá? Por que não me atrevo... de cabeça, ao matrimônio?». E arrependeste-te da tua fuga, não é assim?

— Não deixas de ter razão, sim, não deixas de ter razão...

— E o Martinez?

— O Martinez olhava para mim com um sorriso sério, como que a querer dizer-me: «Não a quisesse? Agora é minha!».

— E é dele também o miúdo...

— Ou miúda. Porque se fosse meu sairia miúdo, mas... do Martinez?

— Está-me a parecer que está com ciúmes do Martinez...

— Que tolo que eu fui!

— E a d. Tomasa?

— A d. Tomasa? Ah, sim! A d. Tomasa morreu. E parece que foi isso que levou Rosita a casar-se para poder continuar a manter a casa respeitavelmente... E, desta forma, o Martinez passou, de pupilo, a mentor de pupilos? — Tal e qual; mas continua a dar as suas lições particulares e a apresentar-se aos concursos. E agora, até parece providencial, arranjou, por fim, um lugar de professor e vai-se embora daqui, com a mulher e com o que ela leva lá dentro...

— O que tu desperdicaste, Emetério!

— E o que a Rosita desperdiçou!

— E o que ganhou o Martinez?

— Pff! Um lugar de professor de cáque-racá. Porém eu já não terei lar, viver-ei como um boi solto... a lamber-me... Que vida, Celedônio, que vida!

— Mas, se o que sobeja são mulheres...

— Como a Rosita, não; como a Rosita, não. E o que ela ganhou, com a mudança!

— Uma cátedra, também.

— Estou-te a dizer, Celedônio: já não sou homem.

E, com efeito, toda a vida íntima, toda a oculta intimidade do pobre Emetério Afonso — Afonso era apelido, pelo que Celedônio lhe aconselhava que assinasse Emetério de Afonso, com um de de nobreza — toda a vida íntima se lhe ia sumindo num redemoinho de mortal indiferença. Já não achava graça às anedotas, nem gozava em decifrar charadas, hieroglifos e logogrifos; nem já a vida tinha encantos para ele. Dormia, porém o coração velava, como diz misticamente o «Cântico dos Cânticos», e a velada do coração era o sonho. Dormia-lhe a cabeça, mas o coração sonhava. Na repartição, fazia as contas com a cabeça adormecida, enquanto o coração sonhava com Rosita, e com Rosita em estado interessante. Era assim que tinha de calcular interesses alheios. E os superiores tiveram que lhe chamar a atenção para certos erros. Duma vez chamou-o D. Hilarión e disse-lhe:

— Querias falar consigo, sr. Afonso.

— Diga, D. Hilarión.

— Não é porque não estejamos satisfeitos com o seu trabalho, sr. Afonso, não. O senhor é um empregado modelar, assíduo, trabalhador, discreto. E

além disso... E' aqui que... E por certo... uma fortuna... de me perna... não de su... quase de...

— Não... que o sen... pai, e que... devo este... nomizar os... xou; o se... de me po... — Para... nomizar as... Emetério... duma pan... vem nem... D. Hilarión... — Pois... ciou.

— E' eco... zer-se rico... — Não a... gosto de... — Mas... ro... e se...

— Respo... alarmou-se... sabilidades... as tenho... — Pois... — Que é... D. Hilarión... — As su... erros que... aparecem... conselho.

— O que... larion... — O que... para se cu... sar-se! Ca... nos melho... casados.

— Mas... Emetério... com quem... — Pense... tanto, e...

— E entro... sível, de p... da tertúlia... afastados, ninguém... cia ningu... sobretudo... lias de op...

— quicá... — que lá... para tom... o concerto... via a mão... pequenitos... maternais... costumava... de D. Tom...

para a es... ciana ond... traía as... que este... gica e et... outras. E...

— casa n... sada. — sórdidas... biocado... meu rico... enquanto... rico? D...

quê, rico... minhas... um estad... papéis d... este Esta... me intere...

Por que... não me... Aquilo... percorrer... tidão à s... interior...

zava, em... não só os... «Se eu so... sigo —... nez... E...

com a p... que fui... fim, que... saúde, e... se-ão éle...

Deu, p... depois os... pois deu... respostas... deu em p...

além disso o senhor é cliente do banco. E' aqui que deposita as suas economias. E por certo está o senhor a arranjar uma fortunazinha regular. Porém, há de me permitir uma pergunta, sr. Afonso, não de superior hierárquico, mas sim quase de um pai...

— Não posso esquecer, D. Hilarion, que o senhor foi íntimo amigo de meu pai, e que a si, mais que a ninguém, devo este emprêgo que me permite economizar os juros do que ele me deixou; o senhor, portanto, tem o direito de me perguntar o que lhe apetece...

— Para que é que o senhor quer economizar assim, e fazer fortuna?

Emetério ficou atoleimado como depois duma pancada que não se sabe donde vem nem para onde vai. Que pretendia D. Hilarion com essa pergunta?

— Pois... pois... não sei — balbuciou.

— E' economizar por economizar? Fazer-se rico para ser rico?

— Não sei, D. Hilarion, não sei... gosto de economizar...

— Mas economizar, um homem solteiro... e sem responsabilidades?

— Responsabilidades? — E Emetério alarmou-se. — Não, não tenho responsabilidades: juro-o, D. Hilarion, que não as tenho...

— Pois, nesse caso, não compreendo. Que é que o senhor não compreende, D. Hilarion, diga-me claramente.

— As suas frequentes distrações, os erros que, de algum tempo para cá, aparecem nas suas contas. E agora um conselho.

— O que o senhor me disser, D. Hilarion.

— O que a si lhe convém, sr. Afonso, para se curar dessas distrações, é... casar-se! Case-se, sr. Afonso, case-se. Dão-nos melhor rendimento os empregados casados.

— Mas casar-me, eu, D. Hilarion, eu?! Emetério Afonso?! Casar-me, eu?! E com quem?

— Pense nisso, em vez de se distrair tanto, e case-se, sr. Afonso, case-se!

E entrou Emetério numa vida impossível, de profunda solidão interior. Fugia da tertúlia tradicional e ia para os cafés afastados, os cafés dos arrabaldes, onde ninguém o conhecia e onde não conhecia ninguém. E observava com tristeza, sobretudo aos domingos, aquelas famílias de operários e de pequenos burgueses — quicá algum professor de psicologia — que lá iam, o casal com os filhos, para tomar café com torradas, e ouvir o concerto popular de piano. E quando via a mãe a limpar o rancho de um dos pequenitos, recordava-se dos cuidados maternos, sim, maternos, que a Rosita costumava ter para com ele, em casa de D. Tomasa. E fugia-lhe o pensamento para a escura e afastada cidade provinciana onde a Rosita, a sua Rosita, distraía as distrações do Martinez, para que este pudesse ensinar psicologia, lógica e ética aos filhos dos outros e das outras. E quando, ao voltar para... casa,

— casa não, mas sim albergue ou pouxada, — ao atravessar alguma daquelas sórdidas vielas uma voz saindo do embocado dum chaile lhe dizia: «Ouve, meu rico!» — dizia de si para consigo, enquanto fugia: — «Rico? E para quê, rico? D. Hilarion é que tem razão. Para quê, rico? Que intercsse posso ter nas minhas economias, senão o de ajudar um estado interessante? Para comprar papéis do Estado? Mas uma vez que este Estado não me é interessante, não me interessa... Por que fugi, meu Deus? Por que não me deixei cair? Por que não me atirei? E de cabeça?»

Aquilo já não era viver. E deu em percorrer as ruas, em mergulhar na multidão à sôla, em ir a imaginar a vida interior das pessoas com quem se cruzava, em desnudar-lhes, com os olhos, não só os corpos, mas também as almas.

«Se eu soubesse — dizia de si para consigo — a psicologia que sabe o Martinez... Esse Martinez a quem eu casei com a Rosita. Porque não há dúvidas que fui eu, eu, que os casei... Mas, enfim, que sejam felizes e que tenham boa saúde, é o que lhes desejo... Recordar-se-ão eles de mim? E se assim for?

Deu, primeiro, em seguir as moças; depois os que seguiam atrás delas; depois deu em escutar os galanteios e as respostas que elas davam; e, por fim, deu em perseguir casais.

O que gozava vendo-as acasaladas! «Ora aí está, — dizia, — a esta já a deixou o noivo... ou lá o que é...» já vai sozinho, mas depressa outro lá de vir... Estes, parece-me que trocaram com aqueles outros: será uma nova combinação? Quantas combinações binárias se podem fazer com quatro elementos? Estou a começar a esquecer as matemáticas...

— Mas homem — disse-lhe um dia Celedônio, ao encontrá-lo num daqueles passados investigadores, ou numa daquelas investigações passeantes — mas homem, sabes que começa a tornares-te popular entre noivos e noivas?

— Como assim?

— Já te descobriram o fraco; divertem-se muito com ele, e já te chamam o fiscal dos noivados. E todos dizem: pobre homem!

— Pois olha, sim, atraí-me esta coisa, não o posso negar. Sofro quando vejo que algum moçoito deixa a sua pequena por outra, e quando estas têm de trocar de rapaz, ou quando uma que o merece não acha quem lhe diga: «Por aí não arranjas nada», ou quando, por mais que ponha escritos, não descobre inquilino.

— Ou hóspede.

— Como quiseses. Sofro muito, e se não fosse por ser o que é, montaria uma agência de matrimônios ou farmacia casamenteira.

— Ou outra coisa no género...

— Tanto se me dá. E fazendo-o, como eu o faria, por amor do próximo, por humanidade, por caridade, não creio que isso fosse desprimoroso...

— Por que havia de sê-lo. Emetério, por que havia de sê-lo? Lembra-te de que D. Quixote, cavaleiro que é um exemplo do cúmulo do desinteresse, afirma «não é tal como se diz o ofício de alcoviteiro, que é ofício de discretos e necessaríssimo em toda a república bem ordenada», e mais «que não o devia exercer senão gente muito bem nascida, e ainda para essa devia haver examinadores...» e tudo o mais que ele diz a este respeito, e que já me não lembra.

— Pois, sim, sim, Celedônio, atraí-me esta coisa, mas por amor da arte; a arte pela arte, por puro desinteresse, e nem sequer para que a república esteja bem ordenada, mas apenas para que eles gozem melhor a vida, e para que eu goze, vendo-os satisfeitos.

— E é natural que D. Quixote sentisse um fraquinho pelos alcoviteiros e por outras pessoas. Lembra-te que caritativas, que maternas, foram para ele as moças a que chamam do partido, e a caridosa Maritornes, que sabia pôr a andar a honestidade quando se tratava de aliviar a fraqueza do próximo. Ou julgas que D. Quixote seria como esses senhores da Real Academia da Língua Espanhola que dizem que a rameira é «mulher que ganha a vida, com o corpo vilmente entregue ao vício da lascívia»? Porque ganhar a vida é uma coisa, e a lascívia é outra. E há-as que, nem para ganhar a vida, nem por lascívia, mas sim para se divertirem.

— Sim, por desporto.

— Como tu, por desporto, e não por ganância, nem por lascívia, não é assim? Isso de perseguir casais...

— Juro-te que...

— Sim, a questão é passar o tempo sem um tipo se prender com compromissos sérios. E tu sempre fugiste aos compromissos. E mais divertido comprometer os outros.

— E olha, dá-me uma pena quando vejo uma rapariga que vale o seu quê a mudar de noivos, sem conseguir prender nenhum deles...

— És um artista, Emetério. Nunca sentiste a vocação para a arte?

— Sim, houve tempos em que me deu para modelar...

— Ah, sim! Gostavas de manusear o barro...

— Era qualquer coisa como isso...

— Divino ofício, o de oleiro, que foi assim, dizem, que Deus fez o primeiro homem, como quem faz um púcaro...

— Pois a mim, Celedônio, agradava-me mais restaurar ânforas antigas...

— Deita-gatos? Quê, com arames?

— Homem, não; isso dos arames é uma grosseria. Porém imagina, apanhar uma ânfora...

— Chama-lhe botija, Emetério.

A hora de acender a luz...

Nada é mais simples que mover o interruptor. A luz faz-se instantaneamente. Resta, porém, saber se a luz que se fez instantaneamente é a que mais convém aos olhos. Se sua intensidade é suficiente e apropriada aos fins a que se destina, sejam eles o trabalho ou a leitura. Pense sempre no valor dos seus olhos e no que representa a boa visão. A proteção de ambos depende da qualidade e tamanho das lâmpadas usadas no lar, escritório, fábrica ou estabelecimento comercial. As lâmpadas **Edison G-E Mazda** — econômicas, eficientes, satisfatórias — são as que mais lhe convêm, porque proporcionam melhor luz, melhor visão!

Ouçá os "FESTIVAIS G-E" todas as quartas-feiras às 20:30 horas na onda da Radio Nacional.

EDISON MAZDA

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - RECIFE - SALVADOR - CURITIBA - P. ALEGRE

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL**

**COM 1948 CHEGOU O NOVO
CONJUNTO
TIPO AMERICANO
PARA COZINHA E COZINHA**



**INDUSTRIAS
NEVE LTDA.**

Rua Rosa e Silva, 74 — Fones
5-1311 e 5-1322 — São Paulo

**VENDAS E EXPOSIÇÃO
ÚNICO REPRESENTANTE**

A. BLUM SOBRINHO — 42-2455

RUA DO CARMO, 6 — 10.º AND. — SALAS 1.009 1010

★ Para a beleza, a comodidade e a economia de sua residência. O novo tipo KITNEVE apresenta melhoramentos valiosos e moderníssimos. Consulte-nos sem compromisso para detalhes.

DR. SPINOSA ROTHIER

Doenças sexuais e urinárias. Lavagem endoscópica da vesícula. Próstata — RUA
SENADOR DANTAS, 45-B — Tel. 22-3367. De 1 às 7 horas.

**MEMÓRIA CANSADA?
DYNAMOGENOL**

**VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO**

— Bem, apertar uma botija feita em
aços e debaixo como nova...

— Repito-te que todo tu és artista,
metério. Devias mentalizar uma loucura.

— E diz, Coladônio, quando Deus tirou
uma costela de Adão para com ela fazer
Eva, formou-a logo?

— Imagino que sim. Depois de a ma-
lascar, é claro.

— Enfim, Coladônio, não lhe posso dar
médico: atrai-me esse ofício que a D.
Luizote parece tão necessário, mas não
tão pouco, por gosto de manusear...

— Pois não, tu contentas-te com o
diar...

— E' mais espiritual.

— Assim parece.

— E, mais que uma vez, pensando na
sua solidão lembrei-me que devia ter-
te feito padre...

— Para quê?

— Para confessar...

— Ah, sim! Para que os outros des-
cansassem a alma diante de ti...

— Lembra-me que, quando era me-
mo me ia confessar, o padre, entre duas
adidas de rapé, me perguntava: «Bem,
sentir, sem mentir, quantas, quantas
vezes?». Mas eu não podia desmendar
oisa nenhuma. Nem sequer o entendia.

— E agora, entendes mais?

— Olha, Coladônio, o que agora se
a contigo é que...

— E' que te aborreces soberanamente...

— Algo pior, algo pior...

— Claro, vivendo nessa solidão...

— Na solidão das minhas recordações
a casa de hóspedes de d. Tomasa...

— Sempre a Rosita!

— Sempre, sim, sempre a Rosita...

— E separaram-se.

Uma daquelas observações em excu-
res furtivas deixou-lhe uma impressão
profunda. E foi o caso que, uma noite,
e sentar-se num café, quase logo a se-
dir a ele ter entrado, entrou uma moça,
em umas grandes unhas, e com umas
rondes pestanas — como a Rosita! —

— unhas tingidas de vermelho, e as
— pestanas negras por baixo das sobran-
— lhas aparadas e pintadas de preto,
mas pestanas como garras, a condize-
m com os lábios grossos cor de amora.

«Pestanuda!», pensou Emetério. E lem-
tou-se duma coisa que tinha ouvido a
Coladônio — que era erudito — a res-
dito de certa planta carnívora, a dro-
ra, que, com uma espécie de pestanas,

garra os pobres insetos atraídos pela
or e os suga. Entrou a pestanuda a
enear-se, percorreu o recinto com os
hos, resvalou uma mirada por Emeté-
rio, e ficou a vista num velhote careca
se servia aos gelinhos o café com leite,

pois de ter engolido meia torrada,
ançou-lhe as garras das pestanas, numa
minada, ao mesmo tempo que umedece-
a lábios grossos com a língua.

Ao velhote incendiou-se-lhe a calva,
de se pôs da cor das unhas da moça
enquanto esta umedece os lábios cor
e amora. Ele engolia em seco — assim
esmol — a saliva. Voltou ela a cabeça
erguendo-se como sob a ação duma
bola, saiu. E atrás dela, coçando o
niz como o disfarçar, e arrastado pelas
— tranças da pestanuda, seguiu ele, o
— abre diabo do café com leite. E atrás
— de ambos, todo transido, Emetério, que
— via com os seus botões: «Terá razão,
— Coladônio».

E assim corriam os anos e Emetério
via como uma sombra errante e eco-
— nômica, como um fungo, sem futuro
quase sem passado.

Porque ia perdendo a recordação d'isto,
— não se encontrava com Coladônio e
— não se encontrava com a criada.

— Mas que é feito de ti, Emetério? —
— perguntou-lhe aquela uma vez que se
— reencontraram. — Que é feito de ti?

— Olha, homem, não sei. Já nem sei
— quem sou.

— E dantes, sabias?

— Já nem sequer sei se sou... Olha,
— E' enriquecer, disseram-me.

— Enriquecer?

— E da Rosita? Que é feito dela? Por-
— que ela e o Martinez, já pediram tudo
— que tinha a propriedade.

— Quê! Mais estados interessantes?
— das filhas?

— Não, apenas uma vaga no lugar...
— Quê! Martinez?

— Sem mais, deixando a Rosita
— e com uma filha. E tu também,
— Emetério, algum dia tens de deixar uma
— filha, não tens?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Calisto, calisto, não falas nisso!

Emetério fugiu, a pensar na vaga. E
já a sua única preocupação, debaixo da
sua nébula, em que se lhe iam fun-
dindo as passadas recordações, era a
vaga. E para se distrair, para esquecer
que envelhecia, para não pensar que um
dia havia de se reformar, — reformado
e boi sóto, boi reformado! — percorria
as ruas, com olhar ansioso, em procura
de alguma imagem a que se agarrasse.
«Reformado e boi — pensava; — mas
que reforma! E qual seria a reforma
que lhe ficou, a Rosita, além da filha?».

Até que um dia, de repente, como em
súbita revelação providencial, o coração
deu-lhe um baque e sentiu que renasce-
o passado que podia ter sido e não fora,
que renasce o seu ex-futuro. Quem era
aquela rapariguinha maravilhosa que encheu
a rua como um aroma de selva virgem?
Quem era aquela rapariguinha arrogan-
te, de olhar provocador, que rejuvenes-
cia todos os que para ela olhavam? E
pôs-se a segui-la. E ela, que se sentiu
seguida, pisou com mais firmeza, e vol-
tou a cabeça com uma mirada toda sor-
risos, jubilosos sorrisos de lástima ao
vê-lo, a ele, que olhava para ela. «Esta
mirada — disse de si para consigo Eme-
tério — vem-me do outro mundo...
sim, parece-me que me chega do meu
velho mundo, daquele onde me espera
o calendário de outroras».

Mas tinha já uma ocupação, que era
a de seguir a aparição misteriosa, averi-
guar onde vivia, quem era e... E aque-
las distrações ao calcular interesses
alheios!

Poucos dias depois, durante os seus
passos pelo bairro em que a aparição
lhe tinha surgido, viu-a acompanhada
por um rapazinho. E recordou-lhe, não
sabia bem por quê, o Martinez. E teve
ciúmes. «Vá! Estou-me a tornar chocho
— pensou. — Essa reforma à bica...!
Essa reforma!».

Poucos dias depois encontrou-se com
Coladônio.

— Sabes, Coladônio, quem eu encon-
trei ontem?

— Claro está que sei: a Rosita!

— E como soubeste?

— Basta ver os teus olhos. Porque te
acho rejuvenescido, Emetério.

— Deveras? Pois é assim mesmo.

— E como é que a encontraste?

— Ora olha: há já alguns dias, numa
das minhas vagabundagens pelas ruas,
dei com uma aparição divina, digo-te,
Coladônio, que divina... com uma rapa-
riguinha, toda chama nos olhos, toda
viva, toda...

— Deixa o «Cântico dos Cânticos», e
vamos à história.

— E deu-me para a seguir. Sem sus-
peita, é claro, quem ela fosse. Ainda
que talvez o coração mo dissesse; um
baque no coração dizia-mo, sem que o
entendesse bem, esse... esse...

— Sim, o que o Martinez, seu pai, cha-
maria o subconsciente...

— Pois si, esse subconsciente...

— E' subconsciente que se diz...

— Pois o subconsciente dizia-mo, mas
eu... sem o compreender. E via-a com
um rapazinho, o noivo, e tive ciúmes...

— Sim, do Martinez.

— E até me propus desbancar o ra-
pazinho.

— A quem vão desbancar é a ti, Eme-
tério.

— Não me lembres a reforma que,
agora, todo o meu coração é alegria.
Claro que eu dizia com os meus botões:
«Olha lá, Emetério, a ver se agora, com
os teus cinquenta bem contados, te vais
deitar a perder com uma garotita que
bem podia ser tua filha... Olha bem,
Emetério».

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— Bem, e em que ficou tudo isso?

— E entras...

— Tal e qu...

— Sempre a...

— que eu, mulh...

— Mas te j...

— O que e...

— ao fato de tu...

— filha e que...

— pensa em te...

— teus juro...

— Já vais...

— tou-me com...

— mas esta foi...

— sob não sei q...

— rece que não...

— Claro, ia...

— E ficamo...

— Agora co...

— E contou...

— riueze. Vais...

— me lembrar...

— nos escapou...

— E eu: «Es...»

— desde que o...

— eu fiquei inco...

— conheço-o o...

— foi bem feito...

— pareça... E a...

— me casar. Qu...

— rido? — di...

— Martinez? Po...

— pobre que é...

— E ela, E...

— que um pobr...

— o melhor...

— Não sel...

— quinhãs...

— Sim, a p...

— da filha

— E disse-r...

— Sem engu...

— Que que...

— Nada; qu...

— em ti...

— Mas do c...

— kedônio...

— Ela, ela...

— Creio qu...

— Não, se...

— não ser que...

— de a colocar...

— E se ass...

— Que já...

— calste: que j...

— E quê?

— Nada; q...

— formar.

— E ao ac...

— agora volte q...

— esta casa é s...

— E há de...

— Depende...

— Não, dep...

— E com efei...

— tro a Rosita

— espécie de d...

— Olha, m...

— penses bem

— erianções. E...

— quito, não m...

— e por outro l...

— Partido?

— Sim, par...

— tantes mais a...

— idade, podia...

— mas ainda f...

— tudo, inform...

— respeito dele,

— de cofre...

— E claro,

— rá-lo, quando

— agora, queres

— Antiquilhas,

— que é que o...

— Como fe...

— tinha a pre...

— saúde. E nã...

— brado que t...

— comigo...

— Pois ag...

— com a idade

— coisa da sat...

— tender... de...

— Pois cu...

— a saúde já i...

— contrário, e...

— Pola ol...

— sinto-me jov...

— me a fazer c...

— pois com un...

— quero gozar

— Que tol...

— sabes a hist...

— O que é...

— Ora olha

— nher que te

— xer... trata

— E entraste, e ela apresentou-te a filha...

— Tal e qual!

— Sempre a Rosita foi, melhor o sabes que eu, mulher de tática e de maneio.

— Mas te julgas?

— O que eu julgo é que ela estava ao fato de tu teres andado a seguir a filha e que, já que tu lhe escapaste, pensa em te caçar, ou pescar, com os teus juroes, para a filha...

— Já vais ver, já vais ver! Apresenta-me com efeito a filha, a Clotilde, mas esta foi-se embora logo a seguir, mas não sei que pretexto, o que me parece que não agrada lá muito a mãe...

— Claro, lá atrás do noivo...

— E ficamos sozinhos...

— Agora começa a parte interessante.

— E contou-me da sua vida e da sua juventude. Vais ver, se eu for capaz de me lembrar: «Desde que o senhor se nos escapou...» — começou a dizer-me.

— E eu: «Es...capar-me?». E ela: «Sim, desde que o senhor se nos es...capou, eu fiquei inconsolável, porque aquela, reconheço-o o senhor, D. Emetério, não foi bem feito, não, nem coisa que se pareça... E ao fim e ao cabo tive que me casar. Que remédio!», «E o seu marido?» — disse-lhe eu. — «Quem, o Martinez? Pobrezito! Um pobre homem, pobre que é o pior de todos...»

— E ela, Emetério, entretanto pensava que um pobre homem rico como tu, é o melhor...

— Não sei. E começou a fazer-me boquinhas...

— Sim, a pensar no futuro dela e no da filha.

— E disse-me que esta é uma jóia...

— Sem engaste...

— Que queres dizer com isso?

— Nada; que agora trata de a engastar em ti...

— Mas do que tu te vais lembrar, Celestino...

— Ela, ela.

— Creio que te enganas ao supor...

— Não, se eu não suponho nada, a não ser que ela trata de colocar a filha, de a colocar em ti...

— E se assim fosse, quê?

— Que já caíste, Emetério, que já caíste: ora já te caçou, ou pescou.

— E quê?

— Nada; que agora já se podes reformar.

— E ao acabar a visita disse-me: «E agora volte quando quiser, D. Emetério, esta casa é sua».

— E há de sê-lo.

— Depende da Clotilde.

— Não, depende da Rosita.

— E com efeito começou, entretanto, entre a Rosita e a sua filha Clotilde uma espécie de duelo.

— Olha, minha filha, é preciso que penses bem nisso e que te deixes de criançaices. Esse teu namorado, esse Paquito, não me parece que seja partido, e por outro lado, D. Emetério o é...

— Partido?

— Sim, partido. E' claro que tem bastantes mais anos do que tu, e que, pela idade, podia muito bem ser teu pai; mas ainda faz boa vista e, acima de tudo, informe-me com muito cuidado a respeito dele, e sei que anda muito bem de cofre...

— E claro, já que não pudeste agarrá-lo, quando eras moça como eu sou agora, queres agarrá-lo agora para mim... Antiquilhas, para mim?! E diz-me: por que é que o deixaste escapar?

— Como foi sempre muito econômico, tinha a preocupação de economizar a saúde. E não sei do que lhe teria lembrado que podia acontecer se casasse comigo...

— Pois agora, mamãe, pior, porque com a idade dele e com a minha, essa coisa da saúde... que já te estou a entender... deve preocupá-lo mais.

— Pois eu penso que não, que agora a saúde já não o preocupa; antes, pelo contrário, e deves aproveitar-te disso.

— Pois olha, mamãe, eu sou nova, sinto-me jovem e não quero sacrificar-me a fazer de enfermeira para ficar depois com um capitalzito. Não, não, eu quero gozar a minha vida...

— Que tola és, minha filha! Tu não sabes a história da corrente?

— O que é isso?

— Ora olha: tu casas-te com este senhor que te traz... bem, a que te trouxer... trates dele...

— Mas não de mais; não é necessário que te sacrificares. O que interessa é cumprir. Cumprir...

— E é?

— Ele cumpre, e ficas viúva, feita já madrinha, mas ainda de boa idade...

— Como tu agora, não é assim?

— Sim, como eu; só que eu não tenho onde cair morta, enquanto que tu, se te casares com D. Emetério, ficarás viúva em outras condições...

— Sim, e viúva tendo onde cair?...

— Ah é que está tudo. Porque então, viúva, rica e além disso a fazeres boa vista, porque tu saís a mim e há de lucrar com os anos... viúva e rica, podes comprar o Paquito que mais te apetece...

— O qual, por sua vez, vem a herdar a minha fortuna, e procura, D. Emetério, ele por sua vez, uma nova Clotilde...

— E assim por diante, e essa é que é a corrente, minha filha.

— Pois eu, mamãe, não me prendo com ela.

— Quer dizer que te obstinas, ou melhor, que te acoerentas ao teu mais-que-tudo? «O amor e uma cabana?». Pensa bem nisso, filha, pensa bem.

— Já pensei e repensei. Com D. Emetério, não. Eu saberei ganhar a minha vida, se for preciso; nada do cofre dele.

— Olha, filha, que ele está entusiasmado, babado, babadinho, o pobre homem; a tal ponto que é capaz de fazer por ti toda a espécie de loucuras; olha que...

— Trato-lhe da saúde, hein?

— Mas não de mais; não é necessário que te sacrificares. O que interessa é cumprir. Cumprir...

— E é?

— Ele cumpre, e ficas viúva, feita já madrinha, mas ainda de boa idade...

— Como tu agora, não é assim?

— Sim, como eu; só que eu não tenho onde cair morta, enquanto que tu, se te casares com D. Emetério, ficarás viúva em outras condições...

— Sim, e viúva tendo onde cair?...

— Ah é que está tudo. Porque então, viúva, rica e além disso a fazeres boa vista, porque tu saís a mim e há de lucrar com os anos... viúva e rica, podes comprar o Paquito que mais te apetece...

— O qual, por sua vez, vem a herdar a minha fortuna, e procura, D. Emetério, ele por sua vez, uma nova Clotilde...

— E assim por diante, e essa é que é a corrente, minha filha.

— Pois eu, mamãe, não me prendo com ela.

— Quer dizer que te obstinas, ou melhor, que te acoerentas ao teu mais-que-tudo? «O amor e uma cabana?». Pensa bem nisso, filha, pensa bem.

— Já pensei e repensei. Com D. Emetério, não. Eu saberei ganhar a minha vida, se for preciso; nada do cofre dele.

— Olha, filha, que ele está entusiasmado, babado, babadinho, o pobre homem; a tal ponto que é capaz de fazer por ti toda a espécie de loucuras; olha que...

— O dito, dito, mamãe.

— Bom, e agora? Que lhe hei de eu dizer, quando voltar? Que hei de fazer dele?

— Pois, volta a seduzi-lo.

— Mas, filha...!

— A senhora percebe-me, não.

— Até de mais, filha.

— E D. Emetério voltou, claro está, à casa da Rosita.

— Olhe, D. Emetério, a minha filha não quer ouvir falar no senhor...

— Nem falar?

— Vamos, sim; o que não quer é que se pense nisso do casório...

— Não, não; nada de a querer forçar. Rosita, nada disso... Mas eu... parece-me que rejuvenesço... pareço outro... sou capaz de...

— De lhe dar um dote?

— Sou capaz de... Ser-me-ia tão agradável, com a minha idade... sempre tão só... ter um lar... criar uma família... o celibato já me custa... a reforma e a vaga perseguem-me...

— Na verdade, Emetério — e ao mesmo tempo que suprimiu (pela primeira vez!) o D., encostou-se mais a ele — achava estranho que o senhor se dedicasse a juntar assim uma fortuna, não tendo família... não o compreendia...

— Isso é o que também diz D. Hilarição.

— Mas diga-me, Emetério — e com uma tática cheia de astúcia encostou-se a ele, ainda mais — diga-me, já lhe passaram aquelas preocupações com a saúde, que tinha nos nossos bons tempos?

— Emetério já não sabia se sonhava acordado; julgara-se transportado para trás daqueles tempos saudosos de havia vinte e tantos anos; tudo o que tinha vindo depois se lhe tinha desvanecido da memória, e até a aparência de Clotilde lhe esquecia. Sentia-se tonto.

— Já lhe passaram essas preocupações com a saúde, Emetério?

— Agora, Rosita, agora sinto-me capaz de tudo. E não tenho medo nem... da vida! Por que é que eu deixo, meu Deus, escapar aquela ocasião?

— Mas não estou eu aqui, Emetério?

— Tu, tu, Rosita? Eu?...!

— Sim, eu... eu...

— Mas...

— Ora, vamos, Emetério, que tal te parece?

— E vai, e sentou-se-lhe nos joelhos. E Emetério começou a tremer de júbilo. E agarrou com os braços a cinta maternal.

— O que tu penses, rapariguinha!

— Sim, há onde uma pessoa se agarra, Emetério.

— Uma mulher de péso.

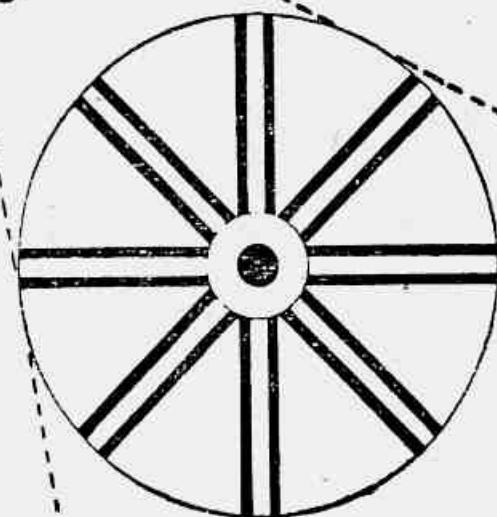
— Se quando nos conhecemos eu soubesse o que sei hoje...

— Se eu o tivesse sabido, Rosita, se eu o tivesse sabido...

— Ah, Emetério, Emetério — e acariciava-o passando-lhe a mão pelo nariz — que tolos éramos nesse tempo...

Sua vista

está falhando?



Verifique a causa da deficiência de sua vista!

Quando se manifesta qualquer anomalia visual, torna-se necessária uma consulta ao oculista, a fim de corrigir o mal, por meio de óculos adequados.

T N V H R

Um exame oportuno evita muitas vezes, graves consequências. Somente o oculista poderá indicar, com precisão, os óculos que V. S. deve usar.

Obtida a receita, entregue-a a **LUZ FERRANDO** que, por uma experiência de mais de 60 anos na sua especialidade, e pela sua capacidade técnica, representa uma garantia de confiança na confecção dos seus óculos. Mesmo que V. S. resida em localidade distante, poderá, através do **Recibo Postal**, adquirir seus óculos em Luz Ferrando.

Para isso, enviaremos, gratuitamente, um catálogo ilustrando os tipos mais modernos de armações, e V. S. nos remeterá o seu pedido, junto com a receita do oculista, sendo servido como se fosse atendido em nosso próprio balcão.

LUZ FERRANDO

ÓTICA E INSTRUMENTAL CIENTÍFICO S. A.
RUA OUVIDOR, 88 RIO DE JANEIRO



Inter-American

LF-5

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante



USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



A vida de Renoir

(Cont. da pág. 23)

beta, o excêntrico Maupassant. Todos que fossem aceitos na companhia desses prósperos intelectuais triunfavam definitivamente. Um amigo, visitando seu atelier, encontrou um esbôço do Moulin de la Galette, um cabaré de Paris. «Você deve fazer um quadro desse esbôço», sugeriu ele ao artista. E Renoir começou a trabalhar. Alugou uma casa cercada de um largo jardim, nas vizinhanças do Moulin de la Galette, e contratou modelos para posar para ele. O quadro que resultou daí, lateja com cores alegres. Está inundado com o vinho do riso. Na frente, um grupo de homens bebe e come, enquanto duas moças, uma sentada a um banco próximo à mesa, outra pousando a mão no ombro da primeira sorri alegremente. Atrás deles, à direita, estão dois homens com engraçados chapéus primaveris, conversando com amigos. Alguns aristocratas em traje de rigor passeiam com suas companheiras. Uma das moças encosta o rosto ao companheiro e acompanha em estado de embriaguez o compasso da música. O próprio Renoir era um intoxicado pelo romance da vida. Deixou a outros pintores suas sóbrias realidades. Não se interessava pela sujeira do limpador de chaminés e nem pelos seus companheiros de trabalho. Interessava-se somente pela alegria dos Príncipes Encantados e suas Cinderelas, fosse em linho rústico ou em seda. Não deveria haver nenhuma tristeza nos cantos que entoava com seu pincel. Porque achava que a alegria estava no coração da vida.

— Tu, nem tanto; tolo... eu.
— Quando a minha mãe me aticava ara... encandeasse, e tu tão...
— Tão rã.
— Mas agora...
— Agora, quê?
— Não, queres que reparemos o passado?
— Mas isso é uma declaração em regra?
— Tal e qual! Porém não como a do Fenório, esse ingênuo, porque nem é m verso, nem esta é u'a margem solitária, nem aqui brilha a lua, nem...
— Mas, e a tua filha, Rosita? E a Clotilde?
— Isto vai ser a salvação dela...
— E a tua, Rosita?
— E a tua, Emetério!
— E' claro que vai ser a minha salvação.
E assim foi.
E depois ela, matreira, dizia-lhe, com alicia:
— Olha, meu rico, juro-te que, quando estava a gerar a Clotilde, em quem eu mais pensava era em ti... tive tais apetites quando estava grávida...
— E eu juro-te que, quando aqui vim, atrás da Clotilde, vinha, mesmo sem o saber, atrás de ti, atrás de ti, Rosita, atrás de ti... Era o querer-te... ou, como creio que o Martinez dizia, o subconsciente...
— E isso com que é que se come? Porque eu nunca ouvi falar de tal coisa...
— Não, não é coisa que se coma... Nem é preciso, porque para comer, e comer bem, temos mais que o suficiente, com a minha fortuna...
— Sim: para comermos... os quatro?
— Que quatro, Rosita?
— Pois tu... eu... Clotilde...
— São três.
— E... o Paquito!
— O Paquito também? Seja! A memória do Martinez!
E foi tal a alegria de Rosita, senhora já de incerta idade que se pôs a chorar — histerismo? — e Emetério atirou-se, com beijos nos olhos, a chupar-lhe as lágrimas, deliciando-se com o seu doce sabor amargo. Que não eram, não, lágrimas de crocodilo.

V I

Tendo experimentado vários efeitos de cores, Renoir começou a trabalhar fora da então chamada nova escola. Percorreu as galerias de arte. Uma visita à Itália, o lar dos velhos mestres da Renascença, convenceu-o de que a forma era tanto uma propriedade da pintura quanto a cor. Deliciou-se com os olhos nos modelos clássicos de Rafael, Miguel Ângelo, Donatello. Foi à Espanha e excitou-se tanto ao ver a «Rendição de Breda», de Velasquez, que teve a sensação de estar abraçando as figuras na tela. Aprendeu com Velasquez o segredo da alegria que brota do pincel do artista. Para Renoir, assim como para Velasquez, um quadro é tão vivo como uma mulher. «Como gosto de passear abraçado a um quadro ou tomá-lo em minhas mãos», disse

E ficou resolvido, e selado com beijos e abraços, que se casariam os quatro: Rosita com Emetério, Clotilde com Paquito, e que viveriam juntos, e que Emetério daria um dote a Clotilde.
— Não esperava menos de ti, Emetério, e vais ver agora os anos que há de viver...
— Sim, e com alegria, ainda que venha a... forma. E não tenciono deixar vaga tão cedo.
— ...am-se no mesmo dia, a mãe com Emetério e a filha com Paquito. E foram viver juntos os dois casais. E reformou-se o Emetério. E foi uma dupla lua de mel, uma minguante e a outra crescente.
— A noiva, dizia Emetério, com um ataque de melancolia retrospectiva — não é de mel, mas sim de cera...
— Bem, cale-te, e não penses em tolices.
— Se não tivesse sido tão tolo, faz agora... tantos anos...
— Não sejas grosseiro, Emetério, e muito menos agora.
— Agora que és uma senhora de certa idade...
— Pareço-te...?
— Melhor que quando eras moça! Podes-me acreditar!
— E então?
— Ai, Rosita! Rosita de Saron, estás como nova!
— E diz-me, Emetério. Já te passou aquela mania das charadas...? Porque me fazia pena ver-te com aquelas histórias de «a minha primeira... a minha segunda... a minha terceira...»
— Cala-te, meu tudo!
E enquanto a apertava contra o peito, dizia com os olhos fechados: Rosa... tata... rono... tarro... sita... sim...
E depois:
— Mas diz-me, o teu primeiro marido, o Martinez, o pai da Clotilde...
— Agora, com eumes retrospectivos?
— E' o subconsciente!
— Pois ele estava-te muito grato, e até tinha uma certa admiração por ti.
— Tinha admiração? Por mim?
— Por ti, sim, por ti. E' bem verdade que eu fiz-lhe saber quanto tu tinhas

Renoir uma ocasião. «Não é bastante para o artista ser um artifice inteligente. Deve também gostar de acariciar suas telas».

Renoir gostava de acariciar suas telas. Abusou da «arrogante sensualidade» de seu trabalho. Dessa acusação seria culpado. Pintou uma série de banhistas nuas — firmes e carnudas, amplas mulheres de estrutura forte. «Pintar uma mulher», notou um de seus amigos, «excita Renoir muito mais do que abraçá-la». O público ficava atônito com essa franca adoração da forma humana. «Essas mulheres nuas de Renoir», escreveu um crítico, «são jardins — jardins de luxúria... figuras pneumáticas intumescentes, untadas com uma espécie de óleo avermelhado, reclinadas num pomar onde parecem estar amadurecendo...». «Há duas formas de arte, exatamente como há duas espécies de amor», escreveu outro crítico. «E a forma característica de amor em Renoir — apesar de delicada — não é grande arte». Ainda assim, é na própria compreensão da sensualidade de Renoir que encontraremos o fio de sua arte. Renoir não era apenas sensual no sentido comum da palavra. Era mais do que isso. Um gênio que sublimava a sensualidade em beleza. E por essa razão está redimido. O impulso para criar a arte é em si mesmo tão digno quanto o impulso para criar filhos. Mas ele gostava de criar arte não por ser útil para ele, nem por suas qualidades transitórias, mas principalmente pelo seu valor intrínseco. Não havia nenhuma expressão lasciva em seus olhos quando media seus modelos. Avaliava-os menos por eles mesmos do que pelos seus valores como ponto de partida. «Ai estão

sido correto comigo, e como te tinhas portado como um cavalheiro...
— O cavalheiro foi ele, o Martinez?
— E olha: és este medalhão? Aqui trazia um retrato do Martinez: mas por baixo, tapado pelo dele, estava o teu... e agora, és?
— E agora por baixo do meu, se calhar está o do outro, não?
— Qual? O do defunto? Qual quê! Não sou tão romântica como isso!
— Pois eu tenho que te contar do calendário que tinha no meu quarto quando decidi aquela escapada. Não arranqued a folha desse dia e assim o conservo.
— E agora, pensas em lhe arrancar as folhas?
— Para quê? Para decifrar as charadas do resto daquele ano fatídico? Não, meu tudo, não.
— Ai, meu rico!
— Rico, hein? Rico? Eu sou um pobre homem, mas não um pobre homem... pobre.
— E quem foi que disse isso?
— Digo-o eu.
Apenas passada a lua de mel, encontrou-se um dia Emetério com Celedônio.
— Acheste rejuvenescido, Emetério. Vê-se que te faz bem à saúde o matrimônio.
— E muito, Celedônio, e muito. Essa Rosita é um remédio... Parece impossível! Claro, tantos anos viúva...
— Tudo é uma questão de economia, Emetério: claro que não política, mas sim de máximos e mínimos. Há que saber uma pessoa poupar-se. Cuidado, pois, com a tua Rosita, para que não te dissipos e não vás ainda esticar... Além disso, essa convivência com o casal mais jovem... essa Clotilde... esse Paquito...
— Quem! O marido da minha enteada! E' um pobre diabo que se casou por libertinagem.
— Por libertinagem.
— Sim, imagina que entre os livros dele encontrei um intitulado «Manual do perfeito amante». Manual! Imagina, manual!
— Sim, estaria melhor prontuário, ou epitoma, ou catecismo...
— Ou cartilha! Mas, manual! Garanto-te que é um macaquinho, um mico...

somente para me deixarem caminhar», notou certa vez, «para me permitirem cusar coisas que, sem eles, nunca teria pensado em inventar». A beleza, numa mulher, não era suficiente. A sensualidade de Renoir tinha uma qualidade mais sensível. «Posso me associar com o primeiro libertino sujo que aparecer — contanto que encontre nele uma pele que não rejeite a luz».

Somos inclinados a pensar que as pessoas sensuais são necessariamente irreligiosas. Mas não é verdade, especialmente no caso dos grandes artistas e grandes místicos. Renoir foi uma alma intensamente devota. Uma vez notou que a força da arte antiga baseava-se na fé religiosa dos artistas. «Para eles Deus estava sempre presente: o homem não existia. Nos gregos, eram Apolo e Minerva. Os pintores do tempo de Giotto também possuíam um protetor celeste. Mas o homem, em seu orgulho moderno, preferiu rejeitar esses padroeiros, porque o diminuía a seus próprios olhos. Ele baniu Deus. E assim fazendo, banii a felicidade também».

O pinto dos mais excitantes nus dos tempos modernos era o mais ascético dos espíritos. Até o fim, seus olhos procuraram a beleza, mesmo depois de suas mãos, imobilizadas pela paralisia, haverem-se recusado a trabalhar. Nos últimos anos sentou-se ereto em sua cadeira de rodas, torturado pelo sofrimento. Mas um misterioso, confortador sorriso espalhou-se em seu rosto. «Realmente, sou um homem feliz, por estar assim preso a um só lugar», disse ele aos amigos. «Agora não posso fazer mais nada senão pintar.» E acrescentou, com um brilho

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
SOCIEDADE ANÔNIMA
DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES
ALFANDEGA, 50

— Sim, um quadrumano, queres tu dizer. Pois esses é que são os perigosos. Está-me a lembrar de uma vez, em que eu ia em viagem com um casilho de recém-casados que não faziam outra coisa senão aproveitar os túneis e, como se estivessem a exceder nisto de arrulhar e fazerem carícias um ao outro, mesmo de frente do meu nariz, chamelhes discretamente a atenção. E sabes com o que se me saiu a ralhosa? Pois com um «Quê? Agucamos-lhe o dente, avozinho?».

— E tu, que lhe disseste?

— Eu? Eu disse-lhe: «O dente? Agucar o dente? Já há muitos anos, menina, que uso dentadura postica, e de noite ponho-a de molho num copo de água asséptica». E ela calou-se. Com o que... cuida da tua saúde!

— Quem me trata dela são eles, os três. Olha, ainda há pouco tempo tive de ficar de cama com uma forte constipação, e se tu viesses com que carinho me trazia os ponches quentes a Clotilde! E' um encanto. E depois, sabes? A Clotilde tem uma habilidade que parece ter herdado da avó materna, d. Tomasa, que foi minha patroa, e é que assobia que nem um canário. D. Tomasa também assobiava, sobretudo quando se punha a fritar ovos, mas a neta não chegou a conhecer — ela morreu antes de a Clotilde ter nascido — e como a Rosita nunca soube assobiar, que eu saiba, onde é que a Clotilde arranhou essa habilidade com que assobia as últimas canções das zarzuelas? Mistérios da natureza feminina!

— Isso, Emetério, deve ter que ver qualquer coisa com a serpente da queda, ou melhor, da expulsão do paraíso...

— E o curioso, Celedônio, é que, fora disso, usa sempre palavras de sentido simples, e não tem complicações nenhuma...

— Julgas tu isso, Emetério...

Sim; aparte o físico, é completamente Martinez.

— Sim, a metafísica dela é paterna, martinezcana. Mas... e não há bulhas entre os dois casais?

— Qual quê! E nos sábados vamos os quatro ao teatro, e nada de dramas. A Rosita e a Clotilde gostam de rir: comédias, farsas; e nós outros, eu e o Paquito, gostamos de as ver a rir. E não lhes metem medo as graças picantes, e como eu não vejo mal nelas...

— Pelo contrário, Emetério — e ao dizer isto pôs-se Celedônio mais sério que um catedrático de estética. — Pelo contrário; o riso tudo purifica. Não há graças imorais, porque se forem imorais não têm graça; só é imoral o vício triste, e a virtude triste também. O riso está indicado para os mesquinhos, os misantropos e os que sofrem de prisão de ventre; é melhor que a água de Carabão. E' a virtude purgativa da arte, a catarsis, como disse Aristóteles, ou Aristófanes, ou lá quem foi. E, com isto, terei eu dito alguma coisa, Emetério?

nos olhos, «não precisamos de mãos para pintar».

Conservou-se em sua tarefa de criar a beleza através do sofrimento, até o último dia de sua vida. A 17 de dezembro de 1919, levantou-se de seu leito de doente, depois de quinze dias de um acesso de pneumonia. Sentou-se diante do cavalete e preparou-se para desenhar um vaso.

— Um lápis, faz favor — disse ele ao empregado.

O empregado foi ao quarto próximo para buscar o lápis. Quando voltou, o artista estava morto.

(Do livro «Vidas de grandes pintores».)

O CATALISADOR

(Conclusão da pág. ant.)

Seu lamento era tão trágico quanto cómico. Tomei o papel de suas mãos, lendo dum jato:

«Lavoisier»

«Como deve saber, não o amo. Casar-me com você por uma dessas fatalidades que não se explicam. Em compensação encontrei em Gil tudo que sonhara. Amamo-nos sinceramente. Parto com ele. Inútil qualquer tentativa

— Sim, Celedônio, sim; há que cultivar o sentimento cómico da vida, diga o que disser esse tal Unamuno.

— Sim, Emetério, e há que cultivar até a pornografia metafísica, que não é o mesmo — claro está! — que a metafísica pornográfica...

— Mas, se toda a metafísica é pornográfica, Celedônio!

— Eu, cá por mim, Emetério, comecei já a escrever uma dissertação apologético-exegético-místico-metafísica acerca de Rahab, aquela meretriz que figura na genealogia de S. José bendito. E poupo-te as citações bíblicas com capítulos e versículos porque eu, graças a Deus, não sou o Unamuno.

— Pois olha, Celedônio, isso que me dizes de estares a escrever uma tal dissertação, faz-me lembrar que, falando com a Rosita a respeito do Martinez, disse-me ela que este se tinha pôsto a escrever uma novela em que, com os nomes trocados, figurávamos, ela, eu, e a casa de hóspedes da d. Tomasa, mas que ela, a Rosita, não lha deixou publicar: «Que a escrevesse, muito bem — dizia-me ela — se com isso se divertia, mas publicá-la?!». «E por que não — disse-lhe eu — se assim outros se haviam de divertir a lê-la?». Não te parece?

— Tens razão com isso, Emetério, muita razão. E sobretudo cultivemos, como muito bem dizias antes, o sentimento cómico da vida, sem pensar nas vagas que possam vir. Porque já sabes aquele velho e acreditado aforismo metafísico: «dêste mundo levarás o que pudeses e nada mais».

E separaram-se, de acôrdo a respeito do seu amor à vida que passa, e melhores, mais otimistas do que antes. Se é que sabemos o que seja isso de otimismo. E o que sejam o júbilo, e a tristeza, e a metafísica, e a pornografia. Camelos de críticos!

Um dia Rosita aproximou-se de Emetério com certo sorriso misterioso e, abraçando-o, disse-lhe ao ouvido:

— Sabes, rico, uma novidade? Uma, adivinha?

— O que é?

— Adivinha, toleirão: quantos dedos tem a mão?

— E quantas mãos têm os dedos?

— Bem, não me venhas cá com histórias e responde. Sabes a resposta? Sim, ou não, como Cristo nos ensina.

— Não! Não sei; desisto.

— Pois é que vamos ter um netinho...

— Um netinho. Teu ainda pode ser. Agora meu é que não.

— Bem, não sejas mesquinho.

— Não, não; gosto da propriedade de linguagem. O filho duma enteada não é neto.

— E o enteado da filha? Como é?

— Tens razão, Rosita... E depois dizem que é rica esta nossa pobre língua castelhana... rica língua... rica língua...

— Que coisas que te lembram sempre, Emetério!

para reaver-me. Como não cheguei bem a ser «sua» esposa... Perdê-me e procure esquecimento nos seus livros de química...

«Clarisse».

Nota: Sei de tudo que se tem passado entre vocês. Não tente nada!

«Gil».

— O miserável! — Explodi, esquecendo a presença do marido. — Enganou-me o bandido...

— Como?! Que diz você? Levou algo seu?! — Exclamou na sua obtusidade. Estendeu-se sobre o sofá, soluçando desesperadamente.

Puz-me a medir o quarto em grandes passadas, enquanto meditava. Clarisse estava perdida, tanto para mim como para Lavoisier. Gil não era homem que desistisse de seus intentos. Merecia bem que fosse procurado e sofresse o castigo de seu ato. Mas quem o faria? Eu?! Não tinha nenhum direito e demais Gil não era homem que se deixasse castigar facilmente. Lavoisier?! Bah! O pobre diabo tremia só de falar em Gil! Era conformarmos.

Fitei penalizado o marido abandonado que se contorcia no sofá, como se estivesse sofrendo violenta cólica de fígado! «Deve ser o único momento em que a química não lhe avassala as idéias».

— Que coisas que te lembram, a ti?

E Emetério ficou a pensar ao ver Paquito: «E este, o genro da minha mulher, o que será ele a mim? Mas que complicação!».

E veio ao mundo a criança, e Emetério tornou-se ainda mais babado.

— Não sabes o amor que lhe estou a ter — dizia ele a Celedônio. — Ele é que vai herdar de mim; será o meu herdeiro universal e único, o do meu dinheiro, entende-se; e em troca morrerei com a satisfação de não lhe ter transmitido nenhuma tara física e a de que, assim, não herdará nada desta simplicidade que tem sido a minha vida. E cuidarei de que não tome gosto à decifração de palavras cruzadas.

— E a Clotilde, claro, com essa coisa de ser mãe, deve ter melhorado.

— Está esplêndida, Celedônio, digo-te que esplêndida, e mais atraente do que nunca. Mas para mim continua a ser uma olha-me mas não me toques!

— E se calhar consolaste com um toca-me e não me olhes.

— Nem tanto, Celedônio, nem tanto.

— Bah! O seguro é fazer como S. Tomé Apóstolo, e torno a dizer-te a frase: «Tocar e crer!».

— Com a Clotilde, Celedônio, contento-me com ver; e ver que é uma jóia, como diz a mãe; é a mãe melhorada.

— Vamos! Sim, melhor engastada. Mas nesse caso consola-te, porque se chegassem a casar a tempo com a Rosita, a Clotilde não teria saído como saiu.

— Sim. Muitas vezes me ponho a pensar como teria sido a Clotilde se eu tivesse sido o verdadeiro pai dela...

— Bah! Talvez que para ela tenha passado o que de melhor há em ti: a idéia que a teu respeito tinha a Rosita...

— Foi o que ela me disse, e mais agora, que estou reduzido à idéia... Mas o pequenito não é nenhuma idéia!

— E esse deve-se a ti, à tua generosidade, porque tu é que casaste o Paquito com a Clotilde. Recordas-te de quando falávamos da tua vocação para o ofício necessaríssimo na república bem organizada?...

— Se me recordo!...

— E tu, seguindo, por vocação casamenteira o caszinho da Clotilde e do Paquito, fizeste de casamenteiro de ti próprio. Admiráveis são os caminhos da Providência!

— Sim, e quando me começava a cansar dos caminhos da vida.

— Tu serviste a Rosita para ela pescar o Martinez, o predestinado que, sem ti, não teria mordido o anzol, e o Martinez serviu-a, a ela própria, fazendo-lhe a Clotilde, para que te pescasse agora a ti...

— E se o Martinez não tivesse morrido? — Diz-me o coração que teria ela acabado por te pescar da mesma forma.

— Mas então...

— Sim, é mais decentemente moral tê-la tirado ao morto...

— E assim resolveu o problema da sua vida.

as", pensei. Instantaneamente me consolei da perda de Clarisse, como já me consolara antes ao perder outros amores. Pelo menos aquela besta não a possuiria mais... Se é que a possuiria algum dia...

Ergui-o do sofá, abraçando-o, egoisticamente quase feliz, enquanto lhe dizia:

— Console-se, homem de Deus! Afinal de contas a culpa foi toda sua... O catalisador falhou...

— Que diz você?! — Inquiriu, abrindo desmesuradamente os olhos nos quais se refletiam toda estupidez!

Expliquei-lhe, então, satisfeito por dar-lhe uma lição de química:

— Duas substâncias, você e Clarisse, não se combinavam ou o faziam muito lentamente. Procurei você uma terceira para apressar a reação da síntese, agindo como catalisador. Entretanto, esta última, em presença das outras, comportou-se como reagente combinando-se com uma delas...

— E o catalisador fui eu!... — Interrompeu Lavoisier, num gemido.

Embora sempre o considerasse um imbecil, incapaz de qualquer dedução, confesso que, nesse instante, tive um pouco de admiração pela rapidez e lógica do seu raciocínio!

RICARDO brilhava EM 1927...



...e continua

brilhando em 1948!

QUAL O SEU SEGRÉDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se des-

tinam.



Até você está em perigo de ter PIORRÉIA! De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Gengivas moles e sensíveis... gengivas que sangram ao escovar os dentes... são sinais de que a implacável Piorrêia — que mina as gengivas e faz perder os dentes — está à espreita.

Se notar qualquer destes sintomas de mau agouro — acate-se! Comece a proteger-se logo contra a Piorrêia usando o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram notável melhora em apenas 30 dias deste tratamento simples.

Vá ao seu dentista com regularidade. Siga as indicações dele. E para manter seus dentes firmes e brilhantes, suas gengivas são e vigorosas — comece a usar *hoje mesmo* o dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com Forhan's



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantada à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as impurezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

— Qual?

— Que pergunta! O de ser tirada a alguém! E tu o da tua.

— E qual é o problema da minha vida, Celedônio?

— O aborrecimento da solidão econômica, por não querer fazer figura de parvo.

— É verdade... é verdade...

— É que o solitário, o aborrecido, dá em fazer solitários — entendes-me?

— e isto acaba por imbecilizar. E o remédio é fazer solitários em companhia...

— Homem, eu te digo! Agora depois da ceia, costumamos pôr a Rosita e eu, junto à braseira, a jogar a biscoita...

— Não te dizia, Emetério, não te dizia? Estás a ver? E ela faz batota contigo, não é isso?

— As vezes...

— E a ti diverte-te que ela a faça, e ris-te, como se te fizessem cócegas, de que ta façam. E deixas-te enganar? Deixas que ela te faça isso? Pois essa é toda a filosofia do sentimento cômico da vida. Dos gracejos que se fazem nas comédias por conta dos cornos ninguém se ri mais do que os próprios cornos quando são filósofos, quando são heróicos. Gozar em sentir-se ridículo? Prazer divino, esse de alguém se rir de que se riam dele...

— Sim, já se disse aquela de que: «Não nos ponha minha mulher: se mos puser que eu não o saiba: e seu eu o souber que me não importe...».

— Isso, Emetério, é mesquinho e triste. Há que se elevar mais do que isso e deve ser assim: «se ela goza em mos pôr, eu, por amor dela, que lhe dê esse prazer...».

— Mas...

— E mesmo há outro grau maior de elevação, que o de alguém se fazer espetáculo para que o mundo se divirta?...

— Mas eu, Celedônio...

— Não, tu, Emetério, não te elevaste a esses cumes de excelência, ainda que tenhas cumprido perfeitamente. E agora continua a jogar a biscoita, mas sem arriscar nada, desinteressadamente, que no desinteresse é que está a graça... E na graça é que está a vida...

— Bom, basta, porque esses conceitos perturbam-me a cabeça.

— Pois coça o cachão, que assim te cairá a caspa.

E agora, meus leitores, os que tenham lido antes os meus «Amor e pedagogia» e «Niebla», e as minhas outras novelas e contos, recordando que todos os protagonistas delas, os que me fizeram, morreram ou se mataram — e um jesuita já chegou a dizer que sou um indutor ao suicídio — perguntarão a si próprios como acabou Emetério Afonso. Mas estes homens assim, como o Emetério Afonso, — ou D. Emetério de Afonso, — não se matam, nem morrem; são imortais, ou melhor, ressuscitam em cadeia. E confio, leitores, que o meu Emetério Afonso será imortal.

— FIM —

Por três chelins e meio

(Cont. da pág. 16)

devia pôr outro chelim no medidor para que ele continuasse correndo. Agitada, afogando soluços, entrou em casa em procura de um chelim para o medidor. Não podia suportar que desta vez também fosse burlada. Havia fracassado no seu intento; toda sua vida tinha sido isso: fracassar. A vida a tinha humilhado e era demais para ela. A morte a humilhava agora e isto era também demais. Era preciso conseguir a moeda de um chelim.

No bolsinho da blusa de malha não encontrou a desejada moeda; tudo o que continha era uma de meio chelim, outra de três pence e, três de meio penny. Tampouco achou um chelim no jarro da chaminé. Teria que ir, desfeita e enojada, pedir emprestado o preço de sua liberdade. A tarifa para abandonar aquele subúrbio de Chorley era um chelim e para pagá-lo teria que pedir um favor, ficar devendo ao subúrbio. Depois,

os outros diriam: "Não tinha em casa nem um chelim para fazer funcionar o medidor de gás. Veio pedir-nos um, emprestado." Assim, até depois de morta zombariam de suas misérias. Porém, estava ficando tarde. Estava perdendo tempo. Bob chegaria dum momento para outro. Seria preciso deixar tudo para outra vez. Ou, supondo que a surpreendessem no seu intento, seriam capazes de prendê-la e processá-la por tentativa de suicídio... Sem poder viver. Sem poder morrer. Que situação horrível!

Deixou de soluçar. Acabava de ouvir uma pancada na porta.

Que batam. Que chamem às vezes que queiram. Que lhe importava?

Repetiu-se o chamado e ela pensou de repente: "Talvez possa emprestar-me um chelim." Era uma coisa corrente, no bairro, pedir emprestado um chelim para o medidor de gás.

Atravessou o vestibulo escuro e abriu a porta.

— Cobrador do gás — anunciou uma voz cordial.

— Cobrador do gás... — repetiu ela vagamente.

— Sim, senhora; para retirar seus chelins do medidor. Tarde escura, hein? Ah! tem o medidor na cozinha? Olá! parece que há um escapamento...

Precedeu o homem, mostrando-lhe o caminho. Com um pontapé apartou o capacho. Aproximou-se do fogão e fechou a chave.

— As vezes uma corrente de ar apaga a chama...

— Cuidado, senhora! É preciso evitar essas coisas. Não sabe que uma explosão de gás pode mandá-la pelos ares por cima deste subúrbio de Chorley? Hein? Que lhe parece?

Era um homem de bom humor. Chelrou o forno e abriu e fechou as torneiras. Depois subiu na mesa para alcançar o medidor. Retirou as moedas da caixa e as depositou sobre a mesa para contá-las. Chelins, chelins... E para abandonar Chorley bastava só um. A mulher o olhava fascinada.

— A senhora tem sorte. Este medidor é do tipo antigo e o preço do gás baixou, como a senhora sabe. Tenho que devolver-lhe três chelins e meio. Aqui estão.

Deixou-os cair em cima do jornal aberto, e, ao fazê-lo, viu o anúncio.

— Que casualidade! Três chelins e meio; o preço de um corte de cabelo e uma ondulação, neste salão, aqui. — E acrescentou sorrindo: — As senhoras só pensam em mudar de cara, hein?

— Faça-me o favor de pôr um chelim no medidor...

— Não! Absolutamente, minha senhora. É perigoso. Há um escapamento em algum lugar. Vou avisar para que venham revistar a instalação. Por ora será melhor cozinhar com carvão.

A mulher apanhou as moedas do jornal e acompanhou o cobrador até a porta. Descia a trava noturna. Mais além das chaminés das fábricas, as colinas cinzentas esmaeciam nos sombrios resplendores do crepúsculo. O bairro estava situado num alto e da porta da rua a mulher podia contemplar todo aquele turvo West Riding, sumido na fumaça de suas fábricas que se levantavam no vale, entre duas colinas. West Riding, a vila que por tantos anos tinha sido seu cárcere. O ar frio picava a pele, porém, era vivificante, depois do gás que mordida os pulmões.

Sem se dar conta do que estava fazendo, largou a andar pela rua pavimentada de seixos. Com mão trêmula apertava as moedas preciosas. Queria tomar um pouco de ar puro. Logo, mais animada, voltaria a casa para repetir seu propósito que desta vez não falharia.

A ruela formava no final um cotovelo que desembocava na avenida onde passavam bondes entre alegre repique de campainhas e brilhavam as vitrinas das casas de comércio. Numa delas, a de Foster, viu o letreiro dourado: "Corte de cabelo e ondulação, três chelins e meio."

Através da blusa de malha fina, o vento frio lhe mordida as carnes. Sentia os lábios secos e endurecidos. Os joelhos afrouxavam. Se não se sentasse logo, cairia em plena rua.

Entrou, procurando refúgio, no salão de cabeleireiro. O ambiente calido e per-

tumado lhe produziu imediatamente uma sensação de bem estar.

— Que é que a senhora deseja? — perguntou-lhe uma jovem de guardapó branco que se lhe aproximou muito gentilmente.

Porém, ela não podia proferir uma palavra. Estendeu-lhe a mão com os três chelins e meio, olhando um alvo, sem saber porque, sem mais desejo que o de descansar um pouco naquela atmosfera perfumada, luminosa, antes de voltar à sua cozinha escura.

— Cabelo e ondulação? Vai ficar muito bem na senhora. Fazemos por um preço tão baixo porque a casa é nova e queremos que a conheçam. Afirmando-lhe que vai ficar surpresa com a transformação. Venha, minha senhora. Por aqui.

E seguiu a jovem.

Três quartos de hora depois mirou-se assombrada num espelho. Dizendo melhor, não se contemplava a si mesma, quem era aquela graciosa dama de idade madura, de faces levemente rosadas, de cabelos sedosos e curtos que descia em elegantes e perfeitas ondas na frente, sobre as orelhas, na nuca de uma cabeça bem conformada, conforme via por outro espelho que lhe punham atrás?

— Não é verdade, minha senhora, que parece outra pessoa?

Era outra pessoa.

Pagou com as moedas mornas e pagasas que tinha apertadas na mão. No bolsinho da blusa ainda tinha guardada a moeda de seis pence e a de três. Deu-as à jovem, como gorgeta. A jovem apanhou um pulverizador e lhe perfumou o cabelo e o peito com essência de verbena; depois lhe escovou a blusa.

— E agora um pouquinho de pó, minha senhora?

Estava satisfeita com a gorgeta. A maioria das freguesas daquela classe só lhe davam três pence.

— Digo-lhe outra vez, minha senhora: parece outra mulher. Poucas vezes nos sai tão bem o trabalho. Volte dentro de quinze dias e lhe apararei o cabelo somente por um chelim e meio.

Outra mulher.

E embora no caminho de volta a Chorley se lembrasse pela primeira vez de que já não tinha a moeda para o gás e que Bob chegaria dentro de meia hora e que tinha de acender o fogareiro, preparar o chá e aquecer a água para que ele se lavasse e que teria de fazer o mesmo amanhã, depois de amanhã e sempre, não se importava...

Pois, afinal, tinha fugido. Tinha fugido, não de Bob, nem de Chorley, nem da fumaça, nem das vizinhas, nem dos garotos, mas de si mesma. Tinha se apartado de seus cinquenta e três anos, da sordidez em que vivia, da contante humilhação. Era uma mulher diferente. Uma mulher de aspecto agradável, elegante, atraente, o tipo de mulher que Bob admirava e que ela sempre desejara ser.

E, quando entrou em casa e procurou as apalpadelas os fósforos, notou que pela primeira vez, fazia quinze anos, aguardava com agradável ansiedade a volta de Bob.

DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, dadi todos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pílulas Maratu, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pílulas Maratu são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapu (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Alias, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal da sua vida, mesmo que seja devido a idade avançada, deve recorrer a estas pílulas, que darão, não só o entusiasmo perdidos, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pílulas Maratu e saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

AS PANTUFAS E AS GALINHAS BOVINAS

(Cont. da pág. 15)

— Meu caro professor, disse-lhe eu, não sei como cumprimentá-lo pelos resultados, e sobretudo pela discreção que tem mantido em relação a este assunto. Isto vai revolucionar o comércio da carne. Pode agora faltar carne de boi à vontade... Mas, diga-me, já pensou que isto também possa ser aplicado ao homem e a animais ferozes, com efeito nocivo à Humanidade, ao invés do benéfico efeito que pretende conseguir?

— Já, meu amigo. Não lhe queria dizer totalmente o conjunto das minhas experiências, mas posso lhe afirmar que esta minha fórmula — a única que darei conhecimento ao Mundo — só age nas galinhas, mas nelas em qualquer que seja a raça. Elas se dessensibilizam quase que automaticamente logo às primeiras pisadas no solo.

— Então porque estas pantufas, que embora não me tenha dito, vejo que devem ter uma substância protetora qualquer; para que esta defesa para nós?

— “E” o tal negócio do “seguro morreu de velho”. Mal comparando é como o cirurgião que desinfeta as mãos já enluvadas para mexer em um lugar em que há supuração... “Por que já não há pús?” “Então a desinfecção das mãos e luvas não é para esterilizar antissépticamente, quimicamente, evitando conduzir germes para o foco?” “Mas que germes?” “Aqueles da supuração, não?” “Mas se eles já lá estão, que motivos persistem para tais desinfecções?” “Excesso de zelo, “seguro morreu de velho”, amigo...” Pelas minhas experiências, este solo é inofensivo para o homem, mas continuemos a nos defender...

— Ah! Estou compreendendo, disse eu num assentimento.

— “Pois é. O radiologista também não usa seu avental de chumbo, muito embora esteja fora da trajetória dos Raios X? E” que existe também o que se chamam “raios secundários ou refletidos” e eles podem ter a sua influência maléfica, não um ou outro isoladamente, mas a soma de muitos que se absorvem esparsamente... Não pude precisar ainda se a atuação do solo que construí e que o senhor vê que de pavilhão para pavilhão é cada vez mais puro, mais brilhante — aqui é quase liga metálica pura — se esta atuação também se irradia ao ar que se respira. E” como vê um outro ramal do meu estudo, talvez uma máscara venha a ser utilizada, ou coisa parecida, como complemento de proteção além das pantufas. Não, não precisa pôr o lenço no nariz; nesta fase em que ainda estou — a maior galinha que o senhor verá no décimo pavilhão só pesa trezentos quilos — nesta fase ainda não há perigo”.

Entramos então no último, no pavilhão vermelho. Era bem maior do que os outros; o chão, liso, brilhava de ofuscar, parecendo uma vasta lâmina cromada, espelhando o ambiente. No cen-

tro, bem debaixo da tal abertura circular, estava de pé, parada, a galinha bovina. Era seguramente maior que um boi destes de pasto e como me afirmara o professor, estava ainda mais mansa do que as outras, pelo maior efeito do solo de lava de vulcão metalizada, na irradiação sob suas patas. Teve uma espécie de bocejo — bocejo de galinha, já se vê que é só abrir o bico e ficar com os olhos tristes — e abriu as asas. Que gigante! As penas que só serviriam para a peteca do homem das botas de sete léguas, varreram o vidro bem no lugar em que eu olhava arregalado e curioso, escurecendo tudo.

— Professor; pode contar com o empréstimo para terminar suas experiências. O senhor é um verdadeiro cientista e benfeitor da Humanidade — disse eu já no automóvel, a pensar em não entrar mais na fila da carne de vaca.

— Obrigado. Sabia que seria assim. Mostrei-lhe tudo em desespero de causa, para conseguir o dinheiro. Creio que não necessito apelar para suas qualidades de cavalheiro em relação ao segredo que peço manter.

— Dou-lhe minha palavra de honra. No dia seguinte levou a importância e a seguir perdi-o de vista, transferido que fui para a agência de Porto Alegre.

Passaram-se alguns meses, e já estava eu para pedir ao Tavares qualquer notícia, quando entre a correspondência encontro o seguinte telegrama:

Urgente, Gerente Banco Dinheiral, Porto Alegre.

Comum amigo professor Ramil carbonizado violenta explosão Rio-Petrópolis depósito lava vulcão aquecida destruiu totalmente local experiências pt. Enviei corôa nosso nome pt Abraços Tavares

★

Foi esta a estranha aventura de que me lembrei ao calçar as pantufas.

LETRAS INGLESA

“The Theatre Outlook” — De J. B. Priestley — Um grande dramaturgo inglês, J. B. Priestley, autor de peças como “Laburnum Grove”, “The Roundabout”, “Dangerous Corner” e outras, dá-nos em interessante livro, com oito ilustrações coloridas e trinta e duas em branco e preto, uma interessante visão do movimento do teatro de arte na Inglaterra. A edição é de Nicholson & Watson. Priestley está atualmente, vinculado ao Instituto Internacional de Teatro, filiado ao UNESCO.

“I Have Been Here Before” — J. B. Priestley — A última das peças em três atos do grande dramaturgo inglês aparece em elegante edição de Longmans, Green & Co., como parte da coleção “Essential English Library”, dirigida por C. E. Eckersley. Trata-se de uma obra de fundo espiritualista, muito eficiente como obra dramática, e seguida de um elucidário, demonstrando a significação das palavras coloquiais usadas no seu texto.

“The Other Theatre” — Norman Marshall — Numa excelente edição de John Lehmann, o crítico teatral Norman Marshall historia a vida do teatro não comercial na Inglaterra, revelando autênticos milagres do bom amadorismo. Numerosas gravuras mostram como têm sido montadas numerosas peças de Shakespeare, inclusive “Macbeth” e “Hamlet”, ambas em trajes modernos, eliminando despesas de encenação, e igualmente como foram dadas peças de Lenormund, Eugene O'Neill, William Saroyan e outros. Um excelente livro. Particularmente interessante o capítulo sobre o desenvolvimento do “ballet” inglês.

“Peace In Our Time” — Noel Coward — O mais prolífico e efusante dos novos dramaturgos ingleses, dialogador incomparável especialmente quando trata situações e personagens satíricos, em “Peace in our time” dá-nos outra peça séria, que se pode colocar ao lado de “Cavalcade”. Essa nova obra, em dois atos e oito quadros, foi dada no Lyric Theatre, de Londres, tendo merecido uma longa apreciação em um artigo de Jorge Maia para a REVISTA DA SEMANA. A edição é de William Heinemann, Ltda.

“19 Stories” — Graham Greene — Romancista de sucesso, com vários livros filmados, entre os quais “Ministry of Fear”, Graham Greene aparece como contista, com dezenove esplêndidas narrativas, edição de William Heinemann, Ltda. São particularmente impressionantes os contos “A second death” e “The other side of the border”. Graham Greene será, em breve, uma das grandes figuras de renome internacional das letras inglesas.

“The Gipsy's Baby And Other Stories” — Rosamond Lehmann — Uma escritora inglesa cujo nome já é bastante conhecido no Brasil, através de várias traduções de seus romances e contos, assina esse volume que foi recentemente lançado pelo editor Collins, de Londres. Cinco diferentes histórias, na melhor tradição de Rosamond Lehmann, compõem esse volume, sendo que a primeira lhe dá o título. Trata-se de um volume composto com colaborações que apareceram, primitivamente, na excelente publicação “New Writing”, da Penguin Books.

“Thereza And Other Stories” — Seann O'Zolain — Um escritor de origem irlandesa, — que é também a de Liam O'Flaherty, Sean O'Casey, Oscar Wilde, G. B. Shaw, Lady Gregory, Paul Vincent Carroll, etc., — brilha em Londres como contista de primeira ordem. Uma das melhores histórias do volume é a de uma mulher que se apaixonou por Clark Gable e obrigava o marido a assistir, com ela, inúmeras vezes, a mesma película, sobre o terremoto de San Francisco.

PROTEJA SEU FILHO CONSULTANDO O

GUIA DAS MÃES



O grande Coelho Netto escreveu: “Este livro à cabeça das mães, será um escudo de proteção para os filhos”. Acaba de sair a 10.ª edição.

Preço: Cr\$ 50,00

Pedidos à Livraria Francisco Alves.
— Rio — Rua do Ouvidor, 166. São Paulo — Rua Libero Badaro, 292. Belo Horizonte, Rua Rio de Janeiro, 656.



O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

AGORA SÓ SOFRE DO ESTÔMAGO QUEM QUER!!!

Certas doenças do estômago têm, quase sempre, como causa básica o excesso de acidez do suco gástrico. Com o correr do tempo, essa anomalia funcional do estômago provoca sérios distúrbios que acabam por desequilibrar completamente o sistema digestivo dando lugar a uma infinidade de moléstias, que vão se tornando cada vez mais agudas e são causa de graves sofrimentos e sacrifícios. A flatulência, a dispepsia, a má digestão, o mau hálito, a língua saburrosa, as dores de estômago, as digestões lentas e dolorosas, as cáimbras na boca do estômago, e mesmo, as perigosíssimas úlceras são provocadas pelo excesso de acidez do suco gástrico. Felizmente, agora, com os Papéis Bankets, é fácil corrigir rapidamente e para sempre estes males que causam tantos sofrimentos e que tornam a vida de tantas pessoas um verdadeiro inferno, impossibilitadas como ficam de alimentar-se bem e mesmo, de atender as suas obrigações diárias. Se V. S. é vítima de algumas destas moléstias do estômago, proceda a um tratamento racional com os Papéis Bankets. As suas propriedades sedativas e medicamentosas atuam decisivamente sobre o mal, corrigindo-o em pouco tempo e para sempre.

A TEMPORADA LIRICA DE 1948

(Cont. da pág. 11)

Rina Gigli, na opinião dos que a ouviram, não desmerece o nome. Aliás a filha de Ezio Pinza estreou, recentemente, com muito sucesso. Vamos escapando, pouco a pouco, àquele preconceito de que participava Rossini: aos filhos de homens de talento, em geral, falta toda a inteligência e a sensibilidade que sobrou nos pais... Era, de resto, esta a tese favorita de Rossini. Consultado por certa pianista de grande fama sobre a filha desta senhora com um cantor, igualmente ilustre, Rossini, convidado pela mãe a investigar qual das duas artes estaria mais de acordo com a disposição da menina, declarou:

— Ora, minha senhora, quer um conselho? Faça dela uma boa mãe de família...

OUTROS CANTORES

O sr. Luigi Oldani, adiantando detalhes sobre a temporada, citou alguns dos nomes que constituirão o elenco do Scala a ser trazido ao Brasil. Elizabetta Barbato, que já conhecemos e admiramos; Mafalda Favero, Ebbe Stignani, que, como Gigli, aqui esteve, o ano passado, matando saudades; Enzo Mascherini, Giulio Neri, Alessandro Sved, que em temporadas anteriores nos visitaram. Além desses virão, também, Ramon Vinay, Francesco Albanese. Provavelmente teremos, ainda, Tito Schippa e Raffaele de Falchi.

— E é baseado nesses elementos, com o repertório a que aludi, — concluiu o sr. Oldani, — que posso assegurar que, honrados com o convite do Teatro Municipal, traremos a autêntica arte lírica italiana ao Rio de Janeiro.

70% DOS ALUNOS DA ESCOLA DE BELAS ARTES SÃO MULHERES

(Cont. da pág. 10)

Uma das soluções encontradas até agora pelas estudantes foi a de procurarem casar-se com pintores e escultores. E o número desses «casamentos profissionais» é enorme. Podemos citar, entre outros, os casais: Ivone e H. Cavallero; Haydée e Manoel Santiago; Hilda e Quirino Campofiorito; Ana Caribé e Almeida Junior; Olga Mary e Raul Pedrosa; Beatriz Oswald e Ahmés Paula Machado; Elsy Guimarães e Telmo Jesus Pereira; Alda Monteiro de Barros e Pacheco da Rocha; Cordélia Eloy de Andrade e Gilson Navarro... A lista seria longa se fosse completa. Bastam, porém, esses exemplos. Das mulheres que conseguiram se projetar nas artes plásticas, só se conhecem os nomes daquelas que tiveram a felicidade de encontrar um marido artista.

SÓ PARA HOMENS

Como a invasão das artes plásticas no Brasil pelo elemento feminino é relativamente recente e a sua entrada tem sido permanentemente dificultada, as glórias conseguidas pelas artistas têm sido bem pequenas em número. Até agora nenhum prêmio de viagem do Salão foi concedido a uma mulher, muito embora a sua pioneira, d. Georgina de Albuquerque, — prêmio da Escola, — tenha exposto o seu primeiro trabalho no Salão de 1912. Até há alguns anos atrás, quando se via no Salão uma pintura perfeita, mas assinada por mão feminina, surgiam logo os julgamentos: — «Isto não foi pintado por ela». É possível que esse descrédito não tenha influenciado os membros dos júris; de qualquer modo era um elemento desfavorável para as expositoras. Acreditava-se também que a mão feminina somente seria capaz de pintar florzinhas em jarros e paisagens medíocres. Foi necessário que o traço vigoroso de Georgina de Albuquerque, Hilda Campofiorito, Dinorah Simas Enéas e algumas outras desfizessem essa impressão absurda. Assim mesmo, apesar de todo o indiferentismo, das oposições e combates surgidos contra elas, várias alunas da E.N.B.A. conseguiram a «medalha de ouro» na terminação do curso, vencendo valentemente os seus colegas barbados. Entre as premiadas com medalhas de ouro podemos destacar: Dinorah Simas Enéas, a primeira mulher a receber tal distinção. Isso aconteceu em 1915. A segunda foi a escultora Margarida Lopes de Almeida, filha da romancista Júlia Lopes de Almeida e do poeta Filinto de Almeida, que a recebeu por volta de 1925. Pouco antes da extinção desses prêmios, foi agraciada a artista Zélia Ferreira, pintora e escultora.

A PINTURA JÁ É UM USUAL MEIO DE VIDA

Um dos fatores que têm contribuído para tornar mais acreditadas as artes plásticas são as diversas atividades que começam a se utilizar dos desenhistas, pintores e escultores. Jornais, revistas de

modas, figurinistas, escritórios de publicidade aproveitam rapazes e moças da E.N.B.A. e algumas dessas profissões pagam salários compensadores. Isto quer dizer que a arte posta a serviço do comércio e da indústria produz dinheiro. E muitos dos nossos artistas, hoje famosos, serviram-se dessa utilidade para o custeio dos seus estudos e para abafar um pouco as críticas da família e dos vizinhos que teimavam ver no ideal do artista um futuro de miséria. Entre esses podemos citar: Armando Pacheco, Percy Lau, Percy Deanne, Yantock, Alberto Lima, Quirino Campofiorito, Santa Rosa, Felicitas (mulher), Calmon Barreto, Henrique Sálvio, Cândido Portinari, José Rangel. Prêmio de Viagem ao País no Salão de 1947 e muitos outros.

A MULHER COMO PROFESSORA DE BELAS ARTES

Outra grande barreira vencida pela mulher foi a do ensino na própria Escola Nacional de Belas Artes. Depois de Georgina de Albuquerque algumas dezenas de moças passaram pela E.N.B.A. Nenhuma, nem a própria vanguardista, conseguira lecionar. Havia prevenção e, como já dissemos, completo descrédito pela capacidade feminina. Só em 1935 é que a pintora Dinorah Simas Enéas conseguiu vencer um concurso e lecionar. Outras vieram depois, e hoje o seu número já é bem razoável. Contam-se como professoras e assistentes as pintoras ou escultoras: Maria Adelaide Albano, Georgina de Albuquerque, Celita Vaccani, Cordélia Eloy Navarro, Dulce Horta Barbosa, Maria Dulce Machado, Giuseppina Pirro e Diana Barberi.

UM PEDIDO DAS MULHERES AOS SENHORES MARIDOS

Nessa reportagem nós ouvimos dezenas de artistas. Homens, mulheres, estudantes, veteranos. Creemos estar interpretando o pensamento de todos quando dirigimos este apelo aos maridos. Sim, principalmente aos maridos, porque são eles que perturbam, impedem e sacrificam muitas vezes a carreira artística da jovem esposa. O desenvolvimento das artes plásticas é propagação de cultura e, de qualquer forma, esses maridos ciumentos, retrógrados, egoístas e obtusos estão prejudicando a coletividade. O apelo das estudantes dirige-se principalmente aos noivos. Por favor, mocinhos desconfiados, peçam a pequena em casamento, mas não imponham condições a respeito do abandono da pintura. Sejam os primeiros a incentivá-las e não criem complexos de inferioridade ante a glória da noiva ou da esposa.



Assumiu a presidência do Aeroclube do Brasil o engenheiro Lima Neto, em virtude de ter solicitado demissão o sr. Camilo Nader. O novo presidente exercerá as funções em caráter provisório até as próximas eleições, que se deverão realizar em junho vindouro. Atualmente essa entidade está passando por uma fase de ampla reorganização, não só para incrementar suas atividades de voo como ainda para recuperar e remodelar o seu material.

*

O Aeroclube do Brasil, tendo terminado a instrução de 8 alunos monitores e 8 candidatos à carteira de pilotos de recreio e desporto, solicitou banca examinadora à Diretoria de Aeronáutica Civil. Os exames dos novos instrutores e pilotos civis realizar-se-ão, provavelmente, em princípios de abril próximo.

*

A Lockheed Aircraft Corporation está planejando uma versão de carga do "Constellation", com portas maiores, fundo reforçado e um transportador de carga.

*

Encontra-se no Rio de Janeiro o novo avião de passageiros fabricado pela "Glen Martin Mars". Trata-se de um bimotor, projetado e construído depois da guerra, com características que o colocam em condições de substituir com vantagens o atual "DC3". É o "Martin-9", com capacidade para 40 passageiros, desenvolvendo uma velocidade de cruzeiro superior a 260 milhas horárias, ou sejam mais de 420 quilômetros. O aparelho tem ainda qualidades extraordinárias de decolagem, pouso e ângulo de subida, e o seu custo de operação é baixo.

Segundo estamos informados, uma de nossas maiores empresas aéreas adquiriu 4 desses aviões para serem empregados na linha Rio-S. Paulo.

*

O Conselho da Organização de Aviação Civil Internacional (ICAO) deu início a um trabalho destinado a reduzir o número de acidentes aeronáuticos produzidos por choques contra elevações do terreno, devido às más condições meteorológicas reinantes, tendo, para isso, pedido a cada um dos 46 países membros da ICAO que faça um estudo crítico de seus regulamentos e métodos de navegação aérea vigentes, afim de determinar as deficiências que sejam causa de tais acidentes. Os resultados desse estudo deverão ser remetidos antes de 1.º de maio ao Conselho, que os considerará e decidirá se a ICAO poderá ou não aumentar, em forma mais adequada, a segurança dos vãos internacionais.

*

Em informe enviado aos países cujas linhas aéreas atravessam o Atlântico do Norte, o Conselho da Organização de Aviação Civil Internacional (OAGI) estuda a possibilidade de dividir, mediante acordo entre essas nações, os gastos de exploração dos serviços de radiocomunicação, radioajudas a navegação aérea, instalações de regulação do trânsito aéreo e serviço meteorológico existentes na Islândia. Calcula-se que o custo desses serviços, os quais compreendem estações de rádio emissoras e receptoras, um centro regulador do trânsito aéreo e uma rede de estações que fornecem informações e previsões meteorológicas, se elevaria a 600.000 dólares por ano.

*

O Comitê de Comércio Interestadual e Estrangeiro do Senado norte-americano aprovou, sem discrepância de um voto, a nomeação de John R. Alison, da Flórida, para Secretário Assistente de Comércio para o Ar. A oposição a Alison, baseada na sua alegada participação no mercado de cereais, não chegou a se materializar.

*

Um avião transporte estratosférico "Boeing YC-97A", o primeiro de uma série de três de seu tipo que estão sendo construídos para a Força Aérea dos Estados Unidos, fez seu primeiro voo de experiência com pleno êxito, ficando 1 hora e 13 minutos no ar. O transporte é uma cópia da Superfortaleza "Boeing B-50", pesa 61.235 quilos, tem uma envergadura de asas de 42m,98 e 33m,53 de comprimento. Externamente é idêntico ao transporte comercial "Boeing Stratocruiser".

*

A Força Aérea dos Estados Unidos divulgou, em Los Angeles, que as provas de voo com o "Flying Wing" de 100 toneladas da Northrop demonstraram ser este o aparelho a jato mais potente e de maior autonomia de voo do mundo, bem como o mais veloz. Segundo o relatório da Força Aérea, a autonomia de voo do "Flying Wing" é de "algumas centenas de milhas" maior do que a de qualquer outro avião a jato e sua velocidade é ligeiramente inferior à velocidade do som. O modelo único tem como resultado maior capacidade de transporte de carga.

(Noticiário compilado por E. DE OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.



TRADICIONAL QUINZENA DOS TAPETES

Tapetes e passadeiras de forração

NACIONAIS, FRANCESES, INGLESSES, AMERICANOS, PORTUGUESES, INDIANOS, PERSAS (LEGÍTIMOS), ETC.

A preços que convêm



fundada em 1912

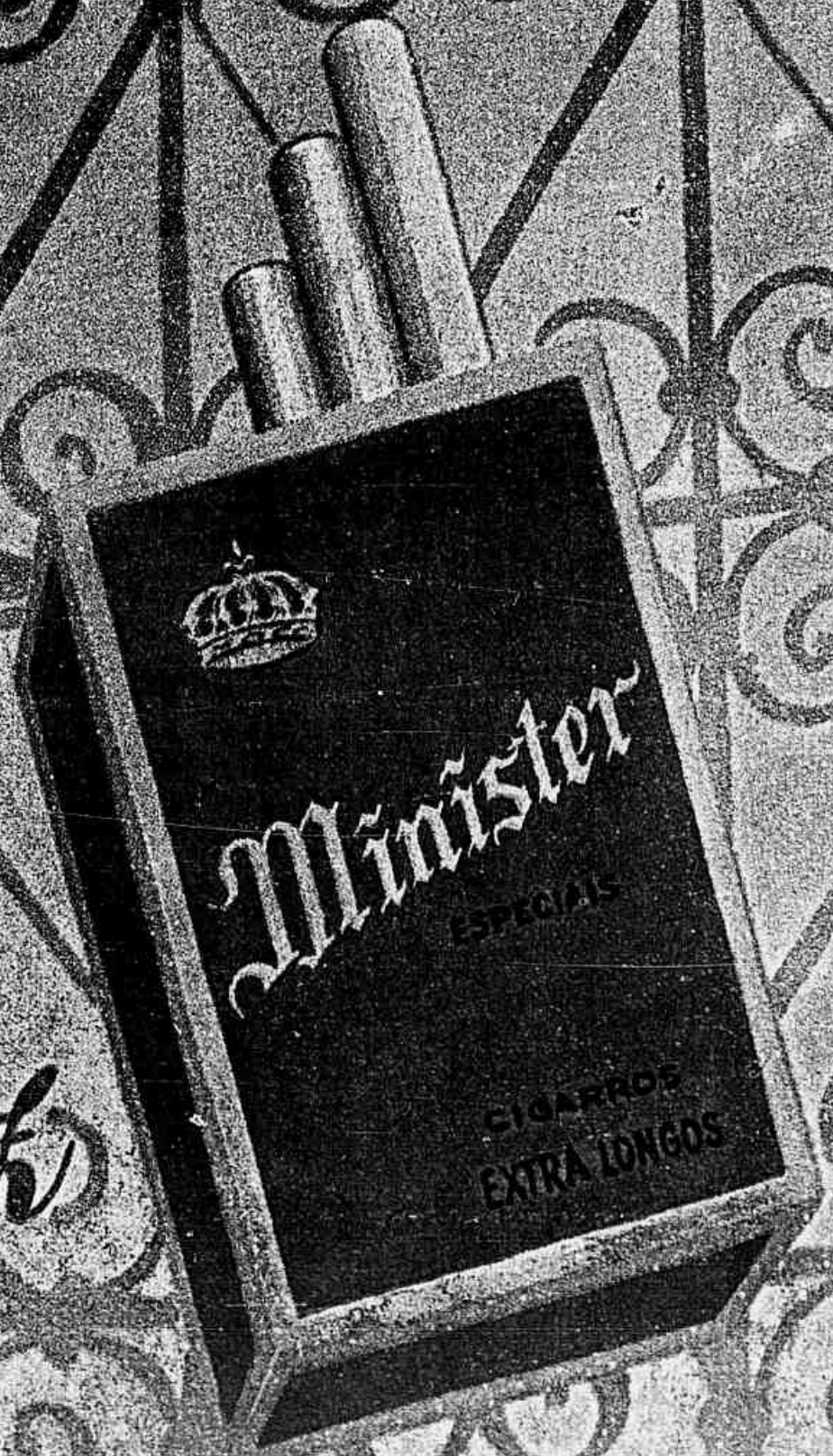
65, RUA DA CARIOCA, 67 - Rio

Orçamentos e sugestões por técnicos especializados em decorações

Minister

CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz



Himmel